

**Coleção**  
**Sexualidade & Mídias**

**ANA CLÁUDIA BORTOLOZZI**  
**LEILANE RAQUEL SPADOTTO DE CARVALHO**  
**GEORGE MIGUEL THISOTEINE**  
**BRENDA SAYURI TANAKA**  
**DÉBORA DE ARO NAVEGA**  
**(ORGANIZADORES)**

# **LEITURAS SOBRE A** **SEXUALIDADE**

**FEMINILIDADES, OPRESSÕES**  
**E RESISTÊNCIAS**

**VOLUME 14**



**Pedro & João**  
editores

**LEITURAS SOBRE A SEXUALIDADE:**  
**feminilidades, opressões e**  
**resistências**

**Coleção Sexualidade & Mídias**  
**Volume 14**





Ana Cláudia Bortolozzi  
Leilane Raquel Spadotto de Carvalho  
George Miguel Thisoteine  
Brenda Sayuri Tanaka  
Débora de Aro Navega  
(Organizadores)

**LEITURAS SOBRE A SEXUALIDADE:  
feminilidades, opressões e  
resistências**

**Coleção Sexualidade & Mídias  
Volume 14**



**GPESEC**

Grupo de Estudos e Pesquisa em  
Sexualidade, Educação e Cultura

  
**Pedro & João**  
editores

**Copyright © Autoras e autores**

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

O conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu (s) respectivo (s) autor (es).

---

**Ana Cláudia Bortolozzi; Leilane Raquel Spadotto de Carvalho; George Miguel Thisoteine; Brenda Sayuri Tanaka; Débora de Aro Naveg [Orgs.]**

**Leituras sobre a sexualidade: feminilidades, opressões e resistências.**  
**Vol. 14. Coleção Sexualidade & Mídias.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.  
202p. 14 x 21 cm.

**ISBN: 978-85-7993-909-9 [Impresso]**  
**978-85-7993-910-5 [Digital]**

1. Sexualidade. 2. Relacionamentos afetivos. 3. Relacionamentos sexuais.  
4. Desenvolvimento humano. I. Título.

CDD – 150

---

**Capa:** Petricor Design

**Diagramação:** Diany Akiko Lee

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

**Conselho Científico da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/ Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



**Pedro & João Editores**

[www.pedroejoaoeditores.com.br](http://www.pedroejoaoeditores.com.br)

13568-878 – São Carlos – SP

2021

# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>9</b>
Débora de Aro Navega Brenda Sayuri Tanaka	
<b>Capítulo 1</b>	<b>15</b>
<i>A FILHA PERDIDA: A RECONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DE UMA MÃE “MÁ” E A CONSTRUÇÃO DE NOVOS CAMINHOS PARA A IDENTIDADE FEMININA</i> Bárbara Borges Aguida Geraldes Giovanna Galasso Pannunzio Giulia Pedroso Caniçais	
<b>Capítulo 2</b>	<b>35</b>
<i>AMOR NO ESPECTRO: OS DESAFIOS ENFRENTADOS POR MULHERES NO ESPECTRO AUTISTA NO ESTABELECIMENTO DE RELACIONAMENTOS AMOROSOS</i> Ingrid Barros de Lau Mariana Furtado Manzaro Natália Carolline Corrêa	
<b>Capítulo 3</b>	<b>53</b>
<i>BLASFÊMEA, DE LINN DA QUEBRADA: BREVES APONTAMENTOS SOBRE A RELAÇÃO ENTRE VIOLÊNCIAS E EXPERIÊNCIA DA SEXUALIDADE POR MULHERES TRANS E TRAVESTIS</i> Marcos Paulo Martins Ferreira	

<b>Capítulo 4</b>	<b>71</b>
BROOKLYN NINE-NINE: DEBATES ACERCA DO ASSÉDIO SEXUAL NO TRABALHO E DA INVISIBILIZAÇÃO DA PALAVRA DA MULHER Alessandra Lopes da Silva Letícia Cardoso de Oliveira	
<b>Capítulo 5</b>	<b>91</b>
MAID: UMA ANÁLISE DE RELACIONAMENTOS COERCITIVOS SOB A PROPOSTA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL Mayra Fernanda Mendes Braga Sabrine de Anne Santos Dias Stefany Montagner Bonifácio	
<b>Capítulo 6</b>	<b>111</b>
O CÉU DE SUELY: UMA ANÁLISE MARXISTA DAS RELAÇÕES DE GÊNERO A PARTIR DA TEORIA DO COTIDIANO Amanda Marques Ramalho Leda Leite Ferreira Marina Nascimento de Sousa	
<b>Capítulo 7</b>	<b>131</b>
O FABULOSO DESTINO DE AMÉLIE POULAIN: UMA LEITURA SOBRE NARCISISMO, TRANSFERÊNCIA E SEXUALIDADE Victória Nuri Habedank Vallespin Fábio Ramos Teixeira	

<b>Capítulo 8</b>	<b>149</b>
PIECES OF A WOMAN: SEXUALIDADE NO PUERPÉRIO, VIOLÊNCIA CONJUGAL E MISOGINIA	
Vanessa de Oliveira Neves	
<b>Capítulo 9</b>	<b>169</b>
THE BOLD TYPE: IMAGEM CORPORAL E SEXUALIDADE FEMININA APÓS MASTECTOMIA PROFILÁTICA	
Beatriz Fernandes Pipino Giulia Mariano Marçal Pereira	
<b>SOBRE OS (AS) AUTORES (AS)</b>	<b>189</b>
<b>SOBRE AS (O) ORGANIZADORAS (OR)</b>	<b>195</b>
<b>SOBRE O GEPESec</b>	<b>197</b>
<b>OUTROS VOLUMES DA COLEÇÃO SEXUALIDADE &amp; MÍDIAS</b>	<b>199</b>



## APRESENTAÇÃO

Débora de Aro Navega  
Brenda Sayuri Tanaka

O 14º Volume da **Coleção Sexualidade & Mídias**, “*Leituras sobre a Sexualidade: feminilidades, opressões e resistências*” é composto por nove capítulos de autoria de graduandos/as que cursaram a disciplina “Desenvolvimento e Educação Sexual” ofertada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Cláudia Bortolozzi no Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências/ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP (*campus* de Bauru). Junto com o colega George Thisotheine, tivemos o prazer de realizar monitoria/estágio docência na referida disciplina, participando do processo formativo que culminou, entre outras, nas produções das análises de filmes e materiais midiáticos reunidas nesta obra.

No cerne do presente volume estão as feminilidades, englobando várias questões como: maternidade, puerpério, autoimagem de mulheres mastectomizadas, entre outros. Infelizmente, percebemos que tais vivências, muitas vezes, são marcadas pela invisibilidade social. E há casos ainda piores, de opressões sociais e violência de gênero - outros assuntos também discutidos nos capítulos -, abarcando: transfobia, assédio sexual no trabalho, violência doméstica, etc.

No conjunto, a obra tem importante papel ao colocar tais questões em pauta, rompendo o silenciamento e apontando caminhos para o enfrentamento da violência de gênero, na direção de transformações afirmativas da dignidade, da valorização e do desenvolvimento das mulheres.

Além disso, diversas perspectivas teóricas embasam as análises, o que é enriquecedor para a compreensão dos assuntos, bem como, por nos apresentar diferentes possibilidades de articulações teóricas nos estudos em sexualidade.

O capítulo 1, **A Filha Perdida: a reconstrução da história de uma mãe “má” e a construção de novos caminhos para a identidade feminina**, das autoras Bárbara Borges Aguida Geraldes, Giovanna Galasso Pannunzio e Giulia Pedroso Caniçais, lança luz - a partir da Psicologia Histórico-Cultural e da crítica feminista - ao tabu da maternidade “real”, problematizando os conflitos decorrentes das expectativas sociais idealizadas de maternidade, em suas imbricações com os papéis sociais, a identidade, a autonomia e a realização pessoal das mulheres.

O capítulo 2, **Amor no Espectro: os desafios enfrentados por mulheres no espectro Autista no estabelecimento de Relacionamentos amorosos**, das autoras Ingrid Barros de Lau, Mariana Furtado Manzano e Natália Caroline Corrêa, aborda recentes e relevantes discussões acerca do encobrimento de sintomas, do diagnóstico tardio e do reduzido suporte recebido por meninas/mulheres com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Explicita também as expectativas (ou efetiva vivência) de relacionamentos afetivo sexuais, pontuando algumas similaridades e diferenças intragrupo, no sentido da desconstrução de preconceitos e estereótipos sobre a sexualidade de pessoas no espectro.

No capítulo 3, **Blasfêmea, de Linn da quebrada: breves apontamentos sobre a relação entre violências e experiência da sexualidade por mulheres trans e travestis**, o autor Marcos Paulo Martins Ferreira mostram como mulheres trans, em suas obras artísticas, denunciam e repudiam a discriminação e a violência transfóbica,

afirmando a legitimidade de sua identidade e expressão de gênero. Discutem sobre a interseccionalidade que culmina na vulnerabilidade acrescida das travestis negras, e problematizam também sobre o desejo e o ódio endereçados às mulheres trans, comumente tidas como objeto sexual, ao mesmo tempo em que privadas de afeto e vitimizadas pela violência.

No capítulo 4, **Brooklyn Nine-nine: debates acerca do assédio sexual no trabalho e da invisibilização da palavra da mulher**, as autoras Alessandra Lopes da Silva e Letícia Cardoso de Oliveira apresentam as problemáticas em torno da falta de reconhecimento social e institucional do assédio sexual de mulheres no ambiente de trabalho, da culpabilização da vítima e da consequente impunidade do agressor. E ressaltam a importância da denúncia, tanto para a resolução do caso para a vítima, quanto para - como modelo - fomentar uma transformação cultural nesse campo.

Outro tipo de violência contra mulheres – a doméstica - é o enfoque do capítulo 5, **Maid: uma análise de relacionamentos coercitivos sob a proposta analítico-comportamental**, das autoras Mayra Fernanda Mendes Braga, Sabrine de Anne Santos Dias e Stefany Montagner Bonifácio. Pelo referencial da Análise do Comportamento, é estruturada uma análise funcional de processos comportamentais em relacionamentos coercitivos, que se mostra muito útil e interessante, pois permite a identificação, com clareza, das multideterminações envolvidas na perpetuação e/ou no rompimento do ciclo de violência.

No capítulo 6, **O céu de Suely: uma análise marxista das relações de gênero a partir da teoria do cotidiano**, as autoras Amanda Marques Ramalho, Leda Leite Ferreira e Marina Nascimento de Sousa nos conduzem a refletir, pela perspectiva marxista, sobre como as relações sociais, sobretudo de trabalho, no sistema capitalista e patriarcal,

determinam nossa (des)humanização. Nessa conjuntura, o imperativo da sobrevivência joga contra a autonomia, e a alienação pode comprometer a dimensão da sexualidade, nas expectativas ou vivências de amor romântico, casamento, maternidade, prostituição, etc.

O capítulo 7, **O fabuloso destino de Amélie Poulain: uma leitura sobre narcisismo, transferência e sexualidade**, de autoria de Victória Nuri Habedank Vallespin e Fábio Ramos Teixeira, apresenta - pelo referencial psicanalítico - processos psicodinâmicos que nos permitem compreender estados emocionais, comportamentos e atitudes presentes nas relações sociais, amorosas e consigo. Nessa aguçada análise, acompanhamos o processo de transformação de estados de renúncia de si, isolamento e angústia, após sucessivos encontros e diálogos, para estados de enfrentamento e impulso de vida.

No capítulo 8, **Pieces of a woman: sexualidade no puerpério, violência conjugal e misoginia**, a autora Vanessa de Oliveira Neves defende que as puérperas merecem uma atenção especial, pois vivenciam intensas transformações físicas e psicossociais - que afetam sua sexualidade - e, por vezes, enfrentam difíceis situações adicionais como o luto perinatal (sem o devido reconhecimento social). Além disso, ainda podem estar vulneráveis à violência sexual pelo cônjuge, que tem como pano de fundo fenômenos políticos: patriarcado, desigualdade de gênero e misoginia.

O capítulo 9, **The bold type: imagem corporal e sexualidade feminina após mastectomia profilática**, das autoras Beatriz Fernandes Pipino e Giulia Mariano Marçal Pereira, aborda a condição de perda e reconstrução das mamas decorrente do tratamento preventivo do câncer hereditário. Pela perspectiva psicanalítica, discute-se a complexa dinâmica psíquica no decorrer do processo, desde a tomada de decisão de realizar a cirurgia até a

recuperação física e, principalmente, emocional, que pode exigir (re)elaborar o luto da doença/perda da mãe, lidar com as expectativas do próprio materno/amamentar e realizar a necessária tarefa de reconstrução da autoimagem, da feminilidade e da sexualidade.

Desejamos a todos/as uma boa leitura!



## Capítulo 1

# **A FILHA PERDIDA: A RECONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DE UMA MÃE “MÁ” E A CONSTRUÇÃO DE NOVOS CAMINHOS PARA A IDENTIDADE FEMININA**

Bárbara Borges Aguida Geraldès  
Giovanna Galasso Pannunzio  
Giulia Pedroso Caniçais

### **Introdução**

O feminismo contemporâneo deu lugar à teoria crítica feminista nas ciências humanas em um contexto de transição da sociedade (urbanização e industrialização da sociedade moderna marcada pela inserção da mulher no mercado de trabalho remunerado) e de revolução da ciência moderna (em que a mulher passou a constituir um campo de pesquisa científica) a partir dos anos 60 (SCAVONE, 2004). Segundo a autora, pode-se traçar duas fases históricas da trajetória do feminismo ocidental: (1) a fase de lutas liberais, que pautava a reivindicação da participação feminina no espaço público e da aquisição de direitos de cidadania e (2) a fase das lutas por direitos específicos, na qual as questões de caráter privado foram politizadas. A pauta da maternidade esteve presente desde o germe dos movimentos feministas, mas assumiu um lugar privilegiado nos debates dos estudos feministas na segunda fase, cuja principal expoente foi Simone de Beauvoir com a publicação de “O Segundo Sexo” em 1949 (SCAVONE, 2004). Em especial, no capítulo intitulado “A

mãe”, a filósofa francesa coloca em xeque o determinismo biológico da maternidade como um destino feminino irremediável. Nas suas palavras:

É pela maternidade que a mulher realiza integralmente seu destino fisiológico; é a maternidade sua vocação ‘natural’, porquanto todo o seu organismo se acha voltado para a perpetuação da espécie. Mas já se disse que a sociedade humana nunca é abandonada à natureza (BEAUVOIR, 2019, p.279).

A maternidade é, portanto, um fenômeno que se situa entre o biológico e o social e somente com a sua compreensão social (estimulada pelos debates e estudos feministas), somada à revolução nas ciências médicas com o desenvolvimento de tecnologias de contracepção, foi possível inseri-la no campo da escolha da mulher (SCAVONE, 2004). Embora a passagem ao século XX tenha diversificado as representações da identidade feminina para além do papel social de mãe e esposa e que as mulheres supostamente tenham conquistado o poder da escolha sobre suas próprias vidas e corpos, a essência feminina manteve-se regulada pelos saberes da medicina, psicanálise, sociologia e estética, sendo o caráter dessa forma de controle sobre a vida feminina mais sutil (MANSUR, 2011, p.32).

A maternidade deixou de ser compreendida hegemonicamente como resultado de um destino biológico para ser interpretada como fruto de uma decisão guiada pela liberdade individual e alinhada aos preceitos de autodeterminação e liberdade da ideologia neoliberal (DONATH, 2017). Entretanto, Donath (2017), ao explorar o fenômeno do arrependimento da maternidade, afirma que essa concepção ignora que a escolha pela maternidade não se dá no vácuo, ou seja, não deixa de ser determinada por

expectativas sociais de gênero, ainda que sutis. Para a autora, a maternidade é ainda um elemento fundamental para a afirmação da feminilidade.

Além da expectativa social de que a mulher se torne mãe, há também uma série de expectativas de como desempenhar esse papel de maneira satisfatória. Exige-se que uma “boa mãe” ame os filhos de maneira incondicional, exiba “a graça da Virgem” e que aceite com conformismo todo o sofrimento que possa advir da sua função de mãe (DONATH, 2017). Nesse sentido, segundo a autora, há um silenciamento das mulheres que vivem experiências conturbadas com a maternidade e uma pressão para que suprimam memórias dolorosas do exercício materno. Donath (2017) aponta que o descontentamento ou mesmo o arrependimento de ter se tornado mãe são fontes de sentimentos sombrios de culpa e, sendo essa postura socialmente recriminável, essas mulheres frequentemente não encontram espaços para expor suas experiências dolorosas.

A mesma sensação de culpa também está presente no trabalho de Rocha-Coutinho (2004), que afirma que as mulheres, ao assumirem diversas funções sociais e sustentarem uma dupla jornada de trabalho (cuidados com filhos, trabalho doméstico e trabalho remunerado) frequentemente se frustram por não corresponderem a idealização de uma mulher “superpoderosa”.

A representação idealizada da maternidade entra em conflito com o desgaste físico, mental e emocional vivenciados, o que justifica as contradições e as ambivalências marcadas no discurso de mães sobre a maternidade, os quais pautam tanto a sensação de felicidade, realização e completude, quanto o sentimento de medo, preocupação, tristeza, aflição, desespero e frustração (LEMOS; KIND, 2017). Beauvoir (2019), já em 1949, denunciava que o resultado de

confiar à mãe toda a responsabilidade pelo cuidado dos filhos é a tendência dessas mulheres à insatisfação, tanto no âmbito erótico-sexual (uma vez que o erotismo é conflitante com a imagem santificada da mãe) quanto no social, já que ela deixa de ocupar o espaço público como é permitido ao homem.

A condição de opressão feminina, portanto, não se subverteu por completo com as conquistas de direitos, como o direito ao voto. Os movimentos de ruptura coexistem com movimentos de perpetuação dessa opressão, sendo que o lugar ocupado pelas mulheres, seja no espaço privado familiar, seja no mundo do trabalho ou dos afetos é permeado por avanços igualitários (em relação aos homens) e de continuidade não igualitária ao longo do tempo (MANSUR, 2011). Segundo a psicóloga Luci Helena Mansur (2011, p.251): “As mulheres – em transição – percorrem diversas fronteiras (afetivas, sexuais, conjugais, familiares, profissionais e políticas), alternando, mantendo e negociando posições”. O filme a ser analisado narra a história de uma mulher que passou pelos três movimentos: alternou e negociou sua posição de mãe, ao mesmo tempo que a manteve.

### ***Identidade e papéis sociais como categorias de análise***

Tomando como base a Psicologia Histórico-Cultural, é possível articular e estudar diferentes fenômenos com base em categorias diversas que constituem o arcabouço teórico dessa vertente da Psicologia. No presente trabalho serão apresentadas apenas duas: identidade e papéis sociais, ambas atreladas às construções histórico-sociais intrínsecas à vida humanizada, a qual não é dada pela mera reprodução biológica.

O processo de constituição da identidade é viabilizado pela socialização: é somente a partir das interações sociais

que um sujeito pode se constituir como membro ativo da sociedade. Tendo em vista sua determinação pelo meio histórico cultural, a *identidade* tende a sofrer mudanças ao longo da trajetória do sujeito, já que a realidade está em constante movimento. Isso possibilita o surgimento de diferentes personagens. A noção de personagem ultrapassa a noção de papel, sendo papel um conceito mais genérico (CIAMPA, 1991). Nesse sentido, pode-se afirmar que toda mulher que gera ou cuida de alguém, considerando-o seu filho, exerce o papel de mãe, mas há diferentes formas de “ser mãe” e a mesma mulher pode encarnar diferentes “personagens-mãe” ao longo de sua vida.

Os papéis sociais, por sua vez, são conjuntos de deveres, direitos, expectativas e sentimentos que guiam o comportamento dos sujeitos na vida em comunidade, orientando-os a se comportar no cotidiano de uma forma clichê e habitual (HELLER, 2008). Tal processo viabiliza a realização de ações mecanizadas e instintivas (não no sentido biológico, mas no de aquisição de elementos da cultura, facilitando assim a existência humana). A vida social seria impossível se ações simples, como cumprimentar pessoas e conseguir alimentos, demandassem raciocínios demorados. Sendo assim, o desempenho dos papéis sociais não é essencialmente negativo, já que torna possível que os indivíduos concentrem seu pensamento e ações em tempo livre e na realização de novas tarefas, as quais exigem maior complexidade de elaboração (HELLER, 2008).

Dada a mutabilidade da vida em sociedade, constantemente em transformação, um mesmo sujeito assume vários e diferentes papéis em sua vida ao mesmo tempo. Assumir esses papéis pode ser enriquecedor para sua subjetividade, uma vez que potencialmente desenvolve distintos aspectos de sua personalidade e enriquece

habilidades. Entretanto, também pode ser alienante, de modo que o desenvolvimento de capacidades não é acompanhado por um enriquecimento da essência social-moral do ser humano (HELLER, 2008).

### Material Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	<i>The Lost Daughter</i>
Nome Traduzido	A Filha Perdida
Gênero	Drama / Drama Psicológico
Ano	2021
Local de lançamento e Idioma original	Netflix, Inglês
Duração	2ho4 min
Direção	Maggie Gyllenhaal

Desenvolvido a partir do livro de mesmo nome escrito pela autora Elena Ferrante, *A filha perdida* retrata a viagem de férias de Leda Caruso, professora de literatura comparada que vai à Grécia sozinha por uns dias. Lá, acaba se aproximando de uma família hospedada nas proximidades, especialmente de Nina, mãe de Elena, uma menina de aproximadamente 7 anos. O contato com Nina e Elena faz Leda se recordar da relação com suas filhas, já crescidas, e do papel social de mãe que ela não se sentia confortável representando. O filme traz contrapontos entre essa viagem e o passado de Leda, permeado por momentos difíceis com suas filhas Bianca e Martha, bem como com seu marido e sua carreira profissional. Leda revela a Nina que abandonou suas filhas durante três anos, quando tinham 7 e 4 anos, respectivamente, e a sensação foi maravilhosa. Durante vários momentos, Nina parece compartilhar da sensação de esgotamento e ambiguidade acerca da maternidade, mas evita expressar tais elementos

abertamente. Ao final, devido a inúmeros fatores, Leda e Nina acabam se desentendendo e deixam de ter uma relação.

As obras de Elena Ferrante frequentemente abordam elementos do universo feminino, em especial as expectativas acerca da maternidade, desafios profissionais e pessoais, bem como interações com o gênero oposto. Oferecendo uma narrativa de fácil compreensão, com bastante sinceridade e, por vezes, desconforto, a autora desmistifica aspectos que parecem estar cristalizados acerca do ser mulher. Livros como *A vida mentirosa dos adultos*, *Dias de abandono* e a tetralogia napolitana se assemelham à obra do presente estudo por retratarem narrativas de mulheres “falhas”, complexas e repletas de contradições, como as que encontramos na vida real. O contato com tais personagens através da literatura e, nesse caso, do cinema, é essencial à desconstrução e acesso a novas perspectivas acerca do papel da mulher enquanto membro ativo e relevante da sociedade.

## **Análise Crítica**

### ***(Des)naturalização do cuidado dos filhos enquanto função inerentemente feminina***

Um dos principais aspectos trazidos pelo filme *A filha perdida* reside na desnaturalização da maternidade. A ideia de que uma mulher pode não se identificar com a maternidade ou não se sentir realizada e compelida a desempenhar o papel de mãe ainda é percebida com choque perante a sociedade, acostumada à visão de que a maternidade é um dever da mulher e ela deve se sentir realizada ao cumpri-lo. Mesmo após ter duas filhas, a protagonista, Leda, se sente sufocada ao desempenhar funções maternas, sentindo mais prazer ao se dedicar a sua

carreira e demais interesses pessoais. Ao externalizar o que sente para Nina, revelando que abandonou suas filhas durante três anos, a notícia é recebida com certa surpresa. Entretanto, o filme sutilmente demonstra que Nina compartilha dessa sensação, mas evita expressá-la por temer julgamentos.

É possível afirmar que tais julgamentos se fundamentam numa concepção da identidade feminina essencialmente baseada na subalternidade ao gênero masculino e na visão da maternidade como intrínseca ao ser mulher (FONSECA, 2001). Ainda que tenham sido realizados inúmeros avanços pelos movimentos feministas e de demais minorias, o capitalismo atual ainda opera através da exclusão de sujeitos sociais, processo que penaliza mulheres e homens de maneira desproporcional. Isso explica, dentre outros aspectos, a naturalização do trabalho doméstico e do cuidado em relação às crianças como pertencentes ao universo feminino. Não é levada em conta a noção de que o amor materno é uma construção social que serve ao controle e submissão das mulheres às necessidades sociais do trabalho doméstico (BADINTER, 1984 *apud* FONSECA, 2001).

No filme analisado, observa-se tais concepções quando Callie, cunhada de Nina, sinaliza que “não se esquece nada sobre os filhos” quando Leda afirma não se lembrar de como suas filhas eram na infância. Callie é uma das personagens que mais faz contraponto com Leda em termos de maternidade - tentou engravidar por anos, até conseguir aos 42 anos, sempre se mostra atenta às necessidades de Elena (sua sobrinha, filha de Nina) e constantemente pergunta a Leda sobre sua família. Logo após a passagem expressa acima, Callie insiste em fazer mais perguntas acerca das filhas de Leda, que acaba se sentindo mal e voltando para casa. No geral, Leda evita

falar sobre Bianca e Martha (suas filhas) com mulheres, sempre se esquivando ou respondendo com palavras que sabe que agradarão. Mesmo se aproximando mais de Nina e reconhecendo que compartilham de visões similares acerca da maternidade, ao se abrir totalmente, Leda é rejeitada por Nina.

Por outro lado, são exibidas cenas nas quais a protagonista fala longamente sobre suas filhas com Lyle, o caseiro responsável pela casa que alugou, e com Will, um dos funcionários locais. Nesses momentos, o principal tema da conversa acaba sendo justamente o que ela procura evitar na presença de outras mulheres, estendendo-se em reflexões sobre a criação das meninas, peculiaridades de cada uma e a relação entre elas. Daqui depreende-se que Leda se sente mais confortável para ser sincera perto de figuras masculinas, entendendo que eles não têm as mesmas concepções que as mulheres acerca do cuidado com os filhos ou, se tem, na maioria das vezes não estão em posição de julgar por também não se doarem tanto à paternidade. Em especial com Lyle, a conversa entre eles deixa claro que não se dedicaram amplamente aos filhos e reconhecem isso, brindando ao final em homenagem a “serem maus”.

Nota-se como o abandono dos filhos, em função da busca por uma realização pessoal e profissional, que antes parecia inviável, é visto pelas lentes da moral. O emprego da moralidade somente pode se justificar pois o exercício da maternidade é considerado mandatário, um destino feminino inexorável. Não parece existir outra alternativa de bem agir que não seguir o movimento natural de assumir o cuidado das filhas, entretanto, “Não há mãe ‘desnaturada’, posto que o amor materno nada tem de natural; mas precisamente por causa disso não há mães más.” (BEAUVOIR, 2019, p.326). Essa é precisamente a

provocação que a narrativa faz ao espectador: Leda é uma mulher egoísta, uma mãe má? Existe uma justificativa para a recusa da maternidade? E no caso de Lyle, existe uma razão para a recusa da paternidade?

### ***Recriminação do abandono materno X Permissividade do abandono paterno***

Ao descobrir que Lyle abandonou os filhos, Leda inicialmente o critica, apesar dela própria ter feito o mesmo. Pode-se inferir que o incômodo que a protagonista sente se dá principalmente pela forma desigual com que a sociedade lida com esse abandono a depender do gênero que o realiza, sendo socialmente relativizado quando se dá pelo pai, e extremamente recriminável quando se dá pela mãe, por conta da naturalização desse papel enquanto feminino. Esse julgamento diferenciado é imbricado de valores patriarcais, já que um pai ausente, se é repreendido, tem a acusação baseada em não estar cumprindo os papéis de chefe da família, provedor e autoridade moral. Além disso, no caso da mãe, que se ausenta bem mais raramente, esse abandono é muito mais condenado, justamente pelo entendimento de que o lugar da mulher deve ser cuidando dos filhos (ARAGAKI, 2019).

No exercício da maternidade, se exige a responsabilização por todas as tarefas envolvidas no desenvolvimento infantil, como afeto, cuidado, educação e lazer, enquanto à paternidade cobra-se, no máximo, a proveniência financeira (MARQUES, 2020). É evidente a disparidade de funções exercidas entre homens e mulheres nas tarefas domésticas e de cuidado com os filhos. Muitas mulheres precisam arcar com todas as responsabilidades na criação de uma criança, tanto em situações em que o pai é presente no convívio familiar, mas se abstém de qualquer

cuidado infantil, quanto naquelas em que não há reconhecimento de paternidade no âmbito institucional, o que pode ser exemplificado pelo dado de 80 mil crianças brasileiras registradas em 2020 sem o nome do pai (ARPEN BRASIL, 2020).

Essa distoância em relação às responsabilidades que recaem sobre o homem ou a mulher nos cuidados com os filhos e às reações sociais frente a um abandono paterno ou materno, também pode ser pensada a partir da cena em que Leda recorda do dia em que, quando jovem, decide abandonar sua família e deixar as filhas nos cuidados do marido. Este se desespera e se coloca como incapaz de cuidar das meninas, ameaçando deixá-las com a mãe de Leda, com a qual a protagonista mantém uma péssima relação e considera ser um ambiente inseguro e pouco desenvolvedor para as crianças. Aliás, desde o nascimento das filhas a maior responsabilidade do cuidado se concentrou em Leda e o marido nunca foi socialmente recriminado como pai ausente, incapaz ou pouco participativo.

### ***Maternidade, carreira e sexualidade***

A inserção da mulher no mercado de trabalho não revolucionou sua inserção na sociedade. A igualdade de gênero formal e política conquistada pelos movimentos feministas (em especial o feminismo branco, visto que as mulheres negras já ocupavam esses espaços bem antes, sem direito de escolha) não se realizou nas práticas sociais, o que mantém as mulheres numa condição de opressão (NOGUEIRA, 2001). O discurso social continua atribuindo à mulher todos os encargos da vida doméstica, o que indica que a identidade feminina não foi substancialmente alterada, mas ampliada para incluir um novo papel de

mulher - o de trabalhadora (ROCHA-COUTINHO, 2004). Sendo assim, as desigualdades entre homens e mulheres nas esferas pública e privada não foram erradicadas.

Em *A filha perdida*, Leda revela ser professora universitária de literatura comparada. Nas cenas que mostram seu passado, a protagonista aparece sobrecarregada pelo cuidado com as filhas, deixando o trabalho em segundo plano, situação que lhe causa angústia e frustração. Embora conte com o auxílio de seu marido, Leda, enquanto mulher, enfrenta mais estresse no desempenho do papel de mãe e, no equilíbrio entre as atividades no trabalho e na família, tende a priorizar as responsabilidades familiares, mesmo que a contragosto. Ao contrário do que é difundido e cristalizado no imaginário social, nem todas as mulheres vivenciam a experiência da maternidade como completude e realização, mas como limitação e evidência de uma feminilidade indesejada que impede a posse e usufruto de outros atributos almejados (MONTEIRO; MEDEIROS, 2013). No caso de Leda, um desses atributos é sua carreira, marcada pela intelectualidade. O outro, o sexo.

A junção desses elementos aparece no filme quando, por exemplo, Leda recorda de um momento íntimo e prazeroso de sua juventude, em que estava se masturbando, de fone de ouvido. De repente, suas filhas interrompem, dizendo que o professor Cole estava no telefone, o qual lhe oferece um convite para um evento de trabalho no qual se destaca. Essa cena mostra de forma explícita diversos aspectos dessa relação imbricada entre maternidade, carreira e sexualidade da mulher. Por ser em outra cidade, Leda precisa deixar suas filhas por alguns dias aos cuidados de uma jovem e de seu marido, e se mostra preocupada com a saúde, a alimentação, a distração e o lazer das meninas, proporcionando diversos facilitadores

(remédios, dicas para lidar com birra, sugestões, comida pronta) para quem fosse ficar com elas. Isso mostra que uma mulher-mãe é sempre acompanhada e sobrecarregada de responsabilidades do cuidado infantil, até mesmo quando não está presente.

Posteriormente, quando Leda chega no evento, recebe uma prazerosa validação vinda do professor Hardy, profissional reconhecido na área e homem com fama de conquistador. A construção da cena se dá de maneira interessante, com sobreposições de cenas de Hardy discursando, elogiando a produção de Leda, e cenas íntimas dos dois. O caso entre eles dura certo tempo e é especialmente após esse episódio que Leda toma a decisão de deixar sua família. Vale ressaltar que a vida sexual dela não ia bem, sendo exibidos cenas de relações sexuais insatisfatórias com seu marido e de falta de privacidade e tempo para seu autoerotismo. Nesse sentido, pode-se inferir que a protagonista entrou em contato com uma versão de si mesma com a qual não estava habituada ao alcançar notoriedade em aspectos que lhe são caros, mas estavam em segundo plano devido à maternidade. Essa percepção a fez reconhecer que não estava satisfeita com a vida que levava e tomar a decisão de deixá-la, dedicando-se especialmente à sua carreira.

### ***O papel materno como aprisionamento da singularidade da mulher***

A nova versão de si mesma que Leda consegue perceber, quando se permite vivenciar mais plenamente outros âmbitos de sua vida para além da maternidade, e impor socialmente, atribuindo grande importância à sua carreira e à sua vida afetivo-sexual, pode ser compreendida a partir do conceito de papéis sociais de Heller (2008). Estes, como já definidos, são

resultado da socialização, atribuídos ou conquistados (MARTINS, 2010), e podem ser enriquecedores ou alienantes para a subjetividade do indivíduo.

Anteriormente o papel social desempenhado por Leda que ocupava a maior parte de sua existência social era o de mãe. Após a validação de Hardy, ela passou a dar mais relevância e expressão aos seus papéis de profissional (professora, escritora e cientista) e de parceira afetivo-sexual. Ao decorrer do filme Leda se mostra crítica e angustiada com o estereótipo da mãe perfeita e maternal, se mostrando muito incomodada com discursos que expressam as expectativas sociais em relação ao que é ser mãe, e principalmente uma “boa mãe”, como quando Callie faz perguntas sobre suas filhas e sobre a maternidade em geral. Apesar disso, em algumas situações ela também se mostra ainda muito apegada a esse papel materno, como pelo roubo da boneca de Elena, filha de Nina, objeto que surge como uma representação do passado para Leda, que o utiliza de forma simbólica para reviver sua relação com as próprias filhas, como uma oportunidade de maternar de uma maneira distinta.

No caso da personagem Nina, que assim como Leda se sente constantemente sufocada pelas responsabilidades e expectativas postas sobre a maternidade, verifica-se que o desempenho do papel materno lhe toma como um todo, lhe encobre como sujeito, configurando-se, segundo Heller (2008), como uma alienação. Isso porque esse papel social acaba assumindo uma função de aprisionamento da singularidade dessa mulher, visto que ela não se manifesta verdadeiramente em suas ações (a não ser nas conversas sinceras que tem como Leda). Em cenários com esse caráter alienante, as relações sociais vivenciadas por meio do papel social encobridor não são qualitativas para o desenvolvimento do sujeito, mas sim meramente

quantitativas, com modos de comportamento convertidos em papéis estereotipados (HELLER, 2008). Como coloca Martins (2010, p.44): “Se perder em meio aos papéis atribuídos ou adquiridos pode significar deixar de existir, existir enclausurado, morrer em prol de um coletivo que não se sabe”.

Entende-se, portanto, que o conflito entre o papel materno e os demais papéis sociais desempenhados pelas mulheres é fruto de uma dinâmica social que não socializa a responsabilidade de cuidados com os filhos de maneira ampla, individualizando o cuidado e mantendo as mulheres presas aos papéis de mãe e esposa. Assim, impossibilita-se que criem outras possibilidades de viver suas vidas, desenvolvam projetos de carreira e explorem sua sexualidade. A necessidade de desnaturalização e desromantização da maternidade e do ser mãe se dá, portanto, com vistas ao desaprisionamento da singularidade e abertura às múltiplas possibilidades de existência da mulher.

### ***Maternidade como ambivalência***

Pela representação idealizada da maternidade, que enxerga e impõe esse momento como algo natural, sagrado, prazeroso e positivamente transformador na vida das mulheres, aquelas que não se identificam com o papel de mãe ou até que se identificam mas demonstram medo, frustração, aflição, arrependimento e tristeza, são silenciadas, julgadas, socialmente negligenciadas e questionadas sobre sua capacidade de maternar, sendo pressionadas a aceitar todo sofrimento que possa advir da função materna (DONATH, 2017). As contradições existentes em todo e qualquer âmbito da vida humana, também se encontram presentes na maternidade. As personagens Leda

e Nina expressam essas ambivalências de sensações, pensamentos e sentimentos: amam as filhas e são felizes com elas, mas também sentem raiva, desespero, tristeza e angústia em cumprir esse papel social materno, demonstrando desgaste físico, mental e emocional, o que corrobora os estudos de Lemos e Kind (2017).

Em uma cena do filme, Leda recorda de um momento em que, quando jovem, está na cama do professor Hardy conversando ao telefone com suas filhas de forma carinhosa e animada, mas logo que termina a ligação com suas filhas diz “Odeio falar com as meninas no telefone”, acrescentando, como se na tentativa de amenizar a problemática de sua fala “Elas também odeiam”. Em outra cena, conta para Nina que abandonou as filhas por três anos, e chora demonstrando tristeza, e principalmente culpa. Mas quando é questionada de como se sentiu sem elas, Leda diz “Foi maravilhoso”. Posteriormente, quando Nina vai ao apartamento de Leda, e pergunta se essas sensações ruins e sintomas depressivos vão passar e “Se foi maravilhoso, porque voltou pras suas filhas?”, e Leda responde: “Sou a mãe delas. Voltei porque senti saudade. Sou muito egoísta”. Essas cenas de flashback de Leda com suas filhas, assim como os episódios de Nina em sofrimento no processo de matinar, são angustiantes e sufocantes, transmitindo o estado emocional que assumir esse papel materno lhes proporcionava, principalmente pelo sentimento de culpa por não cumprirem ou não gostarem de cumprir todas as expectativas sociais postas sobre o ser uma boa mãe.

### **Considerações Finais**

Enquanto as teorias críticas feministas continuam a pautar a questão da maternidade nos estudos das ciências

humanas, o filme *A filha perdida* introduz a temática com uma linguagem artística impactante e, ao mesmo tempo, complementar à linguagem científica que vem sendo elaborada. Isso faz com que o filme, assim como o livro, sejam instrumentos valiosos para discutir com as próximas gerações de mulheres sobre as possibilidades da identidade feminina para além da realização do papel materno.

Na narrativa, acompanhamos a viagem de Leda por suas recordações conturbadas, quase que traumáticas da sua experiência da maternidade ao se deparar com uma mulher que parece compartilhar das mesmas angústias. Leda percorre uma trajetória de rememoração que conta uma história silenciada, permeada de profunda culpa, ambivalência e sofrimento. A narrativa não condena a maternidade e, ao mesmo tempo, não recrimina Leda por sua escolha, mas permite que se fale sobre um conflito que o espaço público não parece disposto a sustentar. O filme, ao dar voz à Leda e Nina, convida o espectador a julgar por si próprio se é possível recriminar essas mulheres por seus sentimentos ambivalentes em relação às suas filhas. Da mesma forma, permite uma reflexão sobre o abandono dos filhos tanto da parte materna quanto da paterna, expondo que o julgamento social da recusa aos cuidados dos filhos também é atravessado pelos papéis de gênero.

Trata-se de refletir sobre os caminhos possíveis para a existência e a identidade da mulher moderna que poderia, em outras condições sociais, ao mesmo tempo ser mãe e ter direito de viver uma vida sexual e de se realizar profissionalmente. Assim, o filme abre espaço para a discussão de um cuidado coletivizado das crianças. Nas palavras de Beauvoir (2019, p.328), “Numa sociedade convenientemente organizada, em que o filho estivesse até certo ponto a cargo da coletividade, a mãe tratada e auxiliada, a maternidade não seria absolutamente

incompatível com o trabalho feminino”, tampouco com outras atividades de realização pessoal, como as afetivo-sexuais. A fim de não encerrar a mulher no lugar de repetir a vida, enquanto os homens inventam as razões de viver (BEAUVOIR, 2019), e emancipa-la dessa condição opressiva, a conquista de direitos básicos de cidadania femininos (frequentemente ameaçados) não bastam. É preciso reestruturar a organização social de forma que se permita à mulher traçar diferentes projetos de vida e possibilidades de existir, de forma que o desempenho de seus papéis sociais enriqueça sua essência social-moral e não a mantenha em alienação do gênero humano.

## Referências

- ARAGAKI, C. **O abandono afetivo paterno além das estatísticas**. Fala universidades, 2019. Disponível em <https://falauniversidades.com.br/abandono-afetivo-paterno-alem-das-estatisticas/>. Acesso em 13 de março de 2022.
- ARPEN – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS REGISTRADORES CIVIS DE PESSOAS NATURAIS. **Central Nacional de Informações do Registro Civil**, agosto de 2020.
- BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- CIAMPA, A. da C. Identidade. In: CODO, W.; LANE, S. T. M (Orgs.). **Psicologia social: o homem em movimento**. 9a ed. (pp. 58-75), São Paulo: Brasiliense, 1991.
- DONATH, O. **Mães arrependidas: uma outra visão da maternidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- FONSECA, R. M. G. S. da. **Oficina de Trabalho "A construção da identidade feminina"**. 2001. (Oficina de Trabalho). Disponível em <<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/>

185064/mod\_resource/content/1/identidade.pdf>. Acesso em 12 de março de 2022.

HELLER, A. Sobre os papéis sociais. In: HELLER, A. **O Cotidiano e a História**. São Paulo: Paz e Terra, p. 87-110, 2008.

LEMOS, R. F. S. ; KIND, L. *Mulheres e maternidade: faces possíveis*. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 849-859, Set./Dez, 2017. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/download/37675/26491>. Acesso em 11 de março de 2022.

MANSUR, L. H. B. **Solidão-Solitude: Passagens Femininas do Estado Civil ao Território da Alma**. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), 2011.

MARQUES, G. **O abandono paterno e a culpabilização da mulher**. UFPB, 2020. Disponível em <https://www.ufpb.br/comu/contents/noticias/o-abandono-paterno-e-a-culpabilizacao-da-mulher>. Acesso em 14 de março de 2022.

MARTINS, E. D. Os papéis sociais na formação do cenário social da identidade. **Kínesis**, Marília, Vol. II, nº4, p. 40-52, dezembro de 2010. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/4905>.

Acesso em 14 de março de 2022.

MONTEIRO, C. M. V. R.; MEDEIROS, M. P. O desejo de ter filhos na mulher contemporânea. **UNOPAR, Cient., Ciênc. Human. Educ.**, Londrina, v. 14, n. 1, p. 65-69, Jan. 2013. Disponível em: <https://revista.pgskroton.com/index.php/ensino/article/view/670>. Acesso em 12 de março de 2022.

NOGUEIRA, C. Feminismo e Discurso de Gênero na Psicologia Social. **Psicologia & Sociedade: Revista da Associação Brasileira de Psicologia Social**. Braga (Portugal), v. 13, n. 1, p. 101-128, 2001. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4117/1/feminismo%20e%20discurso%20do%20g%C3%A9nero%20na%20psicologia%20social.pdf>. Acesso em 12 de março de 2022.

ROCHA-COUTINHO, M. L. Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil. **Temas em Psicologia da SBP**. Rio de Janeiro, v. 12, n.1, p. 2-17, 2004. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v12n1/v12n1a02.pdf>. Acesso em 12 de março de 2022.

SCAVONE, L. **Dar a vida e cuidar da vida**: Feminismo e Ciências Sociais. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

## Capítulo 2

# **AMOR NO ESPECTRO: OS DESAFIOS ENFRENTADOS POR MULHERES NO ESPECTRO AUTISTA NO ESTABELECIMENTO DE RELACIONAMENTOS AMOROSOS**

Ingrid Barros de Lau  
Mariana Furtado Manzano  
Natália Carolline Corrêa

### **Introdução**

O chamado hoje de Transtorno do Espectro Autista (TEA) passou por uma extensa trajetória até chegar na definição aceita nos dias atuais. O psiquiatra Eugen Bleuler criou o termo “autismo” em 1908 para nomear um sintoma da esquizofrenia, o estado de isolamento do mundo externo, ocasionando dificuldades nas relações e nos laços afetivos (AMARAL, 2014). Desse modo, a palavra “autismo” significa voltado a si mesmo.

Em seguida, Leo Kanner (1943), psiquiatra infantil austríaco, estuda casos de crianças que apresentavam sintomas de esquizofrenia, porém que se diferenciavam de maneira marcante. Com seus estudos Kanner conseguiu diferenciar pontos entre a esquizofrenia infantil e o autismo, constatando que no autismo as crianças iam se ajustando gradativamente com o tempo, e se aproximando do mundo externo, deixando para trás alguns sintomas como a ecolalia, se aproximando cada vez mais de uma comunicação que satisfaça suas necessidades. Enquanto

isso, na esquizofrenia, o indivíduo tende a sair mais ainda do mundo ao qual pertence.

Em 1944, Hans Asperger aprofunda os estudos na área, destacando características de algumas crianças que teve contato, abordando limitações grandes na interação e na comunicação social, porém com menores perdas na cognição e na linguagem. Sendo assim, essas crianças, em sua grande maioria do sexo masculino, apesar de suas limitações, com o auxílio necessário, possuem grandes possibilidades de cumprir seu papel social dentro da comunidade (NASCIMENTO, 2021).

O Manual Diagnóstico Estatístico de Doenças Mentais, em 1952, categoriza o autismo como um sintoma da esquizofrenia, que por sua vez se encontrava dentro das psicoses. Em 1968, no DSM-II, surgem os “transtornos infantis e da adolescência”, sendo o autismo categorizado como “esquizofrenia infantil”. No DSM-III, o autismo entra na categoria “Distúrbios Globais do Desenvolvimento”, com a subcategoria “Distúrbio Autista”, e no DSM-IV entra como uma subcategoria do “Transtorno Invasivos do Desenvolvimento (TID)”. Apenas no DSM-V, em 2013, o autismo é nomeado como “Transtorno de Espectro Autista”, sendo categorizado como um “transtorno do Neurodesenvolvimento” (NASCIMENTO, 2021). A Classificação Internacional de Doenças (CID) segue o DSM-V ao colocar todos os transtornos advindos do autismo em uma só categoria nomeada Transtorno do Espectro Autista, entretanto, essa posição só foi tomada na CID-11, que entrou em vigor no dia 1 de janeiro de 2022.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é definido pela Organização Mundial da Saúde (2021) como um grupo que abarca diversas condições, caracterizando-se, principalmente, pela dificuldade em interações sociais e comunicação. Essas dificuldades podem aparecer em

diferentes graus, e podem ser acompanhadas de padrões atípicos comportamentais, como reações incomuns às sensações, hiperfoco, dificuldades de transitar de uma atividade para outra. Esse transtorno acomete 1 em cada 160 crianças no mundo, e pode dar sinais de suas características logo na primeira infância, mas é comumente diagnosticado um pouco mais tarde. O nível de comprometimento das habilidades da pessoa com autismo varia, em alguns casos podendo evoluir e se tornar independente, e em outros mais graves dependendo de cuidados ao longo de sua vida. As causas do TEA não são totalmente conhecidas, o que se sabe é que sua etiologia inclui tanto fatores genéticos como ambientais.

Dentre a diversa gama de características, o DSM-V destaca os critérios diagnósticos como sendo: a presença de déficits persistentes na comunicação e na interação social em múltiplos contextos; aparecimento de padrões restritos e repetitivos de comportamento; surgimento de sintomas de maneira precoce no período de desenvolvimento; sintomas que ocasionam prejuízos significativos no funcionamento social; interações sociais abaixo da expectativa do nível geral de desenvolvimento. Além disso, o Manual determina 3 níveis de gravidade para o Transtorno do Espectro Autista, o nível 1, denominado “exigindo apoio”, o nível 2, “exigindo apoio substancial”, e o nível 3, “exigindo muito apoio substancial” (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

Devido a evolução do quadro e sintomas que avançam significativamente com o tempo, o diagnóstico precoce é essencial para que se possa intervir o mais cedo possível e encaminhar o indivíduo ao tratamento adequado, aumentando assim, suas possibilidades. De acordo com Onzi e Figueiredo Gomes (2015), o tratamento no Transtorno do Espectro Autista é singular e determinante,

já que esse tratamento irá acompanhar o indivíduo por um grande período de sua vida, se não pela vida toda, e será feito da melhor maneira para aquele indivíduo específico dentre as diversas possibilidades de tratamento.

Nesse contexto, se faz extremamente necessário destacar que a proporção diagnóstica do TEA é de 1 menina em 4 meninos. Segundo Giulia Malagoni e Ana Clara Luz (2021), o critério diagnóstico desse transtorno pode vir a ser influenciado por expectativas atribuídas ao sexo e gênero da criança, entretanto, essa possibilidade costuma ser ignorada.

A expressão “anjo azul”, muito utilizada para se referir a indivíduos no espectro, de acordo com Brilhante *et al.* (2021), “atua como processo discursivo, normatizando sua infantilização e contribuindo para a invisibilidade do autismo feminino”, já que o “azul” surgiu com a falsa noção de que o autismo teria uma prevalência no sexo masculino.

Além disso, as pesquisas tendem a seguir essa proporção diagnóstica ao selecionar seus integrantes, caminhando ainda mais para uma representação menor de meninas. O TEA também causa déficits na interação social nas meninas, contudo, estas utilizam de mecanismos de compensação que acabam por camuflar essas dificuldades, além disso, há uma menor exteriorização desses déficits e uma menor tendência da ocorrência de movimentos repetitivos e estereotipados (FINK; MOREIRA, 2021).

Por ser um transtorno global do desenvolvimento, o autismo afeta os mais diversos aspectos da vida de quem é afetado por ele, desde os processos de aprendizagem, até as interações sociais, o que inclui a vivência da sexualidade e faz com que diversos preconceitos relacionados à sexualidade de pessoas com deficiência sejam direcionados também para as pessoas autistas.

Uma concepção ampla de sexualidade é fundamental para se desvencilhar do foco na genitalidade e na reprodução que costuma ocorrer nesse assunto e compreender plenamente a expressão da sexualidade da pessoa com deficiência, levando em consideração que a sexualidade está presente nos mais diversos aspectos da vivência humana, e que o prazer e a satisfação sexual da pessoa com deficiência são tópicos de extrema relevância ao tratar dessa questão (GESSER; NUERNBERG, 2014). A busca por relacionamentos afetivos, portanto, também atravessa essa discussão, e é importante compreender como informações erradas acerca da sexualidade e da deficiência interferem nessa busca.

Há muitos mitos que cercam a sexualidade da pessoa com deficiência: muitos acreditam que essas pessoas são assexuadas, e não sentem desejo sexual, o que faz com que qualquer expressão de sexualidade seja vista como exacerbada ou inadequada; e esses preconceitos se estendem às expectativas quanto aos seus relacionamentos românticos, pois acredita-se que não sejam pessoas desejáveis ou capazes de construir vínculos afetivos duradouros, embora não haja evidências concretas de que isso seja verdade (MAIA; RIBEIRO, 2010). Além disso, mesmo quando a sexualidade e busca por relacionamentos é validada, ainda há os estereótipos de que pessoas com deficiência só poderiam se relacionar entre si, e de forma heterossexual, ignorando as diversas possibilidades de vínculos e de orientações sexuais que podem se apresentar (MAIA; RIBEIRO, 2010).

O conhecimento sobre sexo em pessoas no espectro é abaixo da média, pois raramente são incluídos em aulas sobre educação sexual. Estudos demonstram que a fonte de informação em relação ao sexo para pessoas no espectro costuma ser a pornografia e internet,

considerando que seus pais e professores geralmente evitam tratar deste assunto (PARCHOMIUK, 2019).

Apesar da puberdade nos indivíduos com TEA possuir um desenvolvimento normal e dos adolescentes com TEA possuírem necessidades sexuais como qualquer outro adolescente, devido aos estigmas associados ao transtorno muitos desses adolescentes não possuem acesso a informações importantes para que possam obter um conhecimento acerca de seu próprio corpo e sexualidade (AREND *et al.*, 2021). Isso representa um grande risco, uma vez que a ignorância para com a sexualidade de pessoas com deficiência, além de causar prejuízos emocionais e sociais, também pode deixá-las mais expostas a diversos riscos, como abusos sexuais, gestações não planejadas e infecções sexualmente transmissíveis (MAIA; RIBEIRO, 2010).

A sexualidade é uma dimensão integrante do ser humano (MAIA; OTTONI, 2019), porém, ao realizar um recorte de gênero, nota-se a junção de diversas barreiras que se acumulam e contribuem para exclusão e para o sofrimento da mulher com deficiência, que é oprimida por ser mulher e por ser uma pessoa com deficiência (FARIAS, 2011). As dificuldades de socialização inerentes ao TEA fazem com que mulheres autistas estejam particularmente mais vulneráveis a diversas violências, especialmente em seus relacionamentos interpessoais (GREEN *et al.*, 2019).

Vários fatores contribuem para a expressão diferenciada do TEA entre meninos e meninas, desde fatores de socialização, até mesmo cognitivos e cerebrais, e a maioria dos estudos é feita de forma enviesada, tratando predominantemente da manifestação do transtorno em pessoas do sexo masculino (GREEN *et al.*, 2019). Dessa forma, mesmo estudos sobre tópicos de extrema relevância como a educação sexual e a busca por relacionamentos românticos entre pessoas autistas são

afetados por esse viés, o que prejudica as possibilidades de meninas e mulheres autistas de receberem orientação adequada nesses aspectos (HOLMES et al., 2019).

Levando em consideração os pontos aqui observados, iremos direcionar nossa análise crítica da série *Amor no Espectro* para como a série relata essas dificuldades perpassadas pela mulher com Transtorno do Espectro Autista.

## Material Analisado

Tipo de Material	Série
Título Original	<i>Love on the Spectrum</i>
Nome Traduzido	Amor no espectro
Gênero	Reality show
Ano	2021
Local de lançamento e Idioma original	Austrália, inglês
Duração	40 min por episódio (em média)
Direção	Cian O' Clery

O documentário e *reallity show Amor no Espectro*, de 2020, está disponível em formato de seriado e retrata a história de pessoas do sexo feminino e masculino no espectro autista que estão em busca de um relacionamento, todos residentes da Austrália. A diversidade entre pessoas no espectro é evidenciada conforme os participantes são apresentados, incluindo a exposição de sua dinâmica familiar, seu histórico em relacionamentos e suas principais dificuldades.

Os participantes são retratados enquanto vivenciam encontros com outras pessoas e durante o treinamento de habilidades sociais com uma especialista em pessoas no espectro autista. Seus encontros são majoritariamente

com pessoas que também possuem alguma deficiência. Dentre as mulheres que participaram na primeira temporada do documentário, elas possuem em comum o diagnóstico tardio.

A primeira mulher retratada é Chloe, que possui 19 anos, utiliza aparelhos auditivos e cita ser bissexual, nunca ter se apaixonado, apesar de já ter saído com um homem uma vez. Segundo ela, quando este rapaz soube que ela era autista, ele a deixou. Ela foi diagnosticada com 11 anos, mesmo sendo acompanhada por profissionais da saúde desde a infância. Sua família lhe apoia em seu desejo de se relacionar com alguém, seu pai a descreve como “extremamente inteligente, mas não socialmente, devido a dificuldade de identificar as emoções de outras pessoas”.

Também no primeiro episódio, Ruth é apresentada. Ela tem 22 anos e se descreve como surda e autista. Ruth namora Thomas, que também está no espectro, há 4 anos. Durante o documentário, o casal expõe a atração sexual que sentem um pelo outro e não apresentam repressões ao tratar sobre o assunto e demonstrar afeto. Maddi, por outro lado, nunca teve um relacionamento e se descreve como uma pessoa inteligente e engraçada. Em conversa com sua família, eles expressam suporte em sua tentativa de se relacionar com outras pessoas.

Olivia tem 25 anos e sempre esteve solteira. Ao ser questionada sobre como é ser uma mulher no espectro, Olivia diz ser: “extremamente difícil, considerando que não há critério feminino, é só para garotos. Então avaliam quão masculina você é”. Ela foi diagnosticada com 18 anos. Olivia também diz que nunca foi a um encontro, mas que já se apaixonou diversas vezes e teve seu coração partido, pois o sentimento nunca foi retribuído.

Por fim, a última mulher retratada na primeira temporada é Sharna. Ela tem 21 anos e está em

relacionamento com James, que também está no espectro autista. Sharnae têm menos dificuldades que James nas relações sociais, e o ajuda quando necessário. Quando são questionados se intimidade é importante em um relacionamento, eles dizem que intimidade é fácil e que se envolvem sexualmente.

### **Análise Crítica**

O *reality Amor no Espectro* viabiliza a observação de jovens autistas de forma humanizada e não-estereotipada, de forma em que pessoas de senso comum tenham o entendimento de que pessoas no espectro possuem as mesmas necessidades quanto ao desejo de estabelecer relações. A série representa um avanço contra a formação de estereótipos, por estar presente em uma plataforma de entretenimento popular.

As mulheres que são representadas na série apresentam desafios similares, mas cada uma delas possui particularidades. A faixa etária está entre 19 e 25 anos e, de maneira geral, não possuem histórico de relacionamentos, tirando Ruth e Sharnae, que foram apresentadas com seus pares. Chloe e Ruth possuem em comum a deficiência auditiva, e Ruth também tem dificuldades de locomoção, e usa uma bengala para auxiliá-la. Olívia participa de um grupo de teatro para pessoas com deficiências e apresenta movimentos estereotipados ao sentir emoções intensas, algo da qual ela aprendeu a conviver com o tempo.

Quanto às habilidades sociais, todas demonstraram diferenças em seu nível de dificuldade. Ressalta-se que as participantes mulheres, no geral, apresentaram mais habilidades sociais que os homens. Ruth, por exemplo, demonstra mais dificuldades sensoriais e sociais, ela tem uma cobra de estimação que a ajuda em aspectos sensoriais

e apresenta mais dificuldades em interação com outras pessoas. Apesar disso, o relacionamento com o seu noivo, Thomas, fornece o acolhimento e adaptação necessária para que ela consiga superar alguns desses desafios.

Estudos demonstram que em relação aos sintomas de mulheres no espectro autista, deve-se considerar que existe um treinamento social maior para que as meninas enfrentem suas dificuldades relacionais, o que não significa que estas não existam (DUVEKOT, 2018). Durante a série, é possível acompanhar que as mulheres possuíam mais facilidades de estabelecer diálogos durante os encontros, apesar de também estarem nervosas e de não saber o que falar em alguns momentos.

Estudos demonstram que em relação aos sintomas de mulheres no espectro autista, deve-se considerar que existem expectativas direcionadas às meninas de se comportarem de certa forma em suas relações pessoais, o que colabora para que meninas no espectro desenvolvam estratégias para enfrentar suas dificuldades relacionais, o que não significa que elas não existam (GREEN *et al.*, 2019). Essas diferenças da apresentação dos sintomas entre gênero costumam ser ignoradas no momento de diagnosticar.

Isso acaba mascarando o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista em meninas, que comumente são diagnosticadas mais tarde em comparação com meninos. Na série, podemos ver que todas as meninas que participaram tiveram seu diagnóstico de maneira tardia. O exemplo mais claro dessa situação é a participante Olívia, que teve seu diagnóstico apenas com 18 anos de idade. Como citado anteriormente, o diagnóstico tardio pode ser nocivo para o tratamento, já que, se faz extremamente necessário a intervenção e o encaminhamento da pessoa ao tratamento ideal para ela.

Quanto às expectativas sobre os relacionamentos, observamos que, quando questionadas em sua definição de amor, as mulheres citam as palavras suporte, companheirismo e expressam seu medo de não terem um companheiro ou companheira para compartilhar a vida. As expectativas sociais referentes ao corpo perfeito são prejudiciais para todos, mas afetam mais as pessoas com deficiência que fogem dos padrões sociais impostos do que é alguém atraente e desejável (MAIA; RIBEIRO, 2010), o que pode gerar esses sentimentos de inadequação e medo de não encontrar um parceiro, como foi relatado pelas participantes. Olivia cita em um momento da série um fato que encontrou na internet, de que “95% das pessoas com autismo ficam sozinhas”, e por isso não apresenta expectativas de encontrar alguém, apesar de estar procurando, e apesar de saber que essa informação pode não ser real, ainda assim é afetada por ela.

Ao acompanharmos os encontros, é notável que há pouco ou nenhum contato físico entre as pessoas, e que os momentos de cumprimento e de despedida são os que geram maior constrangimento. Dentre as participantes, torna-se claro que não existe essa expectativa. Por exemplo, no encontro de Chloe com um rapaz, ambos se despedem com um aperto de mãos e não há tentativas de mais contato físico. Essa particularidade foi notada tanto nos participantes mulheres quanto nos homens.

Nota-se que apenas as mulheres que estavam em relacionamentos duradouros, Ruth e Shanae, expressaram possuir relações íntimas e foram mais abertas quanto à sexualidade. Há um momento em que Thomas diz em forma descontraída que se sente atraído por Ruth devido à sua personalidade e por seu corpo sexy, e James e Shanae relatam que ter relações íntimas é fácil e que obviamente já tiveram relações sexuais, em resposta ao entrevistador.

Pessoas no espectro autista tendem a estabelecer amizades ou relações íntimas com pessoas que são similares a eles em algum aspecto. Observa-se tendência a se identificarem com pessoas que são socialmente rejeitadas, taxadas como estranhas ou que possuem interesses e métodos de interação diferentes (PARCHOMIUK, 2019). Isso reflete também uma expectativa frequente entre os familiares de pessoas com deficiência de que elas se relacionem com outras também deficientes (MAIA; RIBEIRO, 2010). Esse aspecto é evidenciado na série pela predominância de encontros românticos entre pessoas autistas ou com outras deficiências, até mesmo porque pessoas sem deficiência muitas vezes têm concepções discriminatórias, como é dito por Chloe.

Essa expectativa dos familiares abarca uma série de crenças equivocadas acerca da sexualidade no TEA, como a de que pessoas autistas sejam eternas crianças, e não desenvolvam interesses sexuais (BRILHANTE *et al.*, 2021). Essas crenças são muito prejudiciais, especialmente porque as relações familiares são, na maioria dos casos, a principal fonte de informações para o desenvolvimento das relações de pessoas autistas e a dessexualização sofrida por elas acarreta na falta de educação sexual adequada.

Algo que é importante ressaltar, é que todas as meninas que participaram da série possuem o apoio de seus familiares na busca por um relacionamento, o que pode não corresponder à sociedade no geral, principalmente se fossemos expandir essa análise para o contexto brasileiro. Um exemplo disso, é o caso da participante Maddie, que possui um senso de humor e uma comunicação muito similar à sua mãe, de quem é bem próxima. É explicitado que sua mãe sempre a treinou quanto às habilidades sociais, e é possível acompanhar um desses momentos durante o seriado. Enquanto se prepara para seu encontro, os pais de Maddie

fazem uma simulação, em que sua mãe finge que é o rapaz com quem sua filha irá se encontrar. Uma das perguntas que a mãe faz nessa encenação, é se Maddie planeja ter filhos no futuro e obtém a resposta que “não, pois filhos representam um grande gasto de dinheiro”.

Essa cena, mesmo que represente um momento de preparo para o encontro, simboliza que Maddie foi orientada quanto à gravidez e que já pensou sobre ser mãe no futuro, chegando à conclusão que não faz sentido para ela. Ao retornar de seu encontro, sua mãe tenta entender como foi e pede para que Maddie a mostre como foram os contatos físicos que teve com seu encontro. Ao reproduzir o abraço que deu no rapaz, sua mãe a elogia e se mostra orgulhosa dos passos que foram dados naquele momento.

Outro aspecto que pode ser levado em consideração é que quando aceita-se a existência da sexualidade de pessoas autistas, ainda assim há expectativas heteronormativas em relação à expressão dessa sexualidade (HOLMES *et al.*, 2019). A participante Chloe demonstra que essas expectativas também não correspondem à realidade, e se apresenta como uma mulher bissexual, contando também que no passado acreditava ser lésbica, experiência que compartilha com Lotus, uma outra mulher com quem ela vai a um encontro. Isso elucidava ainda mais um aspecto acerca das diversas possibilidades de vivência da sexualidade entre pessoas no espectro, que também deve receber atenção.

Um ponto a se destacar, é que durante o percurso da série podemos notar que o treinamento de habilidades sociais direcionado ao encontro somente é feito com participantes homens. Não se sabe se o treinamento ocorreu também com as meninas e não foi incluído na série, mas pode-se especular isso se deva ao fato de que por não receberem um diagnóstico cedo, e por existirem

expectativas postas ao gênero feminino de como agir socialmente, essas meninas acabam desenvolvendo um mecanismo de compensação que podem encobrir tais dificuldades (FINK; MOREIRA, 2021). Nesse sentido, a ausência de representações das meninas passando por situações de treinamento das habilidades reproduzem a negligência que tende a ocorrer com o tratamento de meninas no espectro.

### **Considerações Finais**

É notável que aspectos citados nas produções literárias utilizadas são condizentes com as situações vividas pelos participantes da série. Um ponto a ser levado em consideração, é que as meninas eram de famílias instruídas e com um aspecto financeiro que permitia uma vida confortável. Todas as meninas retratadas eram brancas.

Dessa forma, especula-se que, se o documentário fosse desenvolvido com famílias de baixa renda, racializadas e que não possuem tanto acesso à informação, a experiência vivenciada pelas meninas poderia ser diferente, tanto em aspectos de habilidades sociais, quanto na busca por uma relação.

Se aplicarmos ao contexto brasileiro, poderíamos ver uma divergência ainda maior no tempo que se leva para diagnosticar meninos e meninas, e famílias menos preparadas para tratar da sexualidade com suas filhas autistas. Esse déficit de conhecimento foi notado também na busca de estudos brasileiros acerca da sexualidade de pessoas autistas, e não foram encontradas pesquisas que tratavam especificamente da sexualidade das meninas, dificuldades de mulheres e tratativas das famílias, sendo que as produções teóricas sobre o tema tratam sobretudo da presença do TEA em crianças.

Essa falta atua como um fator que aumenta a negligência que as meninas no espectro autista vivenciam, pois, não há embasamento teórico que abarque as questões para tenham o suporte necessário.

Em suma, a série *Amor no Espectro* contribui para a desconstrução de diversos preconceitos e estereótipos acerca da sexualidade e das experiências das pessoas no espectro autista, colocando-as em um lugar central em relação a seus desejos, e colaborando para a sensibilização acerca dos desafios enfrentados por essas pessoas. Quando tratamos individualmente das experiências das participantes mulheres, constatamos que também foram postas em local de autonomia frente à seus desejos, apesar de não terem recebido o mesmo suporte da equipe especializada em habilidades sociais de pessoas no espectro autista.

Por fim, reconhecemos a importância de séries que tem como fim o entretenimento e educação dos telespectadores, ademais, servem como ferramenta de representatividade para um público diverso. As situações retratadas servem como instrumento para análises construtivas para o conhecimento que remete à psicologia.

## Referências

Amaral, V. F. Esquizofrenia: da Dementia praecox às considerações contemporâneas. Vínculo – **Revista do NESME**, 2014, 11 (2), 1-30. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-24902014000200004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902014000200004). Acesso em: 10 Mar. 2022.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 5 ed. Porto Alegre: ARTMED, 2014.

AREND, M. H. R. de F. .; MACIEL, E. T. .; FANTINELLI, A. A. .; EGGRES, D.; GRAUP, S.; BALK, R. de S. Sexuality in adolescents with autistic spectrum disorder (ASD): An integrative review. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 6, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/15558>. Acesso em: 8 mar. 2022.

PARCHOMIUK, M. Sexuality of Persons with Autistic Spectrum Disorders (ASD). **Springer Science**. v. 37, p. 259–274, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11195-018-9534-z>. Acesso em: 13 mar. 2022.

BRILHANTE, A. V; BRILHANTE, “Eu não sou um anjo azul”: a sexualidade na perspectiva de adolescentes autistas. **Ciência & Saúde Coletiva [online]**, v. 26, n. 02, pp. 417-423, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232021262.40792020>>. Acesso em: 10 Mar. 2022.

HOLMES, L. G.; STRASSBERG, D. S.; HIMLE, M. B. Family Sexuality Communication for Adolescent Girls on the Autism Spectrum. **Springer Science**. v. 49, p. 2403–2416, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s10803-019-03904-6>>. Acesso em: 10 Mar. 2022.

FARIAS, A. Q. **Gênero e deficiência: vulnerabilidade feminina, ruptura e superação**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

FINK, B. K.; MOREIRA, A. G. **Transtorno do espectro autista em meninas: uma análise comparativa envolvendo estudos de gênero e possível sub reconhecimento da população feminina**. Uniceub, Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/pic/article/view/8340>. Acesso em: 12 mar. 2022.

GREEN, R. M.; TRAVERS, A. M.; HOWE, Y.; MCDOUGLE, C. J. Women and Autism Spectrum Disorder: Diagnosis and Implications for Treatment of Adolescents and Adults. **Current Psychiatry Reports**, v. 21, n. 4, p. 22, 2019.

Disponível em: <<http://link.springer.com/10.1007/s11920-019-1006-3>>. Acesso em: 8 Mar. 2022.

KANNER, L. Autistic Disturbances of affective contact. **Nervous Child**, 1943, 2, 217-250. Disponível em: [http://neurodiversity.com/library\\_kanner\\_1943.pdf](http://neurodiversity.com/library_kanner_1943.pdf). Acesso em: 10 Mar. 2022.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiência. **Revista Educação Especial**, Marília, v. 16, n. 2, p. 159-176, 2010.

MALAGONI, G. .; CLARA LUZ, A. . DIFICULDADES NO DIAGNÓSTICO DE AUTISMO EM MENINAS. **Estudos Avançados sobre Saúde e Natureza**, [S. l.], v. 1, p.51-59, 2021. Disponível em: <https://periodicojs.com.br/index.php/easn/article/view/362>. Acesso em: 11 mar. 2022.

NASCIMENTO, T. R. C. **A família e a educação sexual de filhos(as) com Transtorno do Espectro Autista (TEA)**. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) - Unesp, Araraquara, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/204270>. Acesso em: 10 mar. 2022.

ONZI, F. Z.; DE FIGUEIREDO GOMES, R. Transtorno do Espectro Autista: a importância do diagnóstico e reabilitação. **Revista Caderno Pedagógico**, v. 12, n. 3, p.188-199, 2015.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Transtorno do espectro autista**. Who, 2021. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/autism-spectrum-disorders>. Acesso em: 3 mar. 2022.



## Capítulo 3

### **BLASFÊMEA, DE LINN DA QUEBRADA: BREVES APONTAMENTOS SOBRE A RELAÇÃO ENTRE VIOLÊNCIAS E EXPERIÊNCIA DA SEXUALIDADE POR MULHERES TRANS E TRAVESTIS<sup>1</sup>**

Marcos Paulo Martins Ferreira

#### **Introdução**

Narrar a sua realidade sincronizada a ritmos de instrumentais é uma forma que a população se utiliza para denunciar injustiças e violências que tem origem em um sistema que a marginaliza e inviabiliza, é uma forma de expressão muito popular, sendo ela evocada pelas pessoas em diversos eventos de sua existência, assumindo um importante papel de expressão, por isso “a música desenvolve um papel indispensável na dinâmica social pelas quais discursos, modos de sociabilidade e formas de resistência são expressos artisticamente” (NETO; NASCIMENTO, ALVES, 2015 p.39). Onde há opressão, há resistência como categoria reflexiva. Onde há alienação, desumanização de um pelo outro, há a luta da humanização da oprimida pela oprimida - a essa função temos a importância dos processos educativos promovidos historicamente nas religiões de matriz africana, no samba, no Rap e cultura do Hip-Hop de forma geral, no Funk, entre outras formas de apropriação e objetivação da população

---

<sup>1</sup> A versão original desse trabalho teve a contribuição do autor Eli Ferreira dos Santos Junior.

negra e periférica, que nunca pôde acontecer sem opressão bruta e ideológica das classes dominantes:

Vemos a música, especificamente o rap, a aprendizagem musical, por exemplo como uma forma de lutar contra esse tipo de dominação: a “dominação velada”, aquela encontrada nas relações cotidianas que sequer são entendidas como supremacia de uma determinada classe em detrimento de outras. É a partir das relações de produção simbólica, sistemas simbólicos (percepção, pensamento e comunicação) que se dá a participação de reproduções estruturais de dominação social (NETO; NASCIMENTO; ALVES, 2015, p.41).

O rap, no Brasil, surge nos anos 80 com inspirações estadunidenses, incorporando, aos poucos, a perspectiva do direito ao lazer e do conhecimento como elemento estruturante e a ser estruturado, relacionado às especificidades da sociedade brasileira, não se tratando de uma simples transposição, apesar de que as influências aqui recebidas para a criação desse movimento se deve a um atravessamento de questões que vão de periferia a periferia, questões, por exemplo, étnico-sociais que as interligam (LOUREIRO, 2015). Surge então para transcreever uma vivência de luta dos jovens da periferia brasileira e assim politizar e organizar a luta de forma popular, seguindo os aspectos de resistência não como simplesmente negação daquilo que está sendo imposto mas, como negação, desconstrução, transformação e criação. Pode-se recorrer a uma perspectiva assemelhada a que se tem em “Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade”:

Politicamente falando, o elemento mais importante pode ser, quando se examina o poder, o fato de que, segundo certas concepções anteriores, “resistir” significa

simplesmente dizer não. É somente em termo de negação que se tem conceitualizado a resistência. Tal como você a compreende, entretanto, a resistência não é unicamente uma negação. Ela é um processo de criação. Criar e recriar, transformar a situação, participar ativamente do processo, isso é resistir (FOUCAULT, 2004, p.268).

Pode-se considerar, desde Amílcar Cabral (1979): as diferenças individuais no corpo social colocam a tarefa de continuamente, ininterruptamente, trabalhar na luta pela unidade, e na unidade para a luta contra a sociedade da violência e da alienação. Enquanto se mostra essa complexidade tamanha da Emancipação, há a garantia de que a diferença guarda o movimento, porque a diferença é condição inalienável do movimento, nas repetições e nas dissidências, que nunca são tão somente repetições, nunca são tão somente dissidências. Há que se garantir que as formas de violência sejam constantemente desveladas. Nesse fundamento de ouvir o outro, toma-se a importância da arte; a arte que sensibiliza os ouvidos para os gritos do mundo, e a arte que permite um grito que é carne *'em mim'* e também *no outro*, que possa evidenciar aquilo que cotidianamente se tem perdido nas batalhas pela sobrevivência: a capacidade de identificação de uns com os outros.

Ainda existem pessoas que são excluídas do movimento Hip-hop, mesmo sendo este um movimento que nasce como forma de garantir o direito ao lazer e a denúncia a tantas formas de violência - tanto mulheres cis quanto pessoas que não se enquadram no padrão de cisnormatividade não têm um espaço facilitado de expressão. Tendo como principal material de criação as lutas vivenciadas nas ruas e vielas, espaços que eram então associados exclusivamente aos homens, por conta de uma cultura patriarcal que engloba não somente a periferia mas

a estrutura social, política, econômica e jurídica do Brasil como um todo que, seguindo uma lógica de representação de imagem neoliberal, garante condições para restrição do alcance de mulheres cis negras, por exemplo, e de mulheres e homens trans no Rap, esvaziando-o de sua característica principal de politização para emancipação.

Dentre as imagens mais solidamente construídas no passado ainda muito presente no imaginário coletivo brasileiro, está a da travesti de rua: transgressora, delinquente, indecorosa, imoral, obscena, anticonvencional, antisocial, escandalosa, desapudorada, pornográfica e “barraqueira” (LANZ, 2017, p. 313-314).

Para Lanz (2017), se identificar como uma travesti implica confrontar de forma direta e permanente a estrutura binária de gênero onde está estruturada nossas relações sociais, pois a palavra travesti designa uma identidade gênero-divergente MtF (do masculino para o feminino).

Na música, por exemplo, encontram um espaço de resistência para demonstrar a legitimidade de sua existência com novas estéticas, resistências, existências e linguagens que confrontam o rigor do sistema heteronormativo e, assim, nesse movimento político para alçar condições de emancipação coletiva, muitas realizam um movimento propriamente *Hip-hop*, nessa camada comumente entendida como *underground*, por trazer propriamente uma estética mais comprometida com questões concretas, da necessidade do direito ao lazer às críticas de tantas violências sentidas no corpo pela travesti e população trans em geral.

Em um país que registra altos índices de violência, agressão e assassinato às pessoas LGBT21, a música mostra-se, mais

uma vez, um caminho – e também um movimento – de ressignificação dos espaços e dos corpos, bem como um enfrentamento aos padrões hegemônicos. Movimento este que ultrapassa barreiras, transcende territórios, desestabiliza normas, desarranja identidade, promovendo, assim, um campo plural – e livre (SOUZA, 2018, p.15).

Como um importante nome do cenário atual, Lina Pereira dos Santos, a Linn da Quebrada, é cantora, compositora, atriz, e como uma multi-artista, trabalha nas denúncias da violência e discriminação que sofrem as travestis. Como protagonista do documentário *Bixa Travesty*, premiado no Teddy Awards, em Berlim, como melhor documentário, ela relata sua trajetória de enfrentamento ao machismo e das diversas configurações que a transfobia pode aparecer socialmente. Linn possui um portfólio de trabalhos que vão de encontro a uma vida de luta em prol de uma parcela da população inviabilizada e estigmatizada. Em sua apresentação no programa *Big Brother Brasil (BBB)*, é possível ver quando ela enuncia: “Eu fracassei, eu fracasso, eu sou o fracasso de tudo que queriam que eu fosse. Não sou mulher, não sou homem, sou TRAVESTI”, essa frase pode ser observada como uma introdução a seu curta-metragem aqui abordado, o *BlasFêmea*. Linn trabalha, musicalmente, em uma perspectiva que engloba trabalho pop, na MPB e também com elementos de R&B e Rap - traz uma postura em muito consonante com as perspectivas de luta pela emancipação que se encontra também na cultura *Hip-hop*.

## Material Analisado

Tipo de Material	Curta-metragem
Título Original	BlasFêmea – Mulher
Nome Traduzido	Não há
Gênero	Musical, Nacional
Ano	2017
Local de lançamento e Idioma original	Brasil, Portugues
Duração	10 min 18 seg
Direção	Linn da Quebrada

## Análise Crítica

O curta-metragem é um musical que pode ser dividido em três momentos, o prólogo, a performance da construção narrativa com a música “Mulher” e as cenas finais onde aparecem as mulheres que fazem parte do elenco juntas em um momento de socialização.

A primeira parte é feita com cenas introdutórias ao curta onde Linn caminha em direção ao genuflexório, peça encontrada nas igrejas para que os fiéis se ajoelhem para rezar para a divindade ou expiar pelos seus pecados, e assim retira sua roupa, se ajoelha e junta as mãos em um ato de oração, assim como uma representação do processo de confissão, ela começa a se despir diante de uma divindade. Duas pessoas aparecem representando as divindades, elas utilizam um cinto com uma vela representando um pênis, é importante destacar que a ação de acender a vela durante uma oração é um ritual de comunicação com o sagrado e assim transmutar suas intenções para um local espiritual. Quando Linn acende essa vela, representada pelo falo, cera cai sobre o seu corpo que está prostrado e desnudo. Toda a cena do prólogo

ocorre com um fundo escuro e um foco de luz baixa sobre Linn e os personagens que representam o divino.

No segundo momento do curta a narrativa é feita apresentando Linn como uma prostituta, ela caminha em direção ao carro de um homem que busca os seus serviços. O homem que vai em sua busca a leva a um local onde outros dois homens estão a esperando e, assim, a retiram do carro com violência. Essas cenas da violência são intercaladas com a performance musical de Linn e interrompidas pela cena em que inúmeras mulheres, trans e cis, em grande diversidade de corpos e espaços começam a caminhar nas ruas em uma única marcha, representando uma grande rede de apoio até encontrarem a primeira personagem que neste momento está sendo violentada por três homens, afastando os agressores de Linn, a protegendo e acolhendo. Essa segunda parte do curta é representada por cenas escuras mostrando que está em um período noturno, utilizando de uma paleta de cores mais escuras, ficando nítido em todas as cenas que a história está sendo relatada na vida noturna da cidade.

O epílogo tem uma mudança na iluminação, acontecendo durante o dia e demonstrando um contraste com as duas partes anteriores, pois está muito mais claro. As mulheres que haviam se reunido na parte da narrativa agora se encontram juntas em volta de uma banheira com águas aromatizadas e, assim, através de conchas feitas com as mãos elas pegam água da banheira e lavam umas às outras. Essa cena é feita toda com elas em demonstração de afeto de umas com as outras e, enquanto se lavam, se abraçam, se acolhem, trocam afetos, em um único coro, acompanhado das palmas, cantam:

Tô correndo de homem  
Eu tô correndo de homem  
Homem que consome, só come e some

Homem que consome, só come, fudeu e some (DA QUEBRADA, 2017)

E caminha para o final da obra, com a câmera focando no rosto das mulheres que cantam, mostrando a diversidade de corpos trans e cis, e terminam com uma fervorosa salva de palmas e sorriso estampado em cada rosto.

### ***Ausência de afeto e mediação do fetiche - violências e superações desde um discurso sobre o feminino***

Deve-se pontuar que, embora não menos importante, neste trabalho interessa menos as especificidades das violências que atravessam as relações entre gênero e orientação sexual (isto é, as noções de homo, hetero ou bissexualidade para pessoas cis ou trans), e mais a noção de que uma dada orientação sexual é percebida diferente quando se considera a experiência da cisgeneridade de um lado, e experiência da transgeneridade de outro, delimitando um espaço de acetuada violência a depender das identidade e da expressão de gênero.

*ela tem corpo de mulher ela tem jeito, tem bunda, tem peito  
E o pau de mulher (DA QUEBRADA, 2017)*

O corpo da travesti é diferenciado pela sociedade como um corpo com menos direito ao afeto, justamente por evidenciar a não determinação biológica do gênero. Ao se dar o (trans)gênero da travesti, marcadamente em confronto com as narrativas ocidentais sobre o feminino, e marcando uma resignificação de experiência do feminino que, travestigênera (NASCIMENTO, MENEZES, 2021), não se dá de forma menor ou maior por conta do órgão genital, e da presença ou ausência de falo. A composição da cena da oração também indica possibilidades de concepção

desse falo e de discussões acerca do falo, quando contraposta ao trecho citado (*tem jeito, tem bunda, tem peito/E o pau de mulher*): na ação de acender a vela (o falo), e a oração como liturgia para comunicação com o sagrado e, assim (trans)mutar-se, (trans)tornar-se, no local do sagrado - onde o sagrado é subvertido, invertido, fragmentado e reconstituído desde o olhar da oprimida; onde as significações do falo são apontadas em suas potências destrutivas, quando masculinas na sociedade patriarcal, mas também onde as significações de ‘falo’ são outras que não a do masculino, que não da cisnormatividade; onde o falo masculino é elemento constituinte da sociedade do *patriarcado da supremacia branca*, o falo feminino é resistência ante a opressão da morte imposta por esta sociedade heterocisnormativa.

**Figura 1.** Imagem da Linn acendendo a vela em referência ao falo



Fonte: BlasFêmea, 2017

A sexualidade experienciada pela travesti encontra condições de violência imposta pela sociedade estruturalmente transfóbica, onde o ‘pau da mulher’ travesti é também um sinalizador, para a sociedade, dessa experiência não hegemônica do feminino.

Sé da Rua (2021), em apresentação conjunta com Sodomita, na sessão 8 do projeto audiovisual “Grime CCJ”, sobre vivências de travestis, canta que

*A mão que mata minhas irmã  
é a mesma que paga o programa  
a boca que xinga  
é a mesma boca que mama (Sé da Rua, 2021)*

E expressa em versos a noção fundamental de que a mesma sociedade que constrói as condições de fetichização da travesti, constrói as condições de extermínio de seus corpos - as mãos que matam, são as mãos que cotidianamente dão condições estruturais à morte de tantas travestis, as bocas que xingam e buscam diminuir a humanidade da travesti, são as bocas que buscam, através do sexo oral, entre outras práticas sexuais, a satisfação dos fetiches coexistentes com o ódio, repulsa e agressividade, de forma análoga, embora específica, obviamente, à que Fanon (2008) pensou a pessoa negra como depositária predestinada da agressividade. E considerar justamente que a experiência de corpo da travesti é marcada pelo atravessamento da experiência cotidiana de lugares sociais delimitados, periféricos, geralmente não brancos, e em dissonância do que se espera da construção de uma feminilidade hegemônica ocidental. Conforme segue no dossiê ‘Assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileira em 2020’:

Para analisar a situação dos assassinatos contra pessoas trans, é importante observar que, em 2020, o Brasil segue na liderança do ranking mundial de assassinatos de pessoas trans no mundo, posição que ocupa desde 2008, conforme dados internacionais da ONG Transgender Europe (TGEU). (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2021, p.33)

É necessário considerar que todos os assassinatos notificados em 2020 contra pessoas trans, foram contra mulheres trans e travestis. E 71% dos assassinatos contra travestis ocorreram em espaços públicos, sendo que muitas das vítimas eram moradoras de rua e 72% dos assassinatos foram contra travestis profissionais do sexo (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2021). A experiência de classe vivida por travestis agrava as exposições às tantas violências a que são sistematicamente submetidas, e a experiência de (trans)gênero, o estigma e a experiência da transfobia vivida por mulheres trans e travestis garantem o imobilismo social, que marca a exclusão dessa população de melhores condições de atividades remuneradas, e consequentemente dificulta melhores condições de vida, tornando-se um processo retroativo de violências.

As intersecções das formas de opressão não podem ser vistas como uma simples sobreposição de camadas, mas sim como a produção de efeitos específicos (Anthias e Yuval-Davis, 1992, p.100). Formas de opressão não operam em singularidade; elas se entrecruzam (KILOMBA, 2019, p.98-99)

Considerar a complexa relação entre gênero e sexualidade é considerar tanto a experiência da sexualidade de forma genderizada, quanto o gênero de forma a não se ignorar as possibilidades e limitações da sexualidade para umas e outras experiências de gênero. Linn da Quebrada(2017) diz:

*feita pra sangrar, pra entrar e só cuspir(...)  
se pagar ela dá para qualquer um.*

Trata-se da vivência da sexualidade pela violência, do fetiche como mediador da relação com o corpo da preta travesti, como Linn, e não do afeto. É justamente a

delimitação de um espaço e experiência de violência para pessoas trans, desde uma estrutura fundamentalmente transfóbica e heterocisnormativa, que garante que a experiência de sexualidade desses corpos seja, também, atravessada por formas direta ou indiretamente violentas, seja pela mais evidente, física e verbal, seja pela violência garantida na estrutura de exclusão de corpos trans de certos ciclos sociais, e na garantia de que se trate de uma experiência marcada pelo fetichismo; Santina (2019), multiartista da região de Bauru, na obra ‘A Travesti quer um Beijo’, traz “e eu aqui pra dizer pra esses manos esquerdo machos politizados, como eu sou bem comida mas mal amada”, isto é:

Ao mesmo tempo, o ódio contra travestis e mulheres transexuais não é apenas incentivado, mas passado de geração para geração. Como consequência, o Brasil se torna esse universo paradoxal, como o país que mais consome pornografia e mais assassina trans no mundo, quase como uma tentativa de apagar o rastro do gozo da morte e de seus desejos perversos, abjetos e “antinaturais”(…)Existe um processo histórico de hipersexualização e fetichização em relação aos corpos trans, lidos como fantasia, sem subjetividade, vontade ou desejo, mas sempre à disposição para quem nos procura. Muitas vezes objetos de desejo, esses corpos causam simultaneamente repulsa entre quem se percebe compelido a buscá-los ou cogitar envolvimento, afetivo ou sexual, com pessoas trans. Isso ocorre especialmente em relação a travestis e mulheres transexuais que, não por acaso, são as mais buscadas nos sites pornográficos e também a maioria de 95% entre as assassinadas, de acordo com a ANTRA [ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS] (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2021).

Ainda é fundamental considerar que as experiências de raça e de travestilidade não são simplesmente cumulativas. Se sente na pele o racismo, no corpo a transfobia, e não se dissocia uma coisa da outra. Linn da Quebrada é uma travesti negra, e no dossiê “Assassinatos e Violências Contra Transexuais e Travestis Brasileiras em 2020”, encontra-se que:

A estimativa de vida de uma pessoa trans é de 35 anos. Esta é uma média que vai diminuindo conforme os marcadores que constituem a pessoa se mostram presentes nas cicatrizes que ela carrega em seu corpo. Ser negra, mulher trans ou travesti, periférica ou favelada, do interior, faz esta média cair muito. Corpos trans não são apenas trans, são negros, gordos, de pessoas com deficiência, intersexo, pessoas vivendo com HIV+ e todas as outras identidades que carregamos. Esses marcadores nos expõem ao risco aumentado de violência, principalmente ao assassinato. (...)Em 2020, dentre os casos analisados em nossa pesquisa nos quais foi possível identificar a identidade racial da vítima, percebemos que 78% eram travestis/mulheres trans negras - pretas e pardas (de acordo com o Estatuto da Igualdade Racial) (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2021, p.47-48).

Em Santina encontramos:

*como é que a madame ia se sentir se eu dissesse/Que o homem que eu amava, na sala de aula me chamou de bixa, preta e macaca (SANTINA, 2019)*

Experiências de raça e transgeneridade são experiências que ressignificam e ressoam uma na outra; pode-se considerar mesmo que não se trata de experiências vividas de forma dissociada, mas de categorias que auxiliam no processo de compreensão das formas de alienação e violência que pessoas trans e negras

são submetidas. Corpo de uma travesti não é só travesti, é também uma pessoa negra ou branca, magra ou gorda, rica ou pobre, etc. A experiência de raça, portanto, altera *qualitativamente* a experiência de travestigeneridade, e a experiência de travestigeneridade altera *qualitativamente* a experiência de raça; há, no entanto, uma densa presença de perspectivas transfóbicas e machistas nos movimentos negros, bem como uma densa presença de perspectivas racistas no meio LGBTQI+. Não se pode deixar de preencher as categorias com as experiências concretas, considerando-se justamente os atravessamentos dessas categorias. E principalmente, como as relações de afeto são atravessadas pelas violências de subjetividades estruturadas em uma sociedade transfóbica, considerando justamente como ponto de partida da violência específica, no caso, o homem amado pela travesti do poema.

Em *BlasFêmea*, há uma cena em que Linn sofreria um estupro coletivo, onde ela é socorrida por um grande grupo de pessoas trans e cis e que, após, cantam em coro:

*to correndo de homem*  
*Homem que só come, consome e some*  
*Homem que só come, fudeu e some*  
*Eu tô correndo de home*

O tema da sexualidade atravessa a produção sempre remetendo à violência advinda de uma estrutura cisgênera de base. Evidencia que, de fato, a violência na experiência da sexualidade para a travesti é comum, independe de sua orientação sexual, e adotando formas específicas a depender dessa orientação, de com quem se relacione; de qualquer forma, corpo da travesti permanece sendo considerado de uma feminilidade que provoca ódio e, ao mesmo tempo, o desejo do fetichismo. Trata-se de uma sociedade que continua produzindo as condições de

objetificação e extermínio da travesti; por outro lado, a obra indica um movimento fundamental de se ‘correr’ do sujeito, no caso, sujeito masculino, que ‘só come e some’.

### **Considerações Finais**

É que, de algum modo, “As corporalidades travestigêneres aprenderam coletivamente como criar coragem para agir mesmo quando as permissões são negadas desde o nascimento” (NASCIMENTO; MENEZES, 2021, p.12)

Onde há opressão, há resistência como categoria reflexiva. Onde há alienação, desumanização de um pelo outro, há a luta da humanização da oprimida pela oprimida. Há necessidade de se estruturar, se encontrar, se construir a voz um tanto silenciada pelas tantas formas de violência, de se dizer não (e, com isto, construir, criar possibilidades outras), de encontrar na arte e na produção da oprimida as formas de se humanizar. E de construir uma experiência própria do corpo no enfrentamento à exclusão e falta de afeto compulsórias. Santina traz:

*e hoje, eu proclamo que meu cú não é mais seu despejo  
Pode se morder, pode me morder  
Que vai ficar só no desejo, que eu  
Eu quero amor por favor  
A travesti quer um beijo.*

E em *BlasFêmea* (2017), o fim da montagem focando nas faces das pessoas, trans e cis, mostrando a diversidade de corpos, mostrando as tantas palmas e sorrisos estampados nos rostos, indicam que há possibilidade e necessidade de libertação no enfrentamento coletivo das relações violentas, para a destruição das relações entre corpos mediadas pelo fetichismo e pelo ódio, e a

construção de relações estruturadas e estruturantes de possibilidades diversas e humanizantes de afeto.

## Referências

BENEVIDES, S.; NOGUEIRA, S. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021. Disponível em: <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2022.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em:<[https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Frantz\\_Fanon\\_Pele\\_negra\\_mascaras\\_brancas.pdf](https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Frantz_Fanon_Pele_negra_mascaras_brancas.pdf)>. Acesso em: 13 mar. 2022.

FOUCAULT, M. **Michel Foucault: uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade**. Verve, São Paulo, v. 5, p. 260-277, 2004.

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LANZ, L. **O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero: uma introdução aos estudos transgêneros**. 2. ed. Curitiba: Movimento Transgente, 2017.

LOUREIRO, B. R. C. Arte, cultura e política na história do rap nacional. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n.63,p.235-241, abr.2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/jj/riieb/a/ZxHFxGCqKX4ZZM9rrBqzGhF/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

NASCIMENTO, L.C.P; MENEZES, R. M. **Geogênese do Novo Mundo Travestigênera: Agonísticas, Direitos e**

Heterotopias da Liberdade. **Revista Reflexões**, v.10, n.19, jul, 2021. Disponível em: <<https://revistareflexoes.com.br/wp-content/uploads/2021/09/6.1-Dossie-Let%C3%ADcia-Carolina-e-Rafael-aa.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2022.

NETO, L. G. S.; NASCIMENTO, F. D. S.; ALVES, I. S. Aprendizagem Musical e Movimentos Sociais: uma relação harmônica em combate à opressão. In: **ANAIS... II CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO MUSICAL DE SOBRAL (IICIEMS)**. Sobral, julho, 2015. p.38-44. Disponível em: <[http://www.pesquisamus.ufc.br/images/PDF/CIEMSII/anais\\_II\\_CIEMS\\_2015.pdf](http://www.pesquisamus.ufc.br/images/PDF/CIEMSII/anais_II_CIEMS_2015.pdf)>. Acesso em: 10 mar. 2022.

QUEBRADA, Linn da. BlasFêmea. 14 abr. 2017. (10:18 min). Publicado pelo canal de Linn da Quebrada. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-5ohUUG1Ppo>>. Acesso em: 10 de mar. 2022.

RUA, SÉ DA. GRIME CCJ #08 - Sodomita e Sé da Rua, com DJ Tayan. (22:48 min). Publicado pelo canal de CCJ - Centro Cultural da Juventude. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AYBkWH5klts>>. Acesso em: 10 de mar. 2022

SANTINA. A Travesti Quer um Beijo. 18 de mar. 2019 (5:48 min). Publicado pelo canal de Santina. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=zvZ7sQU\\_IOY](https://www.youtube.com/watch?v=zvZ7sQU_IOY)>. Acesso em: 10 de mar. 2022.

SOUZA, R. P.; Articulações entre gênero e sexualidade nas produções artísticas-musicais de Linn da Quebrada. in: **Anais... VII SEMINÁRIO FESPSP – “NA ENCRUZILHADA DA DEMOCRACIA: INSTITUIÇÕES E INFORMAÇÃO EM TEMPOS DE MUDANÇA”**. São Paulo- SP, setembro, 2018.



## Capítulo 4

# **BROOKLYN NINE-NINE: DEBATES ACERCA DO ASSÉDIO SEXUAL NO TRABALHO E DA INVISIBILIZAÇÃO DA PALAVRA DA MULHER**

Alessandra Lopes da Silva  
Letícia Cardoso de Oliveira

### **Introdução**

O assédio sexual é uma problemática, em primeira instância, decorrente das relações de trabalho. Entretanto, sua base está firmada sobre a estrutura social patriarcal e sexista, que, por sua vez, enraiza relações de poder dos homens sobre as mulheres. No Brasil, o Código Penal, no art. 216-A, descreve o assédio sexual como “constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício do emprego, cargo ou função.” (BRASIL, 2001).

Em complementação, normativas do Ministério do Trabalho e Emprego definem que o assédio sexual pode ser dividido em duas categorias: por chantagem ou por intimidação. A primeira categoria se qualifica quando a aceitação ou a rejeição de uma investida sexual é um fator determinante para que o assediador tome uma decisão favorável ou prejudicial em relação à vítima e sua situação de trabalho. Já o assédio sexual por intimidação se configura por qualquer conduta, de cunho sexual, que resulte num ambiente de trabalho hostil, intimidativo ou humilhante (BRASIL, 2009).

Embora a lei não considere o gênero da vítima para a caracterização do crime de assédio sexual, é um fato que as mulheres são o maior alvo dessa prática. Foram as próprias pressões dos movimentos feministas, com a ajuda da comunidade internacional, que colocaram a questão do assédio sexual em pauta no poder legislativo nacional. Segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública em parceria com o Instituto Datafolha (2021), mais de 26 milhões de mulheres brasileiras foram vítimas de assédio e importunação sexual no último ano. Em uma pesquisa realizada pelo LinkedIn e pela consultoria de inovação social Think Eva (2020), contando com a participação de 414 profissionais mulheres de todo o país, constatou-se que quase metade das participantes já sofreu algum tipo de assédio sexual no trabalho e 15% delas pediram demissão. Além disso, indicou-se que esse tipo de crime acontece mais com mulheres negras e com baixos rendimentos e que, no geral, apenas 5% das vítimas recorrem ao departamento de Recursos Humanos para reportar o caso. Já em uma pesquisa internacional, Kay e West (2002, p. 765 *apud* HIGA, 2016, p. 492) chegaram à incidência de 90% em relação aos casos de assédio sexual de homens contra mulheres.

Ademais, quando tais casos chegam à justiça, também há barreiras a serem enfrentadas. Em um levantamento feito pela Gênero e Número (2021) apenas 1% dos processos de assédio sexual no trabalho entre 2017 e 2020 teve desfecho totalmente favorável à vítima. Aponta-se, ainda, a dificuldade na produção de provas para o crime e as microagressões que as vítimas são submetidas no ambiente de trabalho, mas que não são reconhecidas como violência. Correlato a isso, Higa (2016) coloca que, na verdade, as mulheres são duplamente violentadas pois, além da violência sofrida, não são reconhecidas como vítimas e, muitas vezes, são responsabilizadas pela conduta do

agressor, se na condição de estarem usando vestimentas provocativas ou aceitarem determinadas intimidades em público. Para a referida autora, tal alegação corresponde a uma visão declaradamente preconceituosa da vítima, segundo a qual acredita-se que a pessoa é assediada porque provoca ou deseja.

Nesse contexto, cabe pensar o assédio sexual em estreita relação com a violência de gênero. Esta última, ultrapassa as fronteiras entre as classes sociais, os contingentes étnicos-raciais e a divisão entre os países desenvolvidos ou não desenvolvidos, expressando-se em todo canto em maior ou menor grau. (BIJOS, 2013; BALESTERO; GOMES, 2015). Isso porque o conceito de gênero compreende, historicamente e socialmente, um campo de forças onde relações de poder foram construídas com base no sexo biológico - feminino ou masculino -, ditando os papéis que cada indivíduo deveria desempenhar. É nessa perspectiva que as diferenças biológicas entre os sexos se convergem em desigualdades, onde as relações entre homens e mulheres passam a ser assimétricas e hierarquizadas, ficando as mulheres em posição de submissão aos homens (SANTOS, 2011).

Bourdieu (2002) põe em cena a ideia de dominação masculina, dominação essa que se concretiza no plano simbólico. Nas palavras do autor,

a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos (BOURDIEU, 2002, p. 15).

Ainda nessa linha de pensamento, o autor coloca a existência de esquemas de pensamento de gênero inconscientes, uma vez que o dominado não dispõe de instrumentos de conhecimento para pensar a relação de dominação em que está inserido. Tal relação de dominação está incorporada como uma relação natural. Sendo assim, seu próprio modo de se pensar e se perceber, e também de pensar e perceber o dominador, estão contaminados por pressupostos da dominação masculina.

Entretanto, Saffioti (2001) chama a atenção de que, apesar do projeto de dominação-exploração dos homens, auxiliado, inclusive, pelo uso da violência, as mulheres apresentam inúmeras formas de resistência e têm a capacidade de se colocarem contra a posição de subalternas. Um exemplo disso é a colocação feminina no mercado de trabalho. Segundo Higa (2016, p. 490),

o sucinto esforço da justaposição das mulheres no mercado de trabalho demonstra que elas não foram e talvez ainda não sejam totalmente bem-vindas no ambiente laboral, pois a independência econômica alcançada pelo exercício de atividade produtiva desmonta o estado de sujeição aos homens e faz com que elas invadam um setor outrora exclusivo e compitam por posições de maior destaque.

É nesse cenário que o assédio sexual se situa: como expressão da violência de gênero nas relações de trabalho. Cabe salientar um aspecto já mencionado que perpassa tais relações: a invisibilização da palavra da mulher. Como já foi investigado por Cordeiro (2018), um dos motivos para que as mulheres não denunciem seus agressores é a falta de confiança nas instituições públicas responsáveis pelo enfrentamento da violência contra a mulher, pois estas carregam em si fragmentos da estrutura patriarcal e sexista.

Logo, muitas são as dificuldades para que o crime de assédio sexual seja configurado. A primeira delas corresponde à tomada de decisão da vítima de levar o caso ao conhecimento da autoridade judiciária, já que tal conduta, além de despertar sentimentos de angústia, constrangimento e vergonha, pode acarretar consequências para suas relações de trabalho. Não é incomum o medo de perder o emprego, que frequentemente representa o sustento econômico familiar. Outra dificuldade está na produção de provas para comprovar o assédio. Isso ocorre porque, geralmente, esse é um crime que envolve apenas duas pessoas, a saber a vítima e o assediador, em um ambiente reservado, não existindo testemunhas oculares e auditivas. Quando há testemunhas, por se tratarem de membros da mesma organização, também se sentem receosas em comunicar o fato em juízo pelo medo da perda do emprego ou futuras perseguições no ambiente de trabalho. Outrossim, o assediador evita deixar vestígios do abuso e o realiza em ambientes sem monitoramento. Embora sejam aceitos como material probatório conversas telefônicas, gravações, bilhetes, e-mails, entre outros, a dificuldade permanece (SILVA; BEZERRA; FREITAS, 2015).

Concernente a isso, diante do enraizamento da cultura patriarcal e sexista, a mulher teme que a culpa recaia sobre ela mesma, isto é, que ela seja vista como insinuada e a violência sofrida seja naturalizada. Esse cenário se agrava quando, depois de denunciado o fato, a vítima e o assediador continuam trabalhando no mesmo local, mesmo que afastados, até que seja realizado o julgamento da lide (SILVA; BEZERRA; FREITAS, 2015). Tal situação torna o ambiente de trabalho hostil e degradante, podendo acarretar danos psicológicos e ocupacionais para a vítima. Outro obstáculo a ser enfrentado pela mulher está nas próprias instituições

públicas, sejam as delegacias de polícia ou os Tribunais, quando a maioria dos agentes são homens e, por vezes, invalidam ou até duvidam da palavra da mulher.

Diante do exposto até aqui, quando a investigação do crime de assédio sexual está entre, somente, o depoimento da vítima e o depoimento do assediador, já se tem indícios de como será o desfecho do caso, numa sociedade marcada pela dominação masculina.

### Material Analisado

Tipo de Material	Série
Título Original	<i>Brooklyn Nine-Nine</i> (Temp. 6, Ep. 08)
Nome Traduzido	Não há
Gênero	Comédia
Ano	2019
Local de lançamento e Idioma original	EUA, Inglês
Duração	21 min e 43 seg.
Direção	Stephanie Beatriz

A série televisiva norte-americana, *Brooklyn Nine-Nine*, em exibição pela NBC TV, traz em seu oitavo episódio da sexta temporada um caso de assédio sexual. Os detetives de polícia Jake Peralta e Amy Santiago são os responsáveis pela investigação. O caso chega até eles por meio de uma denúncia do hospital em que o investidor de 38 anos, Seth, deu entrada com uma fratura peniana após ter sido atingido por uma colega de trabalho, Keri, que por sua vez, alega ter sido vítima de assédio sexual. A dupla de policiais inicia os trabalhos interrogando o acusado, que nega ter tentado violentar Keri, a chamando de maluca por ter atingido seu pênis com um taco de golfe. A próxima interrogada é a vítima de assédio sexual, que esclarece trabalhar para Seth à três anos e ser uma excelente

funcionária, entretanto, se viu numa situação em que seu chefe, claramente alcoolizado, a colocou contra uma mesa e tentou despi-la em sua sala.

Apesar de os policiais recomendarem à vítima que abrisse uma queixa contra o assediador, ela não se mostra interessada, já que a empresa lhe oferecera US\$ 2,5 milhões para fechar um acordo de confidencialidade e além disso, ela duvida do valor de sua palavra perante a justiça. A detetive Amy, todavia, convence a mulher a seguir com o processo para que o acusado seja punido. Em busca de provas para o crime, os detetives interrogam outros membros da organização, que nada dizem a respeito da conduta de Seth. Sem sucesso na empreitada, o consultor jurídico da organização anuncia para os policiais que Keri será demitida. Após isso, Amy toma o caso pra si com afinco e confia à Jake que também já fora vítima de assédio sexual, mas nunca teve coragem de denunciar, e por isso se solidariza com o caso de Keri e quer ajudá-la.

Amy tem a ideia de procurar novamente os funcionários da empresa, desta vez fora do ambiente de trabalho, com vistas à produção de provas. O funcionário Steve se oferece para encontrar os policiais e apresenta conversas eletrônicas em que Seth descreve o acontecido, exatamente como a vítima havia relatado, para outros colegas de trabalho. Assim, os detetives conseguem solucionar o caso, apresentando provas concretas do assédio sexual à justiça. Entretanto, tal solução não beneficiou Keri em suas relações de trabalho, pelo contrário: as pessoas agora a viam como vítima ou traidora e passaram a excluí-la dos círculos sociais no trabalho e fora dele. Diante desse cenário, Keri crê que sua carreira chegou ao fim na empresa e pede demissão. Mesmo com prejuízos, Keri não se arrepende de ter denunciado o assédio sexual.

Por fim, o caso serviu como um encorajamento para que outras funcionárias da empresa pudessem fazer o mesmo.

## **Análise Crítica**

A série *Brooklyn Nine-Nine* caracteriza-se por introduzir ao longo de seus episódios temas sérios e com relevância social, como o racismo, o preconceito tido contra a comunidade LGBTQIA+<sup>2</sup>, o machismo, entre outros assuntos, e faz isso de forma a agregar na discussão, evitando apresentar essas temáticas de modo estereotipado, apesar de ser uma série de comédia. Consoante a isso, ao apresentar o tema do assédio sexual no trabalho e a invisibilização da palavra da mulher, quando essa tenta denunciar o caso, a série o faz com a seriedade necessária e ilustra os diversos impasses e preconceitos que as mulheres enfrentam ao viverem essa situação.

Logo no início do episódio os detetives encarregados de investigar o caso, Jake e Amy, entrevistam o acusado de assédio, Seth, um investidor de 38 anos, que é o chefe da vítima. Nessa cena os investigadores questionam o acusado sobre o ocorrido e ele responde que na noite que aconteceu o fato ele estava dando dicas de trabalho à Keri e ela teria o interpretado errado e então teria acertado seu pênis com um taco. Nesse ponto, há diversas falas de Seth que se referem a Keri como “pirada” ou “louca”, dando a entender que ela o agrediu porque é descontrolada, como pode-se observar no diálogo que se segue:

*Amy: A Srta. Brennan alega que foi legítima defesa, após você abusar dela.*

---

<sup>2</sup> Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans (transsexuais, transgêneros e travestis), Queer, Intersexo, Assexuais e demais orientações sexuais e identidades de gênero.

Seth: (ri) *É, porque ela é louca. Sei que não podemos falar assim delas. Não falo assim sempre, pois as defendo muito. Até acho que a Kathryn Bigelow deveria dirigir o novo “Star Wars”, já falei isso em voz alta a outros homens.*

Nota-se que o acusado nega o acontecimento, coloca em dúvida a sanidade da sua colega de trabalho e tenta fazer os investigadores acreditarem que ele seria adepto à defesa das mulheres apenas baseado no fato de que apoia que uma mulher dirija um filme famoso e, por isso, não teria tal comportamento de assediar uma mulher. Ao longo do discurso é possível perceber as inconsistências apresentadas por Seth, que verbaliza falas machistas, mas tenta transmitir aos demais uma visão de que seria uma pessoa desconstruída e progressista.

Ao entrevistarem a vítima, Keri, o relato do acontecimento se dá de forma diferente daquilo que foi relatado por Seth. Keri diz que na noite que aconteceu o fato ela estava trabalhando até tarde, Seth a chamou na sala dele e ela notou que ele havia bebido, quando ela entrou na sala ele a empurrou sobre a mesa e tentou tirar suas roupas e, nessa situação, ela teria pego o taco e batido nele para se defender e fazê-lo se afastar dela. Aqui o assédio aparece para além da obtenção de uma recompensa sexual, uma vez que o assediador comporta-se como se a vítima ali presente estivesse disponível para satisfazê-lo, e, como colocado por Higa (2016), o assédio realiza-se igualmente como uma forma de discriminação de gênero, expressando a subjugação que é atribuída à mulher, sendo que o homem a humilha e a compreende como apenas um objeto que está a sua disposição para uso, o que advém da cultura arraigada pela violência de gênero disposta na sociedade, que perpetua-se no plano simbólico.

Ao relatar sua visão dos fatos, Keri apresenta falas que podem ser consideradas tentativas de se defender de

possíveis acusações das quais as mulheres podem sofrer ao relatarem um assédio no trabalho, sendo que ela introduz a situação dizendo que é muito boa em seu trabalho e que gosta dele, que faturou grandes quantias para a empresa, que não é uma pessoa violenta e que nunca faria nada que pudesse comprometer seu trabalho. Higa (2016) aponta que a mulher, muitas vezes, passa por uma dupla violência, vivenciando a situação do assédio e também sendo culpabilizada pela conduta do agressor. Consoante a isso, a postura de Keri pode ser entendida como uma forma de proteção a esse fato, pois, mesmo que ninguém ali a tenha acusado de algo, ela já responde a possíveis apontamentos que poderiam surgir como motivações a sua agressão ao chefe e a denúncia de assédio, como sobre ter comportamentos violentos ou, talvez, sobre não se sair bem no trabalho e querer ascender de outra maneira, preconceitos e estereótipos que são comumente atribuídos às mulheres.

A escolha por denunciar um assédio sexual no trabalho não se dá de forma fácil e sem impasses. É mostrado que a empresa ofereceu a Keri um acordo, no qual dariam US\$ 2,5 milhões se ela decidisse não prestar queixa e esquecesse o acontecimento, o que demonstra a compra do silêncio dela para que o acusado saia impune e não precise enfrentar a acusação judicial. A vítima, sentindo-se acuada e sem escolhas, inicialmente opta por aceitar o acordo, dizendo que essa é uma situação em que a palavra dele está contra a dela e que sabe que ninguém o condenará baseado na sua acusação. Isso demonstra que a palavra do homem já é tida como aquela que possui maior valor e verdade, enquanto que a da mulher tem pouca validade, o que contribui para que mulheres deixem de denunciar casos com base no histórico de impunidade de assediadores e na invisibilização da palavra da mulher.

Frente a esse sentimento de impotência, o apoio e suporte da detetive Amy torna-se fator crucial para que a vítima decida seguir com o processo e buscar a justiça para o que aconteceu. Amy mostra-se empática em suas falas, mostrando compreender a situação da vítima e tenta mostrar a ela que apesar do sistema ser falho e baseado em uma lógica patriarcal que beneficia os homens, ela irá tentar achar provas e punir o assediador, fazendo deste caso diferente dos demais que tendem a não atribuir consequências aos culpados. Apesar dessa postura ativa, Amy é aconselhada por sua parceira de trabalho, Rosa, a pensar nas consequências que seguir com essa acusação pode gerar para Keri, pois essa irá passar por uma audiência pública que tende a ser constrangedora para as vítimas, além de que por não terem provas físicas há a possibilidade do assediador ser solto, então coloca-se um dilema entre deixar um assediador sexual impune ou poder prejudicar a carreira e vida da vítima, dado que a culpa acaba recaindo sobre a mulher.

Nesse momento a série apresenta um importante fator na denúncia, que é impunidade dos casos e como isso repercute na vida das mulheres que denunciam. Na pesquisa realizada pelo LinkedIn e pela consultoria de inovação social Think Eva (2020), as mulheres relatam que deixam de denunciar os casos pelos seguintes motivos: impunidade, descaso, medo de ser exposta, descrença, medo de ser demitida, ou porque colocariam a culpa nelas. Ainda, Cordeiro (2018) expõe que há uma falta de confiabilidade nas instituições públicas responsáveis por tratarem da denúncia, dado que por vezes essas instituições ao receberem a denúncia deturpam o acontecido ou carregam uma visão romântica do crime, por associar a situação de envolvimento pessoal do homem e da mulher envolvidos, e que isso gera constrangimento e

insegurança às vítimas quando estas vão denunciar o caso. Tudo isso, atrelado a pequena porcentagem de casos que conseguem ser resolvidos com sucesso, reforça uma conduta de passividade de quem vive essa situação.

Na cena seguinte, buscando provas para basear a acusação, os investigadores decidem falar com os outros funcionários da empresa, procurando levantar informações sobre os comportamentos de Seth. Ao questionar os funcionários, todos respondem de forma pronta e mecanizada que um assédio não ocorreria naquela empresa, pois é um ambiente profissional e que Seth é um cara bom. O que se entende no decorrer da cena é que os funcionários foram instruídos sobre o que falar nas interrogações pelo conselheiro jurídico da empresa, para que os policiais não descobrissem nada de negativo do acusado. Ademais, o conselheiro jurídico da empresa diz que por Keri ter decidido dar continuidade ao assunto envolvendo a polícia, o acordo financeiro proposto anteriormente estaria desfeito e ela seria demitida, já que agrediu fisicamente um funcionário e possuem evidências dessa agressão, ao contrário da acusação dela. Corroborando com o dito por Silva, Bezerra e Freitas (2015), vê-se a dificuldade em encontrar provas do acontecido, uma vez que apenas o assediador e a vítima estavam presentes e os demais trabalhadores, coagidos, temem testemunharem a favor da vítima e serem prejudicados.

Essa cena ilustra a defesa que é feita ao funcionário homem na empresa, onde mobiliza-se todos os funcionários para que o defendam e ainda contribui para que ele seja acobertado, enquanto a culpa, mais uma vez, recai sobre quem fez a denúncia, a mulher, taxada de agressiva pelos demais. A dominação masculina é culturalmente aprendida e reproduz-se nas estruturas sociais e nas instituições através de comportamentos

histórico e socialmente aprendidos, entendidos como naturais, e as instituições, nesse contexto, são colaboradoras e agentes de perpetuação dessa relação de dominação ao ratificarem essas concepções em seus atos e na sua cultura organizacional. (BOURDIEU, 2002; BALESTERO; GOMES, 2015).

A questão da reprodução dessa visão de superioridade masculina na empresa mostra-se no fato de que mesmo que Keri seja descrita como uma boa funcionária, rendendo um bom desempenho e trazendo lucro de US\$ 168 milhões à empresa apenas no último trimestre, ela é tratada como dispensável em detrimento do outro funcionário. Ainda, ao denunciar um assédio na empresa, o que se torna mais relevante para essa organização é a busca por não envolver seu nome em um caso de assédio, buscando de todas as formas desassociar esse acontecimento com a imagem da empresa, seja comprando o silêncio da funcionária, coagindo os demais funcionários a defenderem Seth e dizerem que aquele é “um ambiente extremamente profissional” ou demitindo Keri por agressão.

Trazendo outra vivência sobre o assédio no trabalho sofrido pelas mulheres, Amy relata ao seu parceiro, de trabalho e de relacionamento afetivo, que ela própria sofreu um assédio pelo seu chefe anterior e que resolver esse caso para ela tornou-se algo com um valor pessoal. Ao relatar sua experiência, ela conta que quando era nova em outra delegacia seu capitão foi seu mentor e ele a ajudou a se tornar detetive, dando a ela os melhores casos, porém quando ela conseguiu se tornar detetive, ele a convidou para jantar e tentou beijá-la, dizendo que merecia algo para recompensar a ajuda que deu para a carreira dela. Ainda, ela assume que nunca havia contado para ninguém antes o ocorrido pois sentia que não merecia sua promoção, além de ter medo de não ser mais promovida caso contasse,

então apenas escondeu o ocorrido e pediu sua transferência para a delegacia atual. Novamente, a série apresenta as vivências dolorosas que as mulheres enfrentam no ambiente de trabalho, sendo importunadas, acuadas, desvalorizadas e silenciadas, e como o enraizamento da dominação masculina nas diversas instituições consolida esse silenciamento das mulheres.

Encaminhando-se ao final do episódio, os detetives tentam abordar os funcionários em particular, fora do ambiente de trabalho, para que se sintam mais livres para denunciar algum comportamento inadequado de Seth que comprove o fato ocorrido. Nessa busca, Steve, um dos funcionários da empresa, decide revelar aos investigadores algumas mensagens de texto enviadas por Seth em um grupo com os colegas de trabalho nas quais ele assume o que fez com Keri, assim, os investigadores conseguem a prova necessária do assédio ocorrido. Ao ser questionado sobre sua motivação, Steve revela que tomou a decisão de mostrar as mensagens em benefício próprio, dado que substituiria Seth em seu cargo caso ele sáísse. Isso demonstra que essa personagem, como muitos homens, não enxergam o caso de assédio com a seriedade que deveria ser visto e, no caso de Steve, apenas legitima o acontecido por conveniência e não por reconhecer a problemática envolvida na situação.

O desfecho da estória se dá com os detetives indo contar para Keri que a promotoria irá acusar Seth, dado que obtiveram as provas necessárias. A expectativa ronda esse momento, dado que houve um empenho para concluir o caso e o desfecho ocorreu de forma positiva, atribuindo as consequências ao agressor. Entretanto, ao contarem para Keri, ela demonstra estar feliz pela resolução do caso, porém revela que precisou pedir sua demissão, pois após a denúncia sentiu que o ambiente de trabalho mudou, que todos

passaram a olhá-la ou como vítima ou como traidora, deixou de fazer parte dos grupos informais de mensagens e não foi mais convidada para as confraternizações com a equipe. Ela diz que ao ser excluída de todas essas coisas, tenderá a ser excluída das futuras promoções, e que isso acabou com a carreira que poderia ter ali. Entrando para a estatística daquelas que denunciam e acabam tendo que sair do emprego, como mostrado pela pesquisa realizada pela consultoria Think Eva (2020), Keri é um exemplo de que o suporte à vítima não acontece pelas instituições responsáveis pela resolução do caso e que há um descaso com a mulher, que perde espaço no ambiente do trabalho. Apesar dessa situação, ela reconhece que sofreu um assédio e que denunciar o assediador era o necessário a se fazer.

O episódio termina, então, com uma sensação de injustiça. Ao denunciar o assédio, a vítima carrega a culpa e a vergonha, é prejudicada em seu ambiente de trabalho e nas suas relações, para além dos traumas gerados pela situação vivenciada. Embora haja resolução do caso, a impressão que fica é que o maior beneficiário da situação foi outro homem, Steve, que obteve uma progressão na carreira às custas do acontecido. Ainda que esse sentimento predomine, há um outro desfecho que surge como sinal de esperança, na cena final quando Amy volta a delegacia e conta a sua colega Rosa, aquela que havia dito que ela deveria pensar nas consequências para a vítima, que tudo aquilo que ela lhe disse se confirmou e que os malefícios à carreira e vida da vítima permaneceram mesmo após a resolução do caso, Rosa a conta que, inspirada por Keri, uma colega de trabalho resolveu denunciar um abuso que sofreu e lembra Amy de uma frase que ela mesma proferiu anteriormente “quando uma pessoa se posiciona, inspira outras a falarem”.

## Considerações Finais

*Brooklyn Nine-Nine*, apesar de ser uma comédia norte-americana, apresenta os temas com o devido cuidado, sabendo dosar o humor e apresentar a problemática sem estereótipias ou preconceitos. Ao longo do episódio analisado são apresentadas várias temáticas que envolvem a questão do assédio sexual no trabalho, como a cultura de culpabilização e vergonha da vítima, o silenciamento e desvalorização da palavra da mulher em detrimento da do homem e a impunidade dos casos.

A estória narrada apresenta-se de forma semelhante a situações reais que acontecem no cotidiano das mulheres, o que permite uma identificação com o que é contado por parte das espectadoras. Keri e Amy, que sofreram um assédio no trabalho pelos chefes, ambas possuem uma estabilidade financeira e oportunidades de mudança, seja deixando o trabalho ou mudando de local, além de terem uma rede de apoio, o que permite que o desfecho seja positivo e que possam se restabelecer em outros locais. Entretanto, esse cenário pode se dar de forma diferente com alguém que não teve essa mesma oportunidade de deixar o emprego e enfrentar as consequências da denúncia, muitas vezes tendo que permanecer no local de trabalho junto ao assediador, seja por questões financeiras, por falta de apoio, por medo ou pela impunidade.

Um ponto a ser observado é como a série apresenta a questão das relações de poder a partir do gênero e as diversas masculinidades através das personagens. De um lado, no ambiente de trabalho de Keri, são apresentadas diversas figuras masculinas que possuem maior poder, persuasão e visibilidade, como Seth, Steve e o conselheiro jurídico, que se mostram como representações do homem contingentes à cultura machista de superioridade masculina. Do outro lado,

no ambiente de trabalho de Amy, apesar dessas figuras também existirem, como nos detetives Hitchcock e Scully que reproduzem falas sexistas no início do episódio, a personagem Jake coloca-se como uma referência masculina positiva, sendo parceiro de trabalho e namorado de Amy, apresentando-se sempre de forma compreensiva às questões dela, inclusive ao final do episódio conta que assistiu um documentário sobre feminismo para entender melhor a causa. Outrossim, isso permite pensar como as relações contribuem, positivamente ou negativamente, para a vivência dessas mulheres.

Por fim, uma mensagem importante transmitida pelo episódio é acerca do apoio de outras mulheres e da importância que um posicionamento pode ter na inspiração de outros. Como a frase dita por Rosa “dois passos para frente e um para trás, ainda é um para frente”, isto é, mesmo que haja ressalvas e pontos negativos na denúncia dos casos de assédio, o ato de denunciar é um passo importante para a resolução dessa problemática, e ter o apoio de outras mulheres na situação pode dar segurança e fornecer suporte para que a mulher enfrente as consequências que a sociedade impõe à vítima, como a culpabilização e a vergonha. Ademais, deve-se pensar na necessidade de expandir a questão da resolução dos casos para além da mera punitividade do assediador, pensando na importância de fornecer assistência completa à vítima e estabelecer políticas públicas efetivas de prevenção dessa situação, para que a responsabilização saia do nível individual e seja a nível de toda a sociedade, posto que a base do problema advém da cultura machista e sexista que está enraizada na educação que nos é transmitida.

## Referências

- BALESTERO, G. S.; GOMES, R. N. Violência de gênero: uma análise crítica da dominação masculina. **Revista CEJ**, Brasília, v. 19, n. 66, p. 44-49, maio/ago, 2015. Disponível em: <<https://corteidh.or.cr/tablas/r34812.pdf>>. Acesso em 9 mar. 2022.
- BIJOS, L. VIOLÊNCIA DE GÊNERO: crimes contra a mulher. **Revista Contexto & Educação**, v. 19, n. 71-72, p. 111-128, 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/1136>>. Acesso em 9. mar. 2022.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BRASIL. MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Assédio moral e sexual no trabalho (Cartilha)**. Brasília: MTE, ASCOM, 2009. Disponível em: <<http://acesso.mte.gov.br/data/files/8A7C812D3CB9D387013CFE571F747A6E/CARTILHAASSEDIOMORALESEXUAL%20web.pdf>>. Acesso em 8 mar. 2022.
- BRASIL. **Lei nº 10.224, de 15 de maio de 2001**. Altera o Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, para dispor sobre o crime de assédio sexual e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/leis\\_2001/l10224.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10224.htm)>. Acesso em 8 mar. 2022.
- CORDEIRO, D. C. S. Por que algumas mulheres não denunciam seus agressores? **CSOnline – Rev. Eletr. de Ciências Sociais**, Juiz de Fora, n. 27, p. 365 - 383, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/17512>>. Acesso em 9. mar, 2022.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil**. 3 ed, 2021. Disponível em:

<[https://forumseguranca.org.br/publicacoes\\_posts/visivel-e-invisivel-a-vitimizacao-de-mulheres-no-brasil-3ed/](https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/visivel-e-invisivel-a-vitimizacao-de-mulheres-no-brasil-3ed/)>.

Acesso em 8 mar. 2022.

**GÊNERO E NÚMERO. Apenas 1% dos processos de assédio sexual no trabalho tem desfecho totalmente favorável à vítima.** 25 nov. 2021. Disponível em: <[https://www.generonumero.media/assedio\\_sexual\\_processos/](https://www.generonumero.media/assedio_sexual_processos/)>. Acesso em 8 mar. 2022.

HIGA, F. C. Assédio sexual no trabalho e discriminação de gênero: duas faces da mesma moeda?. **Revista Direito GV [online]**. 2016, v. 12, n. 2, p. 484-515. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2317-6172201620>>. Acesso em 8 mar. 2022.

SAFFIOTI, H. I. B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu [online]**, n. 16, p. 115-136, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/gMVfxYcbKMSHnHNLrqwYhkl/?lang=pt#>. Acesso em 9 mar. 2022.

SANTOS, I. A. VIOLÊNCIA DE GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS: os avanços sociais no atendimento das vítimas de violência doméstica em Cuiabá. In: V JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, ago. 2011, São Luís. **Anais**. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2011. Disponível em: <[http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA\\_EIXO\\_2011/QU\\_ESTOES\\_DE\\_GENERO\\_ETNIA\\_E\\_GERACAO/VIOLENCIA\\_DE\\_GENERO\\_E\\_POLITICAS\\_PUBLICAS.pdf](http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA_EIXO_2011/QU_ESTOES_DE_GENERO_ETNIA_E_GERACAO/VIOLENCIA_DE_GENERO_E_POLITICAS_PUBLICAS.pdf)>. Acesso em 9 mar. 2022.

SILVA, C. A. S.; BEZERRA, M. N.; FREITAS, E. O. A DIFICULDADE DE CONSTITUIR MATERIAL PROBATÓRIO NAS AÇÕES DE ASSÉDIO MORAL. **Rev. Direito UNIFACS – Debate Virtual**, n. 175, p.1-14, jan. 2015. Disponível em: <<https://revistas.unifacs.br/index.php/redu/article/view/3450>>. Acesso em 8 mar. 2022.

THINK EVA. **Assédio no contexto do mundo corporativo.** 2020. Disponível em: <<https://thinkeva.com.br/pesquisas/assedio-no-contexto-do-mundo-corporativo/>>. Acesso em 9 mar. 2022.

## Capítulo 5

### **MAID: UMA ANÁLISE DE RELACIONAMENTOS COERCITIVOS SOB A PROPOSTA ANALÍTICO- COMPORTAMENTAL**

Mayra Fernanda Mendes Braga  
Sabrine de Anne Santos Dias  
Stefany Montagner Bonifácio

#### **Introdução**

A minissérie analisada aborda a temática da violência contra a mulher (violência de gênero). Esta, segundo a ONU, é considerada um problema de saúde pública e é definida como “qualquer ato de violência baseado no gênero que resulta ou é suscetível de resultar em danos ou sofrimento físico, sexual ou mental para as mulheres” (tradução livre), incluindo ameaças, coerção ou privação de liberdade. A violência de gênero pode ser chamada de violência doméstica ao considerar-se o contexto em que ocorre: no âmbito familiar (Rocha, 2007 *apud* Carmo e Moura, 2010, p. 3) e que podem ocorrer nas relações conjugais, entre pais e filhas, irmãos e irmãs, com parceiros ou ex-parceiros íntimos.

O referencial teórico adotado, neste trabalho, foi a proposta Analítico-Comportamental, ciência cujo pressuposto filosófico é o Behaviorismo Radical de B. F. Skinner, que tem como objeto de estudo os fenômenos comportamentais, definidos como a relação entre organismo e ambiente. Neste trabalho, os comportamentos analisados são os “operantes”, chamados assim pois operam (provocam) mudanças no ambiente. Estas,

chamadas de consequências, retroagem sobre a resposta que as produziu, alterando sua probabilidade de ocorrência futura (NERY; FONSECA, 2018).

O modelo de descrição adotado pelo Behaviorismo Radical é o de seleção pelas consequências, isto é, a afirmação de que o ambiente seleciona, mantém e fortalece os padrões comportamentais do indivíduo em diferentes níveis: filogenético (variação e seleção de comportamentos inatos visando sobrevivência da espécie), ontogenético (seleção de comportamentos construído na história individual de aprendizagem do organismo) e cultural (seleção de práticas culturais através de gerações) (SKINNER, 1981 *apud* NERY; FONSECA, 2018, p. 24).

Na análise dos processos comportamentais, a Análise do Comportamento (A.C.) tem como instrumento a Análise Funcional, que descreve as contingências de controle do comportamento (as consequências que o estabelece e o mantém). Para a A.C., é possível dizer que o comportamento está sendo controlado quando está funcionalmente relacionado a variáveis ambientais, sejam elas eventos físicos e sociais, públicos ou encobertos, externos ou internos ao organismo. O que chama-se de causalidade é sinônimo de descrição de relações funcionais, ou seja, de comportamentos selecionados por suas consequências. Para o analista do comportamento, o comportamento é mantido por ter uma função, ou seja, por representar “um mecanismo de lidar com ambientes complexos” (MATOS, 1999, p. 10). Com isso, comportamentos estranhos socialmente jamais são nomeados como “patológicos”, mas analisados em sua funcionalidade, no seu valor de sobrevivência, a partir de análises funcionais.

Segundo Matos (1999), para garantir a confiabilidade da análise funcional, é necessário 1. definir o comportamento

a ser analisado, 2. identificar e descrever o efeito que o comportamento produz, ou seja, sua consequência, 3. buscar uma relação ordenada e funcional entre os eventos ambientais e comportamentais, 4. formular hipóteses baseadas nessas descrições e 5. testá-las.

O comportamento, por sua vez, deve ser descrito a partir da contingência de três termos: resposta (ação do indivíduo), consequência (evento subsequente contingenciado a resposta) e estímulo discriminativo (condição para a resposta) (CATANIA, 1999). São os efeitos das consequências sobre as taxas de respostas e sua probabilidade de ocorrência no futuro (aumentar ou diminuir frequência) que definem se elas são reforçadoras ou punidoras, indicando quais processos comportamentais estão ocorrendo. Pode-se dizer que há reforçamento positivo (R+) quando a taxa de respostas aumenta após ser contingenciada a estímulos reforçadores, enquanto que, há um processo de reforçamento negativo (R-) quando uma evento aversivo é retirado/evitado do ambiente, de maneira a aumentar a taxa de respostas contingentes.

Em contrapartida, há punição positiva (P+) quando a taxa de respostas diminui ao ser contingenciada a estímulos aversivos e punição negativa (P-), quando a taxa diminui ao ser retirado um estímulo reforçador. É a partir de tais processos que é possível analisar o repertório comportamental dos sujeitos, considerando a frequência dos comportamentos determinada pelas contingências que os estabelecem e os mantêm.

Gomes (2018) discute os processos comportamentais de sair, permanecer ou retornar a relacionamentos coercitivos, considerando a temática de violência doméstica. Segundo a autora, a postura de reconciliação e compensação do agressor após aos atos de violência estabelecem um reforçamento positivo intermitente que

gera resistência à extinção, fortalecendo a permanência dessas mulheres dentro do relacionamento, ainda que abusivo. A aprovação social, seja no âmbito familiar ou outros, também reforça a resposta de retornar para a relação, dificultando que o ciclo de violência seja quebrado.

Ainda, a tentativa de sair desses relacionamentos é seguida de uma exposição à instabilidade financeira, ao desempenho e ao julgamento social, o que reforça o comportamento de permanecer na relação para esquivar-se destes aversivos. Nesse contexto, a dificuldade de manter-se financeiramente, a ausência de rede de apoio e a exposição a ameaças à segurança dos filhos punem a tentativa de fuga da relação, diminuindo as respostas que possibilitam a tentativa de uma nova vida.

Considerando que a definição de “violência” é muito ampla e diversa, buscou-se compreender o significado atribuído ao termo para a literatura Analítico-Comportamental. Almeida e Zilio (2020) apontam que o termo “violência” está sendo usado pela área nos seguintes aspectos: em termos topográficos, funcionais e culturais. Topograficamente, a palavra “violência” é usada para descrever a ação em si, sem debruçar-se nos antecedentes e consequentes da ação. Em aspectos funcionais, o uso do termo “violência” é usado para descrever a razão pela qual uma ação violenta é selecionada e mantida (descrição da tríplice contingência). Os autores afirmam que o termo “violência” tem sido muito utilizado na área através do enfoque topográfico, recorrentemente usado como sinônimo para agressão. Por outro lado, o uso do termo tem sido pouco utilizado através do enfoque funcional (descrição da contingência mantenedora).

Além disso, os autores supracitados indicam que o termo “violência” também é associado ao termo

“coerção”, descrito pelos mesmos como uma “forma de violência que descreve relações sociais abusivas dada a assimetria de poder.” (p. 12). Semelhantemente, Gomes (2018) recupera o conceito de coerção como sinônimo de violência ao dizer que coerção “consiste no uso de estímulos aversivos em contingências de punição, ameaças de punição e reforçamentos negativos na interação organismo-ambiente” (p. 15-16). Estas definições se baseiam diretamente em Sidman (2009, p. 17), que definiu coerção como “uso da punição e da ameaça de punição para conseguir que os outros ajam como nós gostaríamos e à nossa prática de recompensar pessoas deixando-as escapar de nossas punições e ameaças”.

Deste modo, esta análise utilizou-se do conceito de coerção para discutir o tema violência doméstica contra mulheres, visto que é importante se atentar para este fenômeno mesmo que ele não se apresente, à primeira vista, como “agressão”. Ressalta-se que tal temática pode ser considerada uma prática cultural pois envolve comportamentos sociais - “comportamento de duas ou mais pessoas uma em relação a uma outra ou em conjunto em relação ao ambiente comum.” (SKINNER, 1953/2003 *apud* GOMES, 2018, p. 13) e permanece ao longo de gerações. Porém, dado o objetivo deste trabalho, a dimensão cultural da violência doméstica não será discutida.

Ademais, pode-se considerar que a violência doméstica é, além de uma prática cultural, uma interação coercitiva devido a esse desequilíbrio de poder que, segundo Bogo e Laurenti (2012 *apud* GOMES, p. 14 e 15), se mantém pois resulta em reforçadores para os homens (um grupo que detém maior poder sobre as contingências).

Ainda, Almeida e Zílio (2020, p. 16) citam Goldiamond (1974; 1976) para ressaltar que nem todo controle coercitivo se dá via controle aversivo, pois em algumas

situações o controle é exercido através de reforçamento positivo (por exemplo, através de afetos que, funcionalmente, controlam o comportamento da mulher). Portanto, conclui-se que a agressão é apenas uma das formas de violência contra a mulher, e que uma análise e intervenção comportamentalista deve considerar não apenas a topografia dos fenômenos, mas também sua função e seu contexto (histórico, social, econômico, religioso e cultural).

### Material Analisado

Tipo de Material	Minissérie
Título Original	<i>Maid</i>
Nome Traduzido	Sem tradução
Gênero	Drama
Ano	2021
Local de lançamento e Idioma original	Estados Unidos da América, Inglês.
Duração	Temporada 1: 10 episódios de aprox. 55 minutos cada
Direção	Molly Smith Metzler

Baseado em um livro de uma história real, a série inicia-se com a jovem protagonista Alex saindo de casa no meio da noite com sua filha Maddy, após uma briga na qual seu então companheiro, Sean, a agride verbalmente, dá um soco na parede e atira objetos em sua direção. Sem saber para onde ir, passa a noite no carro e no dia seguinte procura o serviço social norte-americano. A assistente social do local indica um serviço de faxina para que ela consiga obter auxílios governamentais. Alex passa a trabalhar num serviço precário para conseguir independência financeira e sair do ciclo de violência do atual relacionamento. Ela passa por muitas dificuldades com o trabalho, com a falta de apoio familiar

(sua mãe Paula e seu pai Hank não oferecem um suporte adequado) e em relação à guarda legal de sua filha, pois Sean recorre à justiça para provar que Alex não tem condições para cuidar de Maddy. Após conseguir vaga num abrigo para vítimas de violência doméstica, Alex mantém-se trabalhando para conseguir ganhar a guarda da filha e, paralelamente, tem apoio de Regina (dona de uma casa que limpa) e Nate (um rapaz que mantém esperanças afetivas com ela). Porém, Alex precisa lidar com demandas da mãe (que precisa ficar hospitalizada por um tempo) e, durante esse tempo, obtém apoio do ex-companheiro que faz promessas de mudanças. Diante disso, Alex volta a morar com ele e o ciclo de violência é estabelecido novamente. Após alguns insights em relação à violência que ela e a mãe vivenciaram no passado com o pai (Hank), Alex novamente se separa de Sean e volta para o abrigo. O desenrolar da trama se segue com Alex trabalhando, fazendo novos projetos de vida (voltar a estudar) e conseguindo a guarda definitiva de Maddy.

### **Análise Crítica**

A decisão de mulheres em permanecer, sair ou retornar a relacionamentos coercitivos é multideterminada, envolvendo fatores tanto de ordem cultural quanto relacionados à suas histórias de vida. Gomes (2018) mediante revisão de literatura analítico-comportamental reúne variáveis apontadas como controladoras do comportamento de permanecer em relacionamentos coercitivos.

**Quadro 1.** Variáveis apontadas como controladoras do comportamento de permanecer em relacionamentos abusivos

<b>CATEGORIAS DE ANÁLISE</b>	<b>VARIÁVEIS ENCONTRADAS</b>
Reforçamento positivo por permanecer/retornar	Eventuais demonstrações de afeto e intimidade do parceiro Estabilidade financeira Promessas de mudança do agressor Elogios de amigos e familiares por retornar à relação
Reforçamento negativo por permanecer/retornar	Obediência incondicional com função de evitar agressões Retirada de ameaça imediata, violência adicional e tensão pré-abuso Evitar as punições contingentes à saída Evitar a tensão associada à posição ativa de deixar a relação (custo de resposta)
Punição contingente à saída	Instabilidade financeira, desemprego e baixo nível escolar Ausência de recursos para cuidar/proteger os filhos Retaliação do agressor Julgamento social Atraso no reforçamento
Variáveis Motivacionais	Privação social e dependência afetiva Depressão Ausência de suporte social Baixo nível escolar e desemprego
Efeitos de regras	Regras sobre o papel da mulher no casamento e na família Regras sobre a privacidade da relação Regras sobre a eficácia da denúncia Regras sobre ciúme Regras sobre autoimagem
Outros	Exposição à violência na família de origem

Fonte: Adaptado pelas autoras de Gomes (2018, p. 24).

Muito embora seja importante conhecer quais variáveis estão envolvidas no processo de manutenção ou rompimento da relação coercitiva, não basta saber *quais* variáveis controlam o comportamento, é preciso saber *como* controlam, sendo necessário analisar sua funcionalidade (GOMES, 2018). Dessa forma, a análise crítica da série consistirá na análise funcional de como essas variáveis influenciaram a tomada de decisão por romper com o relacionamento. Para tal, dividiremos a análise em três momentos: I. Primeiro rompimento da relação; II. Retomada da relação; III. Rompimento definitivo da relação.

### **I. Primeiro rompimento da relação**

Quando decide romper o relacionamento pela primeira vez, Alex foi imediatamente exposta a todas as punições contingentes à saída descritas acima (Quadro 1). Por não ter rede de apoio, economias ou fonte de renda, ela passa a primeira noite desabrigada com sua filha, dormindo em seu carro. No dia seguinte, após procurar o serviço social, ela é encaminhada a uma empresa prestadora de serviços de limpeza, na qual consegue emprego como faxineira diarista<sup>1</sup>.

Dessa forma, solicita a sua mãe que cuide da filha Maddy, para que então possa trabalhar. Ao relatar que se separou e por isso estava em tais condições, a mãe a repreende, dizendo que ela não deveria ter terminado a relação, e verbaliza: “Não se abandona um homem que está tentando”<sup>2</sup>. Neste mesmo dia, mais tarde, ela envolve-se

---

<sup>1</sup> Emprego que a caracteriza como uma “maid”, título que dá nome a série.

<sup>2</sup> “You don’t leave a man who is trying” (tradução nossa). Aqui pode-se considerar a fala da mãe a verbalização de um comportamento governado por regras. Estas, por sua vez, figuram entre as variáveis descritas por Gomes (2018) como controladoras do comportamento de

em um acidente de trânsito com sua filha no carro. O ocorrido, além de a fazer perder o automóvel, que era então seu meio de transporte e abrigo, faz com que o ex-companheiro recorra judicialmente a um pedido de guarda da filha, alegando que Alex não seria capaz de cuidar adequadamente da criança.

Apesar de todas as adversidades, Alex é encaminhada pelo serviço social a um abrigo para mulheres vítimas de violência doméstica, no qual recebe acolhimento, suporte e aconselhamento.

**Quadro 2.** Análise funcional do primeiro rompimento da relação coercitiva.

Antecedentes	Respostas	Consequências	Processos
Agressão do companheiro	Sair de casa e romper o relacionamento coercitivo	Instabilidade financeira: Não tem economias e conta com apenas poucos dólares ao sair de casa; Desemprego e baixo nível escolar: após enfrentar desemprego, encontra trabalho desempenhando uma função na qual é desvalorizada e mal remunerada; Ausência de recursos para cuidar/proteger os filhos: não possui condições materiais	Punição Positiva (P+)  Punição Positiva (P+)  Punição Positiva (P+)

---

permanecer em relacionamentos abusivos. Contudo, apesar da regra ser colocada pela mãe, esta não se torna uma autorregra para Alex, pois não exerce controle sobre a sua decisão acerca de seu relacionamento.

		favoráveis ao cuidado com a filha, tampouco para batalhar judicialmente para manter sua guarda; Retaliação do agressor: ex-companheiro tenta tirar a guarda da criança de Alex; Julgamento social: a mãe a repreende e diz que não deveria ter deixado o então companheiro; Atraso no reforçamento: demora meses até que consiga alguma estabilidade financeira e local adequado para morar com a filha.	Punição Positiva (P+)  Punição Positiva (P+)  Punição negativa (P-)
--	--	--	---

Fonte: Elaborado pelas autoras.

## **II. Retomada da relação**

A partir do suporte e aconselhamento recebidos pelo serviço social e pelo abrigo para mulheres em situação de violência doméstica, Alex adquire guarda compartilhada de Maddy. Isso possibilita que nos períodos em que ela não está com a filha, dedique-se ao trabalho e a retomar o hábito de escrita que tinha quando mais jovem, que inclusive havia possibilitado ser aprovada na universidade para uma bolsa de redação criativa, que apenas não ingressou porque engravidou de Maddy e optou por priorizar a maternidade e o relacionamento amoroso.

Ao longo da trama, Alex passa por diversas moradias (apartamento subsidiado por programa social, abrigo de favor no trailer da mãe/na casa de um amigo, casa alugada) porém, passa a não ter mais onde morar com sua filha pois é demitida devido desentendimentos com sua empregadora Regina. Tais ocorridos configuram uma situação de vulnerabilidade social na qual ela aceita voltar a morar com o ex-companheiro, mediante o acordo de que ele continuaria o tratamento para dependência alcoólica e participaria ativamente dos cuidados com a filha Maddy, a fim de que Alex pudesse trabalhar.

Importante ressaltar que, embora tenha aceitado voltar a morar com Sean, Alex explicita que não está reatando o relacionamento, está apenas dividindo os cuidados da filha com o pai, até que ela conseguisse encontrar outro emprego e moradia.

**Quadro 3.** Análise funcional do retorno a morar junto com ex-companheiro.

<b>Antecedentes</b>	<b>Respostas</b>	<b>Consequências</b>	<b>Processos</b>
Perda do emprego; Perda de moradia; Promessa do ex-companheiro de que dividiria os cuidados com a filha para que Alex pudesse trabalhar.	Voltar a viver com o ex-companheiro	Obtém moradia para a filha e para si; Eventuais demonstrações de afeto e intimidade do parceiro: Sean demonstra-se compreensivo, apoiador dos planos de Alex e realiza gestos de cuidado com ela, como o preparo de refeições.	Reforçamento Positivo (R+);  Reforçamento Positivo (R+)

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Além de passar a morar junto ao ex-companheiro novamente, outro fator que colaborou para a retomada gradual do relacionamento foi o apoio que Sean ofereceu à Alex em relação à adversidades que ela estava passando com seus pais.

A mãe de Alex, Paula, após descobrir que seu então marido havia vendido sua casa - sua única propriedade - para pagar dívidas de jogos, entra em surto<sup>3</sup> e numa explosão de raiva, machuca-se gravemente, sendo internada em um hospital para reabilitação e por ser considerada incapaz de cuidar de si. Ao presenciar todo o ocorrido, Alex fica muito assustada e Sean a reconforta, afirmando que ela não precisará cuidar da mãe sozinha.

Já seu pai, Hank, nunca esteve presente ao longo de sua vida. No entanto, em face às complicações recentemente enfrentadas por Alex, e por preocupação com a segurança e bem-estar da sua neta Maddy, Hank busca se aproximar da filha, oferecendo cuidados e suporte. Tal movimento é recebido com desconfiança pela protagonista, que, ao longo da narrativa, vai gradativamente se recordando de sua infância e de sua relação com o pai. É pois, depois de uma lembrança repentina, que Alex lembra-se de um episódio no qual, quando criança, escondeu-se apavorada no armário da cozinha porque presenciou seu pai agredindo sua mãe. A partir disso, Alex rompe contato com seu pai. Quando posteriormente, Hank vai à procura de Alex na casa de Sean, ela pede para que ele vá embora e Sean a apoia. Ela sente-se acolhida por Sean e beija-o.

---

<sup>3</sup> Em determinado momento da trama, Alex afirma que a mãe teria um quadro de bipolaridade não diagnosticada ou tratada, o que, para ela, explicaria os comportamentos impulsivos e as dificuldades em reconhecer e enfrentar a realidade.

Aqui faz-se pertinente pontuar a atuação das variáveis motivacionais nas contingências comportamentais. De acordo com Hübner e Moreira (2012 *apud* GOMES, 2018), “as variáveis motivacionais referem-se às operações estabelecedoras, as quais são aspectos do ambiente que podem alterar o valor reforçador das consequências” (p. 12), de maneira que “operações estabelecedoras de privação social em um contexto de isolamento podem aumentar o valor reforçador da atenção social, tornando mais provável a emissão de comportamentos que produzam essa consequência.” (p. 12).

Dessa forma, muito embora Alex tenha rompido o relacionamento anteriormente, optando por não receber mais os reforçadores positivos contingentes ao relacionamento amoroso, o contexto de privação social e isolamento (falta de rede de apoio), bem como os estressores altamente aversivos (ligados aos relacionamento com seus pais) modularam o valor reforçador das demonstrações de afeto e intimidade do então ex-parceiro, aumentando a probabilidade da retomada e manutenção deste relacionamento.

**Quadro 4.** Análise funcional da retomada da relação coercitiva.

<b>Antecedentes</b>	<b>Respostas</b>	<b>Consequências</b>	<b>Processos</b>
Voltar a viver com o ex-companheiro; Receber apoio do ex-companheiro em relação aos pais;	Retomar o relacionamento	Eventuais demonstrações de afeto e intimidade do parceiro: contato afetivo-sexual, acolhimento, cuidados.	Reforçamento Positivo (R+)

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Apesar de procurar, Alex não encontra emprego novamente. Com isso, ela não consegue arcar com os custos de seu plano de celular e seu carro, ficando em uma situação tanto de dependência financeira, quanto de isolamento social, pois perdeu seus principais meios de comunicação e de transporte. A despeito da reconciliação e das promessas de mudança, pouco tempo após a retomada da relação, Sean volta a fazer uso abusivo de bebidas alcoólicas e agir de forma violenta.

Ao deparar-se novamente na mesma situação em que estava quando decidiu romper o relacionamento, mesmo frente a tudo que fez para buscar sua independência, Alex passa a exibir um padrão comportamental tipicamente deprimido. Ela cessa a busca por emprego, adota uma postura passiva<sup>4</sup> frente a Sean e para de fazer planos para o futuro. Sobre isso, Bell e Naugle (2005) trazem o Modelo de Desamparo Aprendido<sup>5</sup>, no qual “apresentações repetitivas e não-contingentes de estímulos aversivos eventualmente resultam na percepção do indivíduo de que as consequências são independentes de suas respostas” (p. 23) para explicar que dentro de relacionamentos coercitivos, mulheres podem frequentemente considerar-se incapazes de combater a violência a qual estão submetidas, e então param de tentar livrar-se do relacionamento coercitivo.

---

<sup>4</sup> Almeida (2018 *apud* GOMES, 2018) afirma que mulheres vítimas de violência por seus parceiros podem adotar um padrão passivo de comportamento frente às agressões devido ao “efeito da punição por tempo prolongado, que tende a produzir sujeitos quietos com comportamentos passivos que tem como função prezar pela segurança.” (p. 28).

<sup>5</sup> Modelo inicialmente desenvolvido por Seligman (1973, 1975) para explicar a depressão clínica. (BELL & NAUGLE, 2005, p. 23).

**Quadro 5.** Análise funcional da permanência na relação coercitiva.

Antecedentes	Respostas	Consequências	Processos
Retomar o relacionamento Agressão do companheiro	Manter-se no relacionamento coercitivo	Obediência incondicional com função de evitar agressões: evita discussões e confrontos com Sean, mantém-se apenas no quarto da filha quando Sean chega em casa, esquivando-se de sua presença. Evitar as punições contingentes à saída: todas as descritas anteriormente; Manter moradia para a filha e para si	Reforçamen to Negativo (R-)  Reforçamen to Negativo (R-) Reforçamen to Positivo (R+)

Fonte: Elaborado pelas autoras.

### **III. Rompimento definitivo da relação**

Gomes (2018) afirma que a exposição à violência na família de origem pode influenciar a decisão de mulheres em permanecer ou romper uma relação coercitiva. Isso ocorre na série quando Alex decide romper decisivamente o relacionamento, quando após um episódio de agressão de Sean, ela procura e Maddy pela casa sem sucesso, para momentos depois, encontrá-la escondida em um dos armários da cozinha, assim como ela se escondia quando

seu pai agredia sua mãe. Alex pega sua filha no colo e sai de casa imediatamente após a agressão, apenas com a roupa do corpo.

O fator decisivo, para que desta vez o rompimento seja definitivo, é que agora ela conta com uma rede de apoio que minimiza o valor punitivo das consequências aversivas contingentes ao rompimento da relação coercitiva: sua amiga Regina a leva até o abrigo para mulheres em situação de violência doméstica e a põe em contato com uma advogada para garantir que ela mantenha guarda de sua filha; obtém no abrigo o apoio, suporte e acolhimento necessário para planejar o futuro (realiza sua aplicação para bolsa na universidade e é aprovada), voltar a trabalhar e a reconquistar sua independência financeira e autonomia.

**Quadro 6.** Análise funcional do rompimento definitivo da relação coercitiva.

Antecedentes	Respostas	Consequências	Processos
Agressão do companheiro; Alex encontra a filha escondida no armário da cozinha, assim como ela escondia-se quando criança.	Sair de casa e Romper o relacionamento pela 2ª vez	Fuga das agressões perpetradas pelo ex-companheiro	Reforçamento Negativo (R-)
Antecedentes	Respostas	Consequências	Processos
Sair de casa e Romper o relacionamento pela 2ª vez	Recorrer à rede de apoio (abrigo para mulheres vítimas de violência)	Obter suporte e acolhimento para planejar o futuro e conquistar autonomia	Reforçamento Positivo (P+)

	doméstica e amiga Regina)		
--	------------------------------	--	--

Fonte: Elaborado pelas autoras.

## Considerações Finais

A partir da Análise do Comportamento, é possível descrever as multideterminações que envolvem a tentativa de rompimento da relação coercitiva e os eventos ambientais que fortalecem o ciclo da violência. Além disso, destaca-se que o estabelecimento de uma rede de apoio que forneça reforçadores relacionados à estabilidade financeira, moradia segura, segurança dos filhos e possibilidades de aumento do repertório comportamental apresenta-se como importante intervenção por diminuir a exposição a aversivos punidores do comportamento de tentativa de fuga da relação. Dessa forma, o suporte social é fator de muita importância para o rompimento de relações coercitivas.

Ainda, é importante pontuar as limitações deste trabalho ao não discutir, por exemplo, comportamentos controlados por regras de ideais românticos ocidentais e seu possível impacto nos processos comportamentais de permanecer em relacionamentos coercitivos. Sugere-se que outras pesquisas investiguem essas questões visando melhor compreensão do fenômeno e consequentemente melhores e eficazes intervenções.

Ademais, é possível compreender, a partir desse trabalho, as possibilidades de aplicação da Análise do Comportamento no que tange a problemáticas sociais, possibilitando uma tomada de consciência dessas mulheres através da descrição das contingências as quais são submetidas e, com isso, estabelecer uma forma de maior controle das contingências que as direcione a uma vida com mais autonomia e liberdade.

## Referências

ALMEIDA, R. R., ZILIO, D. O que é violência? Uma análise sobre os usos do termo na literatura analítico-comportamental. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, 22., 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.31505/rbtcc.v22i1.1419>>. Acesso em: 14 Mar. 2022.

BELL, K. M; NAUGLE, A. E. Understanding stay/leave decisions in violent relationships: a behavior analytic approach. **Behavior and Social Issues**, vol. 14, pp.21-45, 2005. Disponível em: <<https://link.springer.com/content/pdf/10.5210/bsi.v14i1.119.pdf>>. Acesso em: 01 Mar. 2022.

CARMO, P., C., C., S.; MOURA, F., G., A. Violência Doméstica: A difícil decisão de romper ou não com esse ciclo. **Fazendo gênero** 9, ago. 2010. Disponível em: <[http://www.fazendo.genero.ufsc.br/9/resources/anais/1278278656\\_ARQUIVO\\_VIOLENCIADOMESTICAADIFICILDECISAODEROMPEROUNAOCOMESSECICLO.pdf](http://www.fazendo.genero.ufsc.br/9/resources/anais/1278278656_ARQUIVO_VIOLENCIADOMESTICAADIFICILDECISAODEROMPEROUNAOCOMESSECICLO.pdf)>. Acesso em: 14 Mar. 2022

CATANIA, A. C. **Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição**. Porto Alegre: ARTMED. 1999.

GOMES, M. K. T. **Por que elas ficam? Uma revisão de literatura analítico-comportamental sobre a permanência de mulheres em relacionamentos coercitivos**. 2018. Monografia (Bacharel em Psicologia) - Universidade Federal do Ceará, 2018.

NERY, L. B.; FONSECA, F. N. Análises Funcionais Moleculares e Molares: Um passo a passo. In: DE-FARIAS, A. K. C. R.; NERY, L. B.; FONSECA, F. N. (Orgs.). **Teoria e formulação de casos em Análise Comportamental Clínica**. Porto Alegre: Artmed, p. 1-22, 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Violence Against women**. Disponível em: <[https://www.who.int/health-topics/violence-against-women#tab=tab\\_1](https://www.who.int/health-topics/violence-against-women#tab=tab_1)>. Acesso em: 14 mar. 2022.

SIDMAN, M. **Coerção e suas implicações**. Campinas: Editora Livro Pleno, 2009.

## Capítulo 6

# O CÉU DE SUELY: UMA ANÁLISE MARXISTA DAS RELAÇÕES DE GÊNERO A PARTIR DA TEORIA DO COTIDIANO

Amanda Marques Ramalho  
Leda Leite Ferreira  
Marina Nascimento de Sousa

### Introdução

O que há de específico no homem que efetivamente nos torna tão diferentes das outras espécies animais? O que nos torna *humanos*? O que há em nós de *essencialmente humano*? Essas perguntas não surgem no presente, mas se apresentam como necessidade histórica que têm encontrado respostas diversas seja na filosofia, na teologia ou na biologia. Mas afinal, qual a pretensão em responder a essas questões? O que muda ao entendermos o que efetivamente nos concebe como humanos? Para nós marxistas, compreender o que nos torna humanos é ponto de partida para a transformação, tornando possível a luta para que todos tenham o direito de, efetivamente, se humanizar.

Na busca por essas respostas, Georgy Lukács dedicou grande parte de sua vida aos estudos da ontologia do ser social. Resgatando a obra de Marx e Engels, Lukács buscou compreender qual seria a essência humana e defendeu a necessidade dos estudos sobre a ontologia em um período no qual o positivismo apresentava-se como critério de validade científica. Assim, sem perder o caráter comunista da obra de Marx, o autor defendeu uma compreensão histórica e social dos homens. Para ele, através do chamado

“salto ontológico”, os seres humanos teriam superado um estado de ser meramente orgânico, regido pelas leis da causalidade natural, tornando-se *seres sociais* (JÚNIOR, 2012). Mas o que possibilitaria esse salto qualitativo tão importante? Para compreendermos isso, torna-se imprescindível a explanação da categoria trabalho.

Na obra marxiana, o trabalho aparece como categoria fundamental: é através dele que o homem se relaciona com a natureza, transformando-a e, nessa relação dialética, também transforma a si mesmo (MARX, 2015). É justamente o trabalho que inaugura a relação entre sujeito e objeto, demandando o desenvolvimento da consciência, capaz de antecipar o produto das ações humanas de maneira ideal. Assim, a atividade humana torna-se teleológica na medida em que se dirige a uma finalidade dada anteriormente à ação (JÚNIOR, 2012). No entanto, para além de uma atividade individual, o trabalho assume essencialmente caráter social: por meio dele, não só o homem individualmente satisfaz suas necessidades, mas coletivamente produz o que poderíamos chamar de *universalidade humana*. Os produtos do trabalho se acumulam historicamente de modo que cada ser humano singular que nasce, se apropria daquilo que o conjunto do trabalho humano produziu anteriormente e, através da particularidade de seu próprio trabalho, tem a possibilidade de estabelecer vínculos com a universalidade e, assim, objetivar novas conquistas. Portanto, se constituir enquanto humano por meio do trabalho significa entender a dialética indissociável entre indivíduo e sociedade.

Após a compreensão de que a essência humana encontra-se na constituição do ser social por meio do trabalho, precisamos nos voltar para a materialidade que alicerça o desenvolvimento dos indivíduos, para espaço onde todo ser humano se relaciona com a natureza e com

a vida social, e, para isso, precisamos compreender o cotidiano. Segundo Heller (2014), no centro do acontecer histórico, na vida de todo homem, encontra-se o cotidiano. A vida cotidiana está presente em todos os períodos históricos como a dimensão mais corriqueira para as vivências humanas. A depender dos modos de organização produtiva das sociedades humanas, diferentes determinações estarão na base da vida cotidiana estruturando-a tanto em seu conteúdo, quanto em sua forma. Dessa maneira, a vida cotidiana de cada período histórico contém uma hierarquia específica que responde às diferentes necessidades das estruturas econômico-sociais (HELLER, 2014).

Além disso, Heller (2014) nos alerta que é no existir cotidiano que o ser humano pode existir por inteiro, ou seja, é nele que se coloca “‘em funcionamento’ todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias” (HELLER, 2014, p. 31). Contudo, nenhuma dessas dimensões se realiza em suas máximas possibilidades porque o cotidiano se relaciona diretamente com a espontaneidade. São nos momentos em que o sujeito eleva-se a essa dimensão, adentrando ao não-cotidiano, que se pode garantir vinculações qualitativamente diferentes, mais promotoras de desenvolvimento. Historicamente, o trabalho é a atividade humana que possibilita este salto, que rompe com a vida singular espontânea e possibilita novas relações com o mundo. É nessa relação intrínseca entre cotidiano e não-cotidiano que cada ser singular se desenvolve de forma mais ou menos consciente, sob condições mais próximas ou mais distantes das realizações humanas universais.

Tendo isso em vista, o que significa viver o cotidiano em uma sociedade como a nossa? Como se estrutura a vida

cotidiana em uma sociedade que privatiza os meios de produção? Como desempenhar o trabalho como atividade humanizadora em um modo de produção que se fundamenta na cisão entre planejamento e execução? Na sociedade capitalista, a vida cotidiana se absolutiza e se aliena, limitando as oportunidades de vinculação dos sujeitos com a dimensão não cotidiana da prática social. O trabalho cindido impede a aproximação do indivíduo da dimensão mais universal do humano, tornando-o preso à sua particularidade espontânea (PATTO, 1993). Em sua dimensão alienada, o indivíduo da vida cotidiana escancara a luta pela sobrevivência diária, encontrando-se fragmentado e distanciado das máximas possibilidades de humanização.

Ao entendermos como se estrutura o cotidiano na sociedade capitalista, podemos buscar compreender quais questões são mais determinantes para compor sua hierarquia nesse momento histórico. A vida cotidiana seria vivenciada da mesma maneira por todos os seres humanos? Heller (2014, p. 31) já nos apontava que “a vida cotidiana é a vida de todo homem”, buscando fazer referência a todos os indivíduos do gênero humano, porém, se buscarmos estreitar essa questão: seria a vida de todo homem a mesma de toda a mulher<sup>1</sup>?

Na tentativa de responder a essas indagações é necessário compreender o capitalismo como um modelo de *produção* e *reprodução* da vida humana e, para isso, apresentaremos o conceito de reprodução social. Arruzza et al. (2019) apontam que a sociedade capitalista é marcada por

---

<sup>1</sup> Devido aos limites do capítulo, partimos da categoria gênero para pensar as vivências cotidianas no presente trabalho, porém ressaltando que os recortes de classe, gênero e etnia encontram-se interseccionados e são determinantes para as vivências singulares. Assim, não acreditamos que a vivência de um homem negro, homossexual e pobre seja a mesma de uma mulher branca, heterossexual e burguesa.

dois imperativos opostos e entrelaçados: a obtenção de lucro e a produção de pessoas. Nessa direção, a reprodução social se insere no segundo polo e “abrange atividades que sustentam seres humanos como seres sociais corporificados que precisam não apenas comer e dormir, mas também criar suas crianças, cuidar de suas famílias e manter suas comunidades” (ARRUZZA *et al.*, 2019, p.78-79).

Essas atividades de reprodução da vida não são exclusividade do modo de produção capitalista, no entanto ganham novos contornos nesse momento, pois também se encontram submetidas ao imperativo do capital. Na busca pelo aumento dos lucros, os trabalhos de reprodução social são despejados sobre as mulheres, as comunidades e o Estado. A verdade é que o trabalho assalariado não pode existir sem o trabalho não remunerado para a produção de pessoas e, na tentativa de mascarar esse fenômeno, este último é relegado à família e tipificado como uma tarefa feminina relacionada ao “cuidado” e realizada por “amor” (ARRUZZA *et al.*, 2019).

Com isso, somos levados a refletir sobre como as questões relacionadas ao gênero colocam-se como fundamentais para a organização do capitalismo por meio do patriarcado, o qual é apontado na obra de Saffioti, analisada por Ribeiro (2020), como um processo de dominação-exploração que materializa, em última instância, a opressão. Mas, o que seriam essas questões de gênero? E quais as suas relações com o patriarcado?

Ribeiro (2020) analisa que Saffioti define gênero como uma categoria socialmente construída que se constitui a partir do corpo: é nosso corpo que assegura sua materialidade e é sobre ele que as ações da sociedade se dirigem. Nessa direção, o gênero diz respeito a uma “representação enquanto imagem social que se tem do feminino e do masculino e versa sobre caráter relacional”

(RIBEIRO, 2020, p. 75). A partir dessa conceituação, devemos compreender que o gênero e o sexo não constituem polos opostos marcados pela dicotomia social-biológico, pois o salto ontológico responsável pela nossa humanização torna as leis sociais mais determinantes para nosso desenvolvimento do que as leis biológicas. Devemos, assim, atentar-nos para o caráter ideológico da compreensão fragmentada entre gênero e sexualidade, considerando que ambas categorias são regidas por leis sócio-históricas e materializadas no corpo.

Partindo dessa conceituação é possível compreendermos que a problemática da sociedade capitalista não se encontra no gênero em si. É a partir do patriarcado que essa categoria passa a expressar outros sentidos menos promotores de desenvolvimento humano, carregando o sentido da opressão e das relações de poder (RIBEIRO, 2020). Em um modo de produção pautado na cisão entre produção e reprodução social, torna-se imprescindível a criação de mecanismos que garantam o imperativo do lucro e a manutenção da reprodução social da forma mais barata possível, assegurando, dessa maneira, a funcionalidade do patriarcado para a perpetuação do sistema.

Nesse momento, podemos retornar à questão anteriormente levantada com uma resposta: a vida cotidiana não se apresenta da mesma maneira para homens e mulheres. Na sociedade capitalista, as mulheres vivem no corpo a exploração, a dominação e a consolidação da opressão por meio do patriarcado. A partir desse entendimento, como podemos pensar essa vivência cotidiana menos desenvolvvente no nosso país? Como pensar a materialização dessas questões na juventude?

Pereira (2019) aponta que nossa juventude é marcada pela falta de garantia de direitos, vulnerabilizando nosso

processo de desenvolvimento em direção ao gênero humano. No Brasil, ser jovem significa se deparar com o racismo e uma polícia violenta; escancarar a maternidade precoce e, muitas vezes, desamparada; encarar o futuro marcado pelo desemprego e pelo trabalho precarizado. Viver a juventude em nosso país é esbarrar, todos os dias, com a dureza de um cotidiano sem filtros.

No entanto, os estudos de Lukács nos fazem vislumbrar outro horizonte: não estamos falando de um sujeito passivo que meramente se adequa a realidade apresentada, mas de um sujeito capaz de agir no mundo e transformá-lo. Não estamos defendendo, de forma alguma, uma liberdade de ação individual e independente das determinações da materialidade objetiva, mas Arruzza *et al.* (2019, p. 81) já nos anunciavam que “a história do capitalismo é, porém, também formada por lutas por vidas dignas significativas”.

Por isso, convidamos você, leitor, a conhecer conosco o que é viver o cotidiano no corpo de uma mulher. Mais do que isso, te convidamos a refletir, buscar e resistir junto com a gente - e com Hermila. E como faremos isso? Nada melhor do que buscarmos essa vivência no interior do interior do Brasil: seja bem-vinde a Iguatú.

## Material Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	O céu de Suely
Nome Traduzido	Não há
Gênero	Drama
Ano	2006
Local de lançamento e Idioma original	Brasil, português
Duração	1h30min
Direção	Karim Aïnouz

O *céu de Suely* é uma história quase comum, de uma mulher comum. Uma história que se funde com a experiência concreta da vida cotidiana de milhares de brasileiras provenientes da classe trabalhadora. Num primeiro momento, como telespectadores acostumados com as produções hollywoodianas, recheadas de enredos melodramáticos e finais felizes, estranhamos porque uma mulher tão “comum” poderia protagonizar um filme.

Hermila (Hermila Guedes), ou apenas Mila, a protagonista do longa-metragem, é uma jovem de 21 anos, trabalhadora, mãe e migrante que, após ter tentado uma vida melhor em São Paulo, retorna com o filho bebê à Iguatu, sua cidade natal, localizada no sertão nordestino. O começo da história é marcado pela espera de que, em breve, seu marido Mateus também volte e juntos eles reconstruam a vida, sob o plano de montarem uma barraca e venderem CDs.

No entanto, logo essa esperança é quebrada. Hermila visita sua sogra e, quase todos os dias, pelo orelhão em frente à sua casa, liga para Celeste em São Paulo, à procura de Mateus, mas ele nunca aparece. Ao longo do filme, Mateus é uma presença ausente: ronda a história, mas nunca descobrimos quem é ele, qual o seu rosto ou o seu jeito. A única informação concreta que temos vem das palavras de sua mãe, dizendo que o rapaz tem apenas 20 anos e não poderia perder a vida cuidando de uma criança ao lado de Hermila.

Sem emprego, vivendo com a avó (Zezita Matos) e a tia (Maria Menezes) que a ajudam nos cuidados do filho, Mateuzinho, Hermila passa a viver uma espécie de solidão, um caminhar vago pela própria vida. Procura emprego pela cidade, lava carros, vende uma rifa cujo prêmio era uma garrafa de uísque, mas não tem sucesso. Sem grandes expectativas em relação ao futuro, Hermila conhece Georgina

(Georgina Castro), uma prostituta que trabalha no posto de gasolina. Através dessa amizade, o roteiro nos convida a lembrar que, apesar da vida sofrida e das inúmeras responsabilidades, assim como Mateus, Hermila também é uma jovem de apenas 21 anos. Ao lado da amiga, Mila se diverte nas festas embaladas por clássicos do forró dos anos 2000, beija outros rapazes, experimenta drogas, fantasia e sente-se à vontade para perguntar suas curiosidades.

Neste meio tempo, João (João Miguel), um mototaxista da cidade e antigo romance, volta a aparecer na história de Hermila alimentando em nós, espectadores, a esperança de que o amor romântico reorganize a vida da jovem e que João ocupe o vazio deixado por Mateus. Mas Hermila se recusa. Ainda que viva cenas de envolvimento com João, ela decide que precisa ir embora e, na rodoviária, pergunta à balconista qual é o lugar mais longe para o qual ela tinha passagem. Neste ponto, a cidade de Porto Alegre ganha sentido de destino, de lugar em que se alimenta a esperança de ser feliz.

Para realizar seu futuro, Mila muda o prêmio da rifa: o uísque é substituído por uma noite no paraíso. Por toda Iguatu, Hermila - que agora passa a ser conhecida na cidade como Suely - sorteia aos homens seu próprio corpo por 15 reais. É humilhada por desconhecidos que a julgam como uma mulher pecaminosa que desvirtua a honra de homens casados, é questionada por João e expulsa de casa pela avó.

Mais uma vez, em sua solidão, Suely se sorteia e a noite no paraíso tem, na verdade, tom de violência, escancarando a linha tenue (ou talvez inexistente) entre a prostituição e o estupro. A cena de poucos minutos parece quase interminável aos olhos de quem assiste: todo o azul característico do longa é substituído por uma iluminação avermelhada e, ali, vemos Hermila - ainda que esperássemos

Suely. Desconfortável e violentada, Mila passa por esse episódio como condição para ir embora, e vai.

A última cena do filme é marcada por um azul sem igual. De moto, João acompanha o ônibus e, acostumados com melodramas, esperamos que Hermila desista de seu plano e fique com João e com seu filho. Mas, de novo, Mila nos frustra. Ou talvez nos surpreenda. Ficamos com João e Mateuzinho em Iguatu, afinal, a câmera nunca sai de lá. Em um final aberto, ela, sozinha, segue seu caminho.

### **Análise Crítica**

Um dos privilégios de conhecer Hermila através do “Céu de Suely” é que o espectador tem a oportunidade de construir, na estranheza de sua história, uma íntima relação com a personagem. O filme, de maneira documental, mas sem perder sua originalidade estética, tece a complexidade da vida humana, a qual se materializa, em todos os seus detalhes, no corpo de uma mulher. O diretor escolhe registrar essa trama de modo cru, o que confere consistência à ideia de que efetivamente vivenciamos, buscamos e resistimos com Hermila. A câmera se movimenta de forma curiosa, se colocando à disposição do corpo cênico e permitindo àquele que assiste sair de uma posição contemplativa e, ativamente, alimentar o sentimento contraditório de um incômodo pertencimento à Iguatu (SANTOS, 2014). Sem nunca adiantar os acontecimentos, a vida cotidiana se escancara aos olhos e é justamente através dela que nos parece mais oportuno começar esta análise.

“A vida cotidiana é a vida de todo homem” (HELLER, 2014, p. 31), ou ainda, se Heller nos permitir, é a vida de toda

moradora de Iguatu<sup>2</sup>. Isso significa que Hermila - Mila ou Suely - seja em São Paulo ou em Porto Alegre, seja no papel de mãe, amiga, ou trabalhadora, vive, sem exceção, a vida cotidiana. Explicar sua cotidianidade é essencial para compreender a personagem, pois nos permite sintetizar seus processos reais de vida; permite vermos Hermila, *uma mulher comum, com uma história comum*, se despir de todos os aspectos de sua individualidade, realizando grande parte da sua existência (HELLER, 2014). Sob uma visão hegemônica e, arriscamos dizer, muitas vezes consensual, a descrição da vida concreta de Hermila, acaba por envolver centralmente aspectos, como: jovem migrante, mãe solteira, de família pequena, prostituta, abandonada pelo marido ou ainda uma rebelde que nega um amor romântico - e as possibilidades de uma “vida tranquila” - fugindo sozinha sabe-se lá para onde.

Essa descrição típica, a qual não só é restrita a essa personagem, mas utilizada para caracterizar a vida de inúmeras mulheres, não é de todo mentirosa: ela descreve os aspectos mais aparentes de Hermila. Ou seja, na cotidianidade dos acontecimentos da trama, acompanhamos Mila desempenhando os papéis que comumente atribuem a ela - não a toa isso se expressa na representação que o espectador faz de sua história. No entanto, não é obra do acaso que o lugar do gênero apareça de modo central em todos os caracteres: Hermila, apesar da profundidade da sua individualidade, assume quase exclusivamente o lugar de mulher - lugar este especialmente revelador das contradições do modo de vida capitalista (RIBEIRO, 2020).

---

<sup>2</sup> Iremos adotar o feminino para se referir às personagens do filme, como é o caso em “moradoras”, pois o longa-metragem é formado majoritariamente por mulheres: todos os homens que aparecem são secundarizados na trama.

Heller (2014) nos alerta ao fato de que, apesar de ser na vida cotidiana que podemos existir por inteiro, nem de perto, nela conseguimos viver na nossa máxima intensidade. Afirmamos isso, pois foge de qualquer descrição casual apresentar a personagem em toda a sua potência. Todavia, ao definir Hermila única e exclusivamente pelos papéis estereotipados que ela realiza, corremos o risco de perder o olhar acerca da síntese social complexa que forma a individualidade da personagem (HELLER, 2014). Ao apagar seus processos reais de vida, extingue-se a possibilidade de compreender historicamente o que é vivenciar, no corpo, as contradições formativas do patriarcado e sua expressão enquanto unidade opressiva estruturante de uma sociedade dividida em classes (RIBEIRO, 2020).

Isso não significa que falar sobre Hermila, não envolva falar sobre sexualidade. A vida cotidiana, apesar de heterogênea, isto é, apesar de envolver diversas dimensões, apresenta uma hierarquia característica: há determinados conteúdos que são mais significativos que outros (HELLER, 2014). E é esse o lugar que a sexualidade deve ocupar: se por um lado, é apenas uma das dimensões de sua vida, por outro é determinante no seu processo de constituição. A sexualidade, portanto, será tida em nossa análise como parte constituinte de uma compreensão do ser na totalidade de suas manifestações. Não iremos analisar uma história que diz apenas sobre a sexualidade, mas sim sobre Hermila: um ser que vive a sua sexualidade - ainda que não em sua forma mais intensa, na medida em que é “destinada” a assumir esses papéis.

Usamos a palavra “destinada”, pois muitas vezes, na tentativa de explicar o indivíduo, nos agarramos à hipótese do destino. Contudo, explicá-la através dele, pode novamente nos inserir em uma ideia abstrata e ideológica.

Talvez a dúvida que fique é: *Hermila escolhe ser quem ela é?* Uma resposta simples dada de antemão, poderia ser “sim”: sua vida se molda enquanto fruto de suas escolhas. Ninguém a obriga a sair de Iguatu e ir a São Paulo, ser mãe, se prostituir, deixar o filho e sair da cidade sozinha. No entanto, com essa argumentação, estaríamos dizendo que suas escolhas são autônomas mesmo quando se colocam como concorrentes com a própria possibilidade de sobrevivência? Ou ainda que seria Hermila a única responsável pelo caminho que se dá em sua vida?

Essas perguntas nos instigam a retornar aos processos reais de vida. Apesar de no ideal liberal de sujeito, defender-se que a possibilidade de escolha está dada *a priori*, uma análise histórica e dialética permite enxergarmos que a escolha, apesar de existir, é relativa (JÚNIOR, 2011). Entendendo que a etimologia da palavra “relativa” refere-se a ideia de “relações”, iremos justamente analisá-las, como ponto de partida, para esmiuçar a afirmação anterior.

*Eu fiquei grávida em um domingo de manhã. Tinha um cobertor azul de lã escura. Mateus me pegou pelo braço e disse que ia me fazer a pessoa mais feliz do mundo. Me deu um CD gravado com todas as músicas que eu mais gostava. Ele disse que queria casar comigo ou então morreria afogado.*

Essa é a frase que marca o início das escolhas que constituem o caminho de Hermila, configurando uma confissão íntima, porém pouco profunda. É nessa cena de cumplicidade, que descobrimos uma personagem aparentemente romântica que nos revela, na primeira aproximação, o amor enquanto uma condição de ser no mundo. No entanto, no ápice dos afetos, a história sonhada e compartilhada com Mateus é interrompida e, é a partir do fim desta relação, que podemos começar a conhecer Hermila.

Em um primeiro nível de análise, o que nos chama a atenção é que a narrativa nos convence que Hermila é o oposto de Mateus: mesmo tendo a mesma idade, Hermila aparece de forma envelhecida e Mateus, sem nunca nem o conhecermos, parece estar na flor da idade. O papel de mãe, fundamentado em uma idealização natural de suas funções, é colocado sob julgamento moral: afinal, ela escolheu ser mãe; já em relação a ele, esquecemos que algum dia já foi pai e nem mesmo nos incomodamos com o abandono dessa função, já que ele “*é só um menino*”.

Enquanto os acontecimentos do filme tentam nos persuadir que Hermila precisa desse amor, Mateus pode escolher não amar. Ou ainda, amar quando e se quiser. Na medida em que o que pertence a um, é negado ao outro, o casamento aparece como a união de dois opostos e a idealização do amor romântico se apresenta de forma tão enraizada que parece não existir outra forma de relação afetiva (SANTOS *et al.*, 2014).

Tendo a família como unidade econômica do capital, indispensável para a manutenção da propriedade privada (RAMOS, 2015), a escolha de se unir afetivamente com Mateus e reconstruir a vida conjunta em Iguatu é colocada como condição para se reproduzir no mundo. Ela não é apenas convencida de que carece do amor de Mateus, mas apresenta necessidades concretas, seja de ordem econômica, na medida em que juntos teriam mais possibilidade de se sustentar financeiramente e garantir condições materiais de vida; seja de ordem emocional, já que eles tem um filho e, por isso, sem ele, ela se sentiria desamparada dificultando as condições na medida em que teria que enfrentar a vida sozinha; seja de ordem espiritual, já que o casal, estava tendo a possibilidade de sonhar, de pensar teologicamente a vida. As relações capitais nos convencem, portanto, que o casamento monogâmico se

coloca como uma necessidade individual e afetiva intransponível, ao mesmo passo que falseiam as marcas da alienação (RAMOS, 2015).

O que analisamos é que apesar de juntos poderem ter uma vida “mais tranquila”, nunca foi dada a possibilidade real de compartilhar as responsabilidades. Quem volta à cidade sozinha, com seu filho no colo, sem nenhum dinheiro no bolso é Hermila e isso não é uma mera escolha pessoal, mas é colocada como uma urgência que, apesar de se reatualizar, se mantém viva durante toda a narrativa: *Hermila tem urgência de virar gente*.

De uma mulher submissa aos caminhos trilhados por Mateus, com o término, apesar de começar uma longa trama de resistência, ela passa a ter a oportunidade de se materializar como um vir a ser mais autônomo, edificado sob novas relações, na medida em que o poder conferido aos homens para controlarem a integração social de mulheres se mostra como algo disputável, não naturalizado (RIBEIRO, 2020). As outras figuras femininas de sua vida, como a avó e a tia, permitem, através do trabalho coletivo e solidário, que a existência a qual beirava o impossível, resista e humanize-se.

Hermila, portanto, apesar de escolher o que é mais aparente em sua história, não deixa de ser formada pelas determinações que ser mulher trabalhadora em uma sociedade classista e patriarcal produzem na formação da sua individualidade. Assim, a dupla jornada de trabalho que vive, se presta a corporificar um modo de vida alienado e alienante. Hermila deve cuidar do filho pequeno, e assumir funções sociais pouco importantes no lar, bem como ser explorada de forma radical pelo trabalho produtivo - o qual contraditoriamente teria a função de humanizá-la: ela vende rifas de uísque, lava carros e, em última instância, vende o próprio corpo como condição para que possa se

objetivar em outras atividades de maneira mais digna (RAMOS, 2015).

A prostituição aparece na vida de Hermila como um meio para concretizar seu objetivo de chegar à Porto Alegre, de realizar a si mesma enquanto indivíduo. Submetida a uma das formas mais violentas de alienação, ela própria torna-se mercadoria e, obrigada a reificar<sup>3</sup> sua humanidade, tenta ativamente se separar da prostituição. Por meio de falas como “*quero ser puta não, quero ser porra nenhuma*”, “*puta trepa com qualquer um, eu só vou trepar com um homem*” ou ainda por meio das defesas que incessantemente faz das acusações de desconhecidos, Mila tenta a todo custo se estranhar de si mesma, tendo como principal efeito sua dessubjetivação<sup>4</sup>, a qual culmina na criação de Suely (JÚNIOR, 2014).

Ainda assim, na cena em que “a noite no paraíso” se realiza, Hermila aparece de forma brutal e crua, nos impedindo de cindir a pessoa e sua própria atividade. Neste momento, mais uma vez somos convidados a nos questionar se *de fato* Hermila escolhe ser quem ela é. A prostituição, muito mais que uma escolha, se apresenta a nós como uma violência institucionalizada, posta como única alternativa não só a Hermila, mas também a Georgina e a

---

<sup>3</sup> Júnior (2011, p. 35) define que “reificação” refere-se ao fenômeno em que o “ser humano perde, por meio da ideologia, a compreensão de sua essência, e passa a ser considerado uma mercadoria, um bem de consumo”. Nessa circunstância, seu trabalho, o único elemento de emancipação, também torna-se comercializado em troca de salário e, assim, as relações humanas existentes passam a ser personificações de categorias e parâmetros econômicos.

<sup>4</sup> Dessubjetivação é um termo utilizado por Júnior (2014), para se referir ao esvaziamento da possibilidade de se tornar sujeito de si e do mundo; de reconhecer o corpo, o outro e a própria sexualidade como pertencente a si, na medida em que se insere em condições alienadas e alienantes de trabalho.

todo um conjunto de mulheres trabalhadoras, que através do mercado sexual movimentavam a economia da cidade.

Por meio de Hermila, o filme escancara a generificação como entrave à realização da individualidade humana em suas máximas possibilidades históricas, revelando como o lugar de gênero coloca-se enquanto fator determinante das possibilidades de humanização. Seja através do casamento e da maternidade, amparados pelo amor romântico, seja pela prostituição, a mulher trabalhadora experimenta a alienação de forma ainda mais radical, servindo diretamente aos interesses da exploração capitalista (PARADIS, 2018, p.12).

De modo persistente, o caminho percorrido por Mila, até o momento em que somos deixados em Iguatu, nos convida a questionar o que efetivamente nos torna humanos. O cotidiano quase animalesco da personagem que o tempo todo luta pela sua própria sobrevivência, se entrelaça com a complexidade de uma mulher que sonha, ama, sofre e se alegra. O tempo todo, seja pelo roteiro, seja pela direção ou pela fotografia do filme, somos obrigados a nos despir da ideologia que afirma a existência de um sujeito *a priori*, independentemente de suas condições concretas de vida. Assumindo a atividade como categoria base da construção da personalidade, ou mais ainda, o trabalho como elemento central na formação do indivíduo, o “Céu de Suelly” escancara o social em nós.

### **Considerações Finais**

Se pudéssemos, brevemente, sintetizar o que o “Céu de Suely” nos planta, escolheríamos dizer que seu principal produto está em evidenciar a urgência de outro mundo. Mundo este no qual o cotidiano e o trabalho sejam fontes de humanização e de exercício da liberdade, bem como a

individualidade seja realização da potência humana acumulada historicamente. A complexidade de Hermila se constrói *apesar* das determinações desumanizadoras postas na base de sua atividade e não *em função* delas.

O filme nos revela a necessidade histórica - já apontada por Alexandra Kolontai (2007) nos princípios da revolução russa - de *politizar o mundo privado*, questionando o amor que se baseia na propriedade, no casamento monogâmico compulsório, na prostituição e em tantas outras fontes de desumanização tratadas como elementos banais no dia a dia.

Inseridos no ideal estético consumista, mercadológico e egoísta, achamos que a beleza está no sujeito burguês. Se imaginar em Hermila, se reconhecer nela, se desenvolver com ela, permitir que ela nos transforme é demasiadamente embaraçoso para aquele que assiste sua história. Não queremos ser Hermila, mas, ao mesmo tempo, quando nos deparamos com seu caminho, percebemos que somos Hermila, que somos formados por suas contradições. O “Céu de Suely”, ao fugir do estereótipo de arte que se contempla, ativamente, planta em nós o incômodo característico de um mundo cindido.

## Referências

- ARRUZZA, C; BHATTACHARYA, T; FRASER, N. **Feminismo para os 99%**: um manifesto. Boitempo: São Paulo, 2019.
- HELLER, A. Estrutura da vida cotidiana. In: HELLER, A. **O cotidiano e a história**. Editora Paz e Terra: São Paulo, 2014. Cap. 2.
- JÚNIOR, A. B. A ontologia de Lukács e a sexualidade em perspectiva emancipatória. **Filosofia e Educação**, v. 3, n. 2, p. 18-43, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.20396/rfe.v3i2.8635448>>. Acesso em: 25 fev. 2002.

- JÚNIOR, A. B. Corpo e trabalho na educação emancipatória da sexualidade. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 13, n. 154, p. 31-42, mar. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/22855/12534>>. Acesso em: 25 fev. 2022.
- KOLONTAI, A. **A nova mulher e a moral sexual**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Boitempo Editorial, 2015.
- PARADIS, C. G. A prostituição no marxismo clássico: crítica ao capitalismo e à dupla moral burguesa. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 3, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2018v26n344805>>. Acesso em: 19 fev. 2022.
- PATO, M. H. S. **O conceito de cotidianidade em Agnes Heller e a pesquisa em educação**. Perspectivas, São Paulo, 16: 119-141, 1993.
- PEREIRA, A. P. Adolescência e juventude: contribuições e desafios de escritos soviéticos para a análise da realidade brasileira. **Obutchénie: R. de Didat. e Psic. Pedag. Uberlândia**, v.3, n.3, p.1-25, set./dez. 2019
- RAMOS, R. L. S. Função da mulher na família: uma crítica marxista. **Problemata: Revista Internacional de Filosofia**, v. 6, n. 3, p. 129-145, 2015. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5298378>>. Acesso em: 20 fev. 2022.
- RIBEIRO, L. S. **Diálogos entre Heleieth I. B. Saffioti e Daniil B. Elkonin: uma contribuição à análise histórico-cultural da idade pré-escolar**. 2020. 235 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) - Faculdade de Ciência e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, Araraquara, 2020.
- SANTOS, A. C. et al. A violência contra a mulher e o mito do amor romântico. **Ciências Humanas e Sociais**, Maceió, v. 2,

n. 2, p. 105-120, nov. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/fitshumanas/article/view/1810/1065>>. Acesso em: 23 fev. 2022

SANTOS, M. V. M. **O salto do cinema contemporâneo no céu do sertão**: uma análise dos filmes O Céu de Suely e Viajo porque preciso, volto porque te amo. 2014. 165 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

## Capítulo 7

### **O FABULOSO DESTINO DE AMÉLIE POULAIN: UMA LEITURA SOBRE NARCISISMO, TRANSFERÊNCIA E SEXUALIDADE**

Victória Nuri Habedank Vallespin  
Fábio Ramos Teixeira

#### **Introdução**

No presente capítulo pretendemos fazer uma leitura do filme *O fabuloso destino de Amélie Poulain* (2001), tendo como base a perspectiva psicanalítica. Teremos como noções centrais da análise crítica algumas construções teóricas fundamentais para psicanálise, tais como: *narcisismo*; *narcisismo moral* (GREEN, 1988), *transferência* e inevitavelmente *sexualidade*.

A noção de narcisismo aparece em Freud (2010b) primeiramente como uma forma de psicopatologia para então dar lugar a um momento esperado do desenvolvimento humano, no qual a libido do sujeito se encontra inicialmente voltada para ele mesmo, possibilitando a constituição do Eu (FREUD, 2010b, p. 17). Na contemporaneidade, o narcisismo se faz intensamente presente a partir de novas formas de sofrer e estar no mundo. Marion Minerbo (2009), retomando a nosografia proposta por Green (2002), se utiliza da categoria *não neurose* para descrever aqueles sofrimentos marcadamente narcísicos, nos quais é a própria constituição subjetiva do indivíduo que está em risco:

Quando estamos diante do sofrimento não neurótico (ou narcísico-identitário), sabemos que a estrutura enquadrante interna apresenta falhas. A função simbolizante é precária. Angústias primitivas invadem e desorganizam o psiquismo. A relação com o objeto é de dependência absoluta. A rede de representações está esburacada. Predomina a lógica da sobrevivência e do desespero, que caracteriza a clínica da pulsão de morte (MINERBO, 2009, p. 218-219).

Tendo esses elementos em vista, traremos também uma forma mais específica pela qual o narcisismo pode se apresentar na clínica contemporânea, nomeada por André Green (1988) de *narcisismo moral*. Cabe ressaltarmos que a aproximação que buscamos fazer no presente capítulo entre essas construções teóricas e as vivências da protagonista não visam limitá-la a determinadas categorias, sendo somente uma possibilidade de leitura para o filme em questão.

O narcisismo moral é identificado por Green como sendo uma das subestruturas possíveis do narcisismo (juntamente com o narcisismo corporal e o intelectual, sobre os quais não nos deteremos aqui), e tem como uma de suas principais características se fazer presente através de uma ausência. Essa busca do sujeito por ausentar-se ocorre a partir de uma articulação entre a pulsão de morte e a renúncia pulsional. É como se nessa condição psicopatológica o princípio do Nirvana se sobrepusesse ao princípio do prazer (GREEN, 1988, p. 194). Esse aspecto do narcisismo é marcado, portanto, pela busca de um desinvestimento objetal, tendo em vista preservar um ideal de si mesmo:

Para o narcisista, nada disso. Trata-se de ser puro e, portanto, de estar sozinho, de renunciar ao mundo, aos seus prazeres,

assim como aos seus desprazeres, pois sabemos que do desprazer pode-se também tirar prazer. Subverter o sujeito por inversão do prazer está ao alcance de muitos. Mais difícil e mais tentador é situar-se além do prazer-desprazer fazendo voto de resistência, sem busca da dor, de pobreza e de privação, de solidão, inclusive de vida eremita: todas estas, condições que aproximam de Deus. Tem Deus fome ou sede; depende Deus do amor, do ódio dos homens? Há os que acreditam nisto, mas não sabem o que é o verdadeiro Deus: o Inomeável (GREEN, 1988, p. 194-195).

Ao longo da análise crítica veremos como em diversos momentos a personagem principal se dispõe a abrir mão de objetos de amor em nome de um ideal maior. Dito isso, em *Fragmento da análise de um caso de histeria* (1996a), Freud propõe a seguinte definição para o conceito de transferência:

O que são as transferências? São reedições, reproduções das moções e fantasias que, durante o avanço da análise, soem despertar-se e tornar-se conscientes, mas com a característica (própria do gênero) de substituir uma pessoa anterior pela pessoa do médico. Dito de outra maneira: toda uma série de experiências psíquicas prévia é revivida, não como algo passado, mas como um vínculo atual com a pessoa do médico (p. 72).

Posteriormente, em *A dinâmica da transferência* (2010a), Freud evoca a noção de repetição e propõe que cada indivíduo possui uma placa estereotipada da qual tira exemplares no decorrer de sua vida, sendo a transferência o momento em que o analista é capturado nesses estereótipos, ou seja, introduzido em uma das séries psíquicas constituídas pelo paciente durante sua existência. Citando Ferenczi (1991), Minerbo (2012) pontua que a transferência acontece com diversas figuras atuais do dia-

a-dia do paciente, sendo o analista apenas um caso particular de um fenômeno mais geral.

Neste sentido, a transferência pode ser compreendida como o processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no âmbito de um certo tipo de relação estabelecida com eles e, mais especificamente, no âmbito da relação analítica. Trata-se, em linhas gerais, de uma repetição de protótipos infantis vivenciada com sentimento de atualidade, reconhecida como o terreno em que ocorre a problemática de um tratamento psicanalítico, pois são a sua instalação, suas modalidades, sua interpretação e sua resolução que o caracterizam (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001).

De acordo com Miller (1994, p. 55), existe um consenso acerca do termo *transferência* entre os psicanalistas, considerada “o *modus operandi* da psicanálise, a mola mestra da cura, seu motor terapêutico e o próprio princípio de seu poder”. A transferência freudiana, principal referência teórica do presente trabalho, se produz quando o desejo do paciente se apodera do psicanalista, o qual imanta as cargas liberadas pelo recalque. Neste sentido, a emergência da transferência é um testemunho do inconsciente e, como veremos a seguir, um fenômeno essencial para a compreensão do relacionamento entre Amélie e seu vizinho.

Uma vez explicitada parte da base teórica que fundamentará a leitura sobre o filme, convém delimitarmos de que modo entenderemos a noção de *sexualidade* no presente trabalho. Ressaltamos que partiremos da concepção psicanalítica de sexualidade, e que, portanto, não está limitada à genitalidade ou ao ato sexual por si mesmo. Como foi trazido anteriormente, para a psicanálise a noção de libido permeia as bases do sujeito, desde a constituição de seu Eu até a forma como ele se relacionará com o mundo circundante.

## Material Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	<i>Le fabuleux destin d'Amélie Poulain</i>
Nome Traduzido	O fabuloso destino de Amélie Poulain
Gênero	Comédia romântica
Ano	2001
Local de lançamento e Idioma original	França; francês.
Duração	2h00 2min
Direção	Jean-Pierre Jeunet

*O fabuloso destino de Amélie Poulain* (2001) é um filme que retrata as sutilezas e vivências da protagonista que lhe dá o nome. Tudo se inicia com a infância de Amélie. Nela, já é possível vermos acontecimentos importantes que irão marcar sua trajetória: a morte da mãe; a falta de convívio com outras crianças e o distanciamento afetivo em relação ao pai. Todos esses elementos irão colaborar para a construção da heroína de Montmartre.

Após testemunhar a emoção que uma ação sua provocara em um desconhecido - ao devolver-lhe suas recordações de infância - a jovem decide mudar radicalmente a própria vida e passa a ter como propósito existencial ajudar as pessoas ao seu redor. Marcada por uma percepção delicada e detalhista da realidade, Amélie passa a fazer pequenas - ou nem não tão pequenas assim - modificações na rotina daqueles com quem convive, seja enviando vídeos anônimos contendo os últimos acontecimentos importantes do mundo para seu vizinho que não pode sair à rua, ou auxiliando um senhor com deficiência visual a ter contato com o mundo através de uma descrição cuidadosa da rotina parisiense. É justamente

em meio a esses acontecimentos que ela conhece Nino Quincampoix, aquele por quem irá se apaixonar.

Uma vez que conhece o rapaz e começa a se interessar por ele, Amélie passa a promover um jogo de encontros e desencontros. Grande parte do filme é marcada pela expectativa de que Amélie finalmente revele a Nino sua identidade, o que irá ocorrer apenas nas cenas finais. Essa relutância da protagonista em se permitir viver uma experiência amorosa com um outro alguém revela a principal contradição do filme: na busca por salvar a todos, Amélie deixou a si mesma para trás.

## **Análise Crítica**

### ***Amélie e o sofrimento narcísico: do salvamento à solidão da heroína***

A partir daqui, procuraremos fazer uma leitura de determinadas cenas presentes no filme que dialogam com as construções teóricas apresentadas anteriormente.

Logo de início, a vida adulta de Amélie Poulain é mostrada como sendo muito tranquila e sem grandes sobressaltos. Seu cotidiano é marcado pelo trabalho, pela convivência com um grupo seleto de pessoas e por pequenos prazeres nas horas livres. Tudo muda no momento em que ela acidentalmente encontra uma caixa em seu apartamento, pertencente a um homem que morara lá havia mais de quarenta anos. Ao perceber que tem em suas mãos lembranças da infância de um desconhecido, Amélie mostra-se determinada a encontrá-lo para devolver-lhe seus pertences. A partir disso, a protagonista toma uma decisão que terá consequências para o restante do longa: se este antigo morador se emocionar ao ver seus brinquedos e fotos de infância, ela

mudará a forma como conduz a própria existência e passará a ajudar aqueles ao seu redor.

Uma vez que sua previsão se realiza, Amélie começa a promover diversas alterações na vida diária de pessoas com as quais convive: ela finge ser, através de cartas, o marido desaparecido de uma vizinha; facilita - ou poderíamos dizer até que provoca - o envolvimento romântico de duas pessoas com quem convive no trabalho e até mesmo articula uma vingança contra um comerciante de seu bairro, toda vez que o vê sendo grosseiro com um dos funcionários. A partir dessa reviravolta inicial, portanto, a protagonista se torna quase que uma heroína da vida cotidiana, o que é muito bem ilustrado pelas cenas em que ela fantasia a si mesma vestida de Zorro ou quando imagina admiradores do mundo todo sofrendo pela sua morte.

A partir dessas imagens, podemos observar uma disparidade entre o auxílio que Amélie presta aos outros e a forma como ela conduz a sua vida amorosa. Quando se trata de lidar com o próprio desejo, a protagonista foge e se perde em meio a subterfúgios que a impedem de ir ao encontro daquilo - ou daquele - que ela mais quer. A cena em que ela foge de Nino no parque, ou o momento na cafeteria em que ela nega ser a moça presente na foto são exemplares quanto a isso. Esse possível medo que Amélie apresenta, de entrar em contato com a realidade e experienciar uma relação verdadeira com outro ser humano, muito se aproxima das construções teóricas de Green (1988), descritas anteriormente. Ao fazer uma articulação com o masoquismo, o autor retoma o dito freudiano<sup>1</sup>, modificando-o à luz do narcisismo moral: “Onde houver necessidade de renunciar a alguma satisfação, o narcisista moral se oferece.” (p. 194). Isso se assemelha à

---

<sup>1</sup> Referente ao texto *O problema econômico do masoquismo* (2010d).

contradição presente ao longo de grande parte do filme: Amélie busca salvar aqueles ao seu redor na mesma medida em que renuncia a partes de si mesma.

Através da retomada da cena em que a protagonista fantasia a si mesma sendo ovacionada por inúmeros admiradores após sua morte, podemos encontrar outros elementos que sintetizam a dimensão narcísica de seu sofrimento. Esse trecho é mostrado logo em seguida ao momento em que o vizinho nomeia para Amélie a dificuldade que ela tem de se relacionar com outras pessoas. O contato com essa verdade sobre si mesma, é sentido com uma ofensa, o que faz com que ela se afaste dele e se isole. Enquanto assiste televisão, Amélie reflete sobre aquilo que ouviu e passa a imaginar como o mundo reagiria à sua morte prematura. Nesse momento, o filme passa a mostrar na televisão da protagonista cenas dela vestida de freira ou com roupas femininas que remetem a traços de delicadeza e castidade. Simultaneamente, o narrador ao fundo descreve a tristeza generalizada que a perda de alguém tão jovem provocou na população, ao mesmo tempo em que revela a solidão que a “Madona dos esquecidos”<sup>2</sup> vivenciava em sua intimidade. Esse amálgama que surge da busca da protagonista em salvar a todos ao mesmo tempo em que abre mão daquilo que deseja reafirma a característica messiânica que pode estar presente no narcisismo moral: “Falamos de messianismo, e realmente trata-se disto frequentemente. Nas mulheres, isto vem acompanhado da identificação à Virgem Maria, ‘que concebeu sem pecar’” (GREEN, 1988, p. 199).

---

<sup>2</sup> Esta foi uma das expressões utilizadas para descrever Amélie Poulain na cena em questão. Cabe ressaltarmos que, em decorrência de diferenças de tradução, modificações podem ocorrer a depender da edição do filme acessada.

Ao nos voltarmos para a relação que a protagonista estabelece com Nino também podemos identificar certos traços de seu narcisismo presente. Passadas inúmeras fugas e desencontros, Amélie finalmente convida Nino a conhecê-la pessoalmente. O convite é feito através de um bilhete e portanto não há nenhuma certeza de que o rapaz estará presente no horário e local combinados. Quando chega o momento tão esperado, Nino se atrasa. Esses breves minutos de ausência levam a protagonista a imaginar que ele foi sequestrado por terroristas e levado para terras longínquas. Para além de ser uma cena cômica, esse trecho mostra algo essencial da vida psíquica de Amélie: é menos doloroso para ela imaginar que seu amado havia sido vítima de violência e estava correndo risco de vida, do que acreditar que ele não tinha qualquer interesse por ela.

Quando Nino finalmente chega no trabalho de Amélie, o Café dos Dois Moinhos (haveria um nome melhor para o cenário principal de um filme tão quixotesco?), ela não tem coragem de falar diretamente com ele. Ao se dar conta de que ela está ali, ele questiona se a mulher misteriosa a quem tanto procurava era ela. A protagonista nega e passado certo tempo o rapaz se retira do local. É nesta cena, da partida de Nino, que podemos observar a vivência quase fusional que existe entre ambos: ao ver seu objeto de amor indo embora, todo o corpo de Amélie se desfaz em água. Essa imagem pode ser vista como um retrato do sofrimento não neurótico (ou narcísico-identitário), uma vez que nele:

Angústias primitivas invadem e desorganizam o psiquismo. A relação com o objeto é de dependência absoluta. A rede de representações está esburacada. Predomina a lógica da sobrevivência e do desespero, que caracteriza a clínica da pulsão de morte (MINERBO, 2019, p. 219)

## ***O Homem de Vidro e a garota do copo de água: a transferência como repetição***

Nesta seção, abordaremos a relação de Amélie com seu vizinho, o Sr. Dufayel, conhecido como Homem de Vidro em função de uma doença congênita que torna seus ossos frágeis como cristal. Recluso em seu apartamento há vinte anos, o vizinho interage com Amélie, inicialmente, para corrigir o sobrenome do ex-morador procurado pela jovem – se tratava de *Bretodeau*, e não *Bredoteau* –, apresentando-lhe, em seguida, sua mais recente pintura: uma cópia de “Almoço dos Barqueiros”, de Renoir. O vizinho afirma, então, que ainda não havia conseguido reproduzir o olhar fugidíio da moça com o copo da água, posicionada no centro da pintura e, mesmo assim, com uma aparência distante. Amélie – que, naquele instante, também segurava um copo de água – reflete que talvez a moça fosse diferente dos outros e, neste ponto, o pintor cria a hipótese de que, quando pequena, a garota não devia brincar muito com outras crianças.

Já nesta primeira interação, é notável que a “moça com o copo da água” seria, na verdade, uma projeção de Amélie, que expõe suas sensações como se fossem as da personagem de Renoir. Em um viés psicanalítico, a projeção pode ser considerada um modo de defesa primário por meio do qual o sujeito projeta em outro sujeito ou objeto desejos que provêm dele mesmo, porém cuja origem ele desconhece, atribuindo-os a uma alteridade externa a si (ROUDINESCO; PLON, 1998). Assim, a projeção é utilizada por Amélie enquanto forma de verbalizar os desejos, medos e inseguranças relativos à sua vida social e amorosa.

Destacamos que os únicos momentos em que Amélie dá vazão a tais sentimentos são, justamente, em suas visitas ao Sr. Dufayel. Neste sentido, podemos aludir à

definição de transferência como o terreno em que se representa a problemática singular do sujeito em sua atualidade, na qual este se confronta com a existência, com a força dos seus desejos e fantasias inconscientes (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001). Através da associação livre e projeção de Amélie na moça com o copo de água, conjugadas às falas do vizinho em campo de transferência, é possibilitada a emergência de uma realidade absolutamente singular à protagonista, produzida por sua elaboração interpretativa da realidade material, composta de suas fantasias e expressa em seus desejos (BEZERRA JUNIOR, 1989).

Vale lembrar que é a relação do sujeito com as figuras parentais que é revivida na transferência, principalmente com a ambivalência pulsional que lhe é característica (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001). Assim, a catexia libidinal reprimida do analisando irá dirigir-se à figura do analista, incluindo-o numa de suas já formadas “séries psíquicas”, de tal forma que a transferência poderá surgir semelhante à *imago* paterna, materna ou fraterna. Trata-se, enfim, da repetição, com a figura do analista, de modelos de relação anteriores à situação de análise (FREUD, 2010a).

No caso de Amélie, a transferência surge, sobretudo, enquanto repetição de sua relação com a figura paterna, haja vista as semelhanças entre o Homem de Vidro e seu pai: ambos homens mais velhos, solitários, que nunca saem de casa e têm obsessões particulares – o pai se dedica à construção de um mausoléu em homenagem à falecida esposa e o vizinho produz, ano após ano, releituras da mesma pintura de Renoir. O caráter repetitivo da transferência surge, também, nas iniciativas de Amélie para com o pai e o vizinho: com o primeiro, Amélie decide dar vida ao anão de jardim, encena fotos como se ele estivesse viajando por diversos pontos turísticos e as envia

anonimamente pelo correio, causando espanto e fascínio ao progenitor; com o segundo, a jovem cria um mosaico de cenas e gravações aleatórias da televisão, entregando-as ao recluso artista em uma fita cassete que lhe instiga admiração e inspira seu processo criativo.

Pontuamos que a repetição na transferência de experiências passadas e de atitudes para com os pais não deve ser compreendida num sentido realista, que restringiria a atualização às relações *de fato* vivenciadas: o que é transferido é a *realidade psíquica*, isto é, o desejo inconsciente e as fantasias conexas, sendo que as manifestações transferenciais não são repetições literalmente, mas equivalentes simbólicos do que é transferido (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001).

Dito isso, convém abordar a cena em que, após se deparar com Nino na estação de metrô e recolher seu álbum fotográfico, Amélie visita o apartamento do Sr. Dufayel e recorda a história da garota com o copo de água, dizendo que, se ela parece distante na pintura, talvez seja porque está pensando em alguém, como um garoto com quem cruzou e sentiu que eram parecidos. O vizinho, então, diz que ela prefere imaginar um relacionamento com alguém ausente a criar laços com aqueles que estão presentes. A jovem rebate que, pelo contrário, talvez ela esteja tentando arrumar a bagunça da vida alheia. Neste ponto, o Homem de Vidro questiona: e a bagunça da vida dela? Quem irá pôr ordem? Por fim, Amélie reflete que é melhor cuidar dos outros do que de um anão de jardim, em uma alusão desdenhosa à atividade empreendida pelo seu pai.

Esta cena é indicativa da ambivalência de sentimentos da protagonista acerca do progenitor e seu estilo de vida. A infância solitária de Amélie, a ausência de contato íntimo com o pai, o fato de, quando criança, sonhar com o dia em que deixariam de morar juntos e a dificuldade de se

comunicar com ele na vida adulta evidenciam a distante e pouco afetuosa relação entre pai e filha. Por exemplo, quando Amélie questiona ao pai como se sentiria caso lhe fosse entregue um objeto perdido de sua infância, ele a ignora completamente e passa a discorrer sobre o anão de jardim recém-encontrado.

Nesta perspectiva, vale citar a cena em que Amélie olha pela janela de seu apartamento e se depara com o vizinho jantando sozinho, tal como ela estava prestes a fazer, e repete, em um tom sarcástico, o que havia sido dito por ele ao encontrá-la pela primeira vez: “nunca soube se relacionar com os outros”, “quando era pequena, sempre estava sozinha”, como se indignada frente a uma hipocrisia.

Esta situação vai ao encontro daquilo que é defendido por Freud (2010a), segundo o qual a transferência não deve ser entendida como unívoca, distinguindo-se em transferência de sentimentos afetuosos (transferência positiva) e transferência dos sentimentos hostis (transferência negativa), frequentemente dirigidas simultaneamente para a mesma pessoa. Podemos afirmar, portanto, que a ambivalência de sentimentos de Amélie em relação ao pai se manifesta, também, na transferência de sentimentos hostis frente ao Sr. Dufayel.

Ainda sobre o modo como Amélie vivencia os afetos relacionados ao próprio pai, é interessante pontuar que existem duas cenas no filme em que o som do coração pulsante da protagonista é reproduzido: quando seu pai a está examinando durante a infância e quando ela vê Nino na estação de metrô pela segunda vez – sendo exibida uma animação 3D do coração pulsando, reforçando o impacto do rapaz sobre a protagonista.

Deste modo, a transferência enquanto revivência da relação com a figura paterna surge, também, com o interesse amoroso de Amélie, ilustrando a tese freudiana

sobre o papel da dinâmica transferencial de tornar imediatos e manifestos os impulsos eróticos ocultos e esquecidos do paciente (FREUD, 2010a). Além disso, para Freud (2010c), é paradigmático de todo enamoramento reproduzir modelos infantis, inexistindo diferenças entre o amor de transferência e o amor da vida cotidiana, visto que ambos são repetições estereotipadas de condutas inscritas no sujeito, passíveis de ressurgir a depender da ocasião.

Ademais, podemos refletir acerca da contratransferência e identificação associados ao relacionamento entre os vizinhos. Em uma perspectiva psicanalítica, a contratransferência diz respeito ao conjunto das manifestações do inconsciente do analista relacionadas às da transferência de seu paciente, isto é, as reações e sentimentos experimentados pelo analista em relação ao analisando (ROUDINESCO; PLON, 1998). Deste modo, para além da transferência de Amélie com o Sr. Dufayel, é nítido que a situação da jovem desencadeia um especial interesse no solitário pintor, tendo em vista as cenas nas quais ele observa Amélie à distância com um binóculos, admite que foi muito ríspido com a garota do copo de água ou grava um vídeo com frases de incentivo à protagonista.

Somada a esta perspectiva contratransferencial, a relação entre os vizinhos também pode ser abordada no nível de uma *identificação* efetuada na ausência de qualquer investimento sexual do outro, segundo a qual um sujeito pode se identificar com o outro na medida em que compartilham de algum elemento, como o desejo de ser amado (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001). Tal elemento em comum entre Amélie e o Homem de Vidro pode ser a experiência da solidão, por exemplo, de tal forma que a disposição dos apartamentos, um em frente ao outro, promove uma relação de natureza especular entre os vizinhos, como se o Sr. Dufayel espelhasse uma versão

envelhecida da própria Amélie. Esta identificação é corroborada pela analogia entre a “anomalia cardíaca” de Amélie, considerada por seu pai um impeditivo para seu ingresso na escola, e as limitações fisiológicas do Homem de Vidro, que, não à toa, diz à protagonista no final do filme: “você não tem ossos de vidro, pode suportar os baques da vida”.

Neste ponto, é interessante recordar o momento em que, após o encontro com Nino na cafeteria, Amélie visita o Sr. Dufayel e indica o personagem da pintura por quem a garota do copo de água estaria apaixonada. O vizinho diz que estava na hora de ela assumir um risco e ela responde que está pensando em um estratagema. O pintor afirma, então, que a personagem é um pouco covarde e talvez seja por isso que não consegue captar seu olhar. Na cena seguinte, a protagonista assiste solitária a uma autobiografia imaginária, com o narrador afirmando que a intromissão de Sr. Dufayel é intolerável e, se Amélie prefere viver no sonho e ser uma moça introvertida, é um direito dela.

Podemos perceber, assim, o quanto as interpretações do vizinho reverberam na mente de Amélie e influenciam suas decisões, indo ao encontro do pressuposto freudiano de que todos possuem, em seu próprio inconsciente, um mecanismo com o qual podem interpretar as expressões do inconsciente das outras pessoas (FREUD, 1996b). O Homem de Vidro, em seguida, grava o supracitado vídeo incentivando Amélie e alertando que, caso ela deixasse essa chance passar, com o tempo seu coração ficaria tão seco e quebradiço quanto o esqueleto dele. A jovem, então, decide ir atrás de Nino, encontrando-o bem à porta de seu apartamento e, finalmente, se beijando. Concluímos, desta forma, que, enquanto relação de dependência afetuosa e dedicada, a transferência também pode auxiliar o sujeito a superar suas dificuldades de fazer uma confissão (FREUD, 2010a).

## Considerações Finais

A partir de *O fabuloso destino de Amélie Poulain* (2001), podemos perceber de que modo uma postura que poderia a princípio ser considerada altruísta na verdade contém em si um sofrimento narcísico intenso. Claro que a história da protagonista não pode - e não deve - ser resumida a esses elementos de sua vida psíquica. Muitas de suas ações poderiam, sim, estar partindo de uma preocupação legítima com o outro, mas a presença do tom heróico ao longo do filme evidencia um algo a mais que não se esgota numa simples bondade para com o próximo.

É mostrado logo nas primeiras cenas a dificuldade existente na relação de Amélie com seus genitores. A restrição do toque de seu pai a exames físicos periódicos, coloca a troca afetiva no campo do impossível desde a mais tenra infância. A rigorosa presença materna, embora breve, alerta a protagonista para os perigos provenientes da espontaneidade e do erro. Podemos perceber com esses elementos, que colocar-se no lugar de salvadora é antes de tudo uma forma de proteger a si mesma e a um narcisismo já tão fragilizado.

Até então refugiada em seu mundo de fantasias, é interessante notar como a relação com Sr. Dufayel possibilita a Amélie pôr em palavras os desejos e angústias concernentes à sua vida amorosa, ainda que pela via da projeção na “garota com o copo de água” simbolizada na pintura impressionista. Mais do que isso, a transferência estabelecida com o Homem de Vidro constitui uma repetição do modelo de relação da protagonista com a figura paterna, atravessada não só por sentimentos afetuosos e hostis, mas também pela contratransferência do vizinho e uma possível identificação baseada naquilo que une os personagens: a experiência da solidão, aliada a

um senso de fragilidade decorrente dos ossos de vidros do vizinho e da “anomalia cardíaca” de Amélie.

Ao fim do filme, porém, percebemos que, após as interpretações e provocações do Homem de Vidro em campo transferencial, Amélie abre mão de suas estratagemas e, finalmente, revela seu amor por Nino. Esse é o destino da protagonista como ser desejante e invenção permanente, capaz de aguentar os “baques da vida” e sustentar a posição ética de não ceder de seu próprio desejo.

## Referências

- BEZERRA JR, B. Subjetividade Moderna e o Campo da Psicanálise. In: BIRMAN, J. (Org.). **Freud, 50 anos depois**. Rio de Janeiro: Dumará, 1989.
- FERENCZI, S. Transferência e introjeção. In: **Obras Completas**, I. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- FREUD, S. Fragmento da análise de um caso de histeria. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 7, p. 15-116. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.
- FREUD, S. A dinâmica da transferência. In: **Obras Completas, vol. 10**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.
- FREUD, S. A disposição à neurose obsessiva. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 12, p. 399-414. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.
- FREUD, S. Introdução ao Narcisismo. In: FREUD, S. **Obras completas, vol. 12**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.
- FREUD, S. Observações sobre o amor transferencial. In: FREUD, S. **Obras Completas vol. 10**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c.

FREUD, S. O problema econômico do masoquismo. In: FREUD, S. **Obras Completas, vol. 16.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010d.

GREEN, A. O narcisismo moral. In: GREEN, André. **Narcisismo de vida, narcisismo de morte.** São Paulo: Escuta, 1988.

GREEN, A. **Orientações para uma psicanálise contemporânea.** Rio de Janeiro: Imago, 2008.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MILLER, J. A. **Percursos de Lacan: uma introdução.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

MINERBO, M. **Neurose e não neurose.** São Paulo: Blucher, 2019.

MINERBO, M. **Transferência e contratransferência.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

MOLLOY, C. S. Algumas notas sobre o “diagnóstico e tratamento” das crianças. In: RAPPAPORT, C. R. **Psicanálise: Introdução à Práxis Freud e Lacan,** São Paulo: EPU, 1992.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise;** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

## Capítulo 8

### **PIECES OF A WOMAN: SEXUALIDADE NO PUERPÉRIO, VIOLÊNCIA CONJUGAL E MISOGINIA**

Vanessa de Oliveira Neves

#### **Introdução**

Considerando as temáticas das quais este trabalho se ocupa, é relevante uma breve definição do conceito de sexualidade tomado aqui como referencial. Primeiramente, destaca-se uma concepção mais ampla de sexualidade, a qual se afasta de um paradigma reprodutivo e da vinculação exclusiva ao ato sexual propriamente dito; neste sentido, admite-se uma sexualidade de caráter dinâmico, fundamental para a integridade do ser humano e, mais especificamente, uma expressão cotidiana - localizada em um dado período sociocultural e histórico - de fatores biopsicossociais, do processo velado da imposição de padrões sociais, do desenvolvimento das pessoas, de suas identificações, de seus prazeres, de sua singularidade e do agir em sociedade (JESUS; AZEVEDO, 2017; MARTINS; MEIRA; OLIVEIRA, 2021).

No contexto deste trabalho, será discutida a sexualidade feminina, sobretudo aquela que pode ser caracterizada como cis e heterossexual, tendo em vista os personagens do filme escolhido para a análise. Assim, destaca-se que esta pode também ser constituída por múltiplos aspectos e, sobretudo, por uma série de interferências que são produto das mudanças físicas e emocionais vivenciadas ao longo de sua vida sexual; portanto, aponta-se a importância da ponderação dos

elementos singulares vinculados à experiência de cada mulher e a possível presença de disfunções sexuais em qualquer etapa da vida das mesmas (SALIM; GUALDA, 2010; SIQUEIRA; MELO; MORAIS, 2019; VETTORAZZI *et al.*, 2012). Um exemplo destas etapas é o período puerperal, o qual possui uma dinâmica psíquica única (VIDAL, 2021).

Dessa forma, o puerpério é o ciclo que se inicia entre uma e duas horas após a expulsão do feto e da placenta durante o parto e possui uma duração que varia entre quatro a oito semanas completas após o mesmo - quando interrompe-se o estado involutivo dos fenômenos gravídicos -, além de ser dividido em três períodos: imediato (1º ao 10º dia), tardio (11º ao 45º dia) e remoto (a partir do 45º dia) (JESUS; AZEVEDO, 2017; MARTINS; MEIRA; OLIVEIRA, 2021; PARENTE; REGIS; COSTA, 2022; SALIM; GUALDA, 2010; SIQUEIRA; MELO; MORAIS, 2019). Sendo assim, a fase do puerpério deve ser olhada com zelo, uma vez que é marcada por uma série de modificações, locais e sistêmicas, intensas que compreende as dimensões psicológica, fisiológica, endócrina, conjugal, profissional, familiar e sociocultural - principalmente na vida daquela que gestou e agora experiencia o sobreparto, mas também na da parceria e da(s) família(s) envolvida(s) (JESUS; AZEVEDO, 2017; MARTINS; MEIRA; OLIVEIRA, 2021; NOGUEIRA, 2018; SALIM; GUALDA, 2010; SILVA; FIGUEIREDO, 2005; SIQUEIRA; MELO; MORAIS, 2019). Além disso, é necessário ressaltar que estas variadas alterações manifestam-se a despeito da via de parto e a forma que serão vivenciadas depende significativamente da condições socioculturais sobre as quais as puérperas estão submetidas (PARENTE; REGIS; COSTA, 2022; VETTORAZZI *et al.*, 2012; VIDAL, 2021). Com relação ao nível fisiológico, observa-se que as principais mudanças estão associadas a uma reorganização hormonal, à redução do tamanho do

útero, aos traumas perineais como sequelas do parto e às alterações no assoalho pélvico (SALIM; GUALDA, 2010; DOS SANTOS; DOURADO, 2019; SILVA; FIGUEIREDO, 2005). Logo, torna-se evidente que o resguardo é um cuidado fundamental para que haja a recuperação adequada do corpo da mulher puérpera (JESUS; AZEVEDO, 2017).

Acrescenta-se a este cenário as fantasias sobre este período promovidas por um imaginário social, este que deposita suas expectativas e idealizações com relação ao cuidado infantil especialmente sobre as mulheres que vivem o puerpério - como se estas fossem tomadas tão somente por sentimentos nobres e por uma vocação inata - e também sobre o casal como um todo (MARTINS; MEIRA; OLIVEIRA, 2021; JESUS; AZEVEDO, 2017; ROCHA; FUKS, 2019). Todavia, é categórico o distanciamento entre estas noções sociais e a realidade experienciada por estas mulheres, considerando que cada uma delas irá passar por este período de modo idiossincrático, podendo, portanto, presenciar um estado de intenso mal-estar e angústia (ROCHA; FUKS, 2019; SIQUEIRA; MELO; MORAIS, 2019).

Neste viés, nota-se que, atualmente, apesar de serem poucos os estudos dedicados à compreensão das modificações psíquicas ocasionadas a partir do puerpério (ROCHA; FUKS, 2019), é reconhecido que este é uma circunstância com características que não estão presentes antes do período gravídico-puerperal e exige uma reorganização psíquica insólita (IACONELLI, 2007; VIDAL, 2021). Em vista disso, verifica-se a presença de uma variação de conflitos, expectativas, sentimentos ambivalentes - de alegria, desamparo, estranhamento, angústia, receio, alívio, anseio, realização - e de diversos questionamentos; por conseguinte, enfatiza-se o papel da atuação da Psicologia com esta população, a julgar pelo fato de que a puérpera está mais sujeita a quadros de inibição, apatia,

redução da autoestima, preocupação com a estética corporal e de adoecimento mental como a tristeza pós-natal, o *maternity blues*, a depressão pós-parto e a psicose puerperal (IACONELLI, 2007; JESUS; AZEVEDO, 2017; MARTINS; MEIRA; OLIVEIRA, 2021; ROCHA; FUKS, 2019; SALIM; GUALDA, 2010; DOS SANTOS; DOURADO, 2019; SIQUEIRA; MELO; MORAIS, 2019; VETTORAZZI *et al.*, 2012; VIDAL, 2021).

Para além destas questões, constata-se que, nesta circunstância, a atenção e afetividade dentro dos relacionamentos pode estar voltada essencialmente para o cuidado com o recém-nascido e com todas as demandas que advêm desta mudança, colocando um desafio para a conciliação entre os papéis a serem assumidos neste contexto e afetando, direta ou indiretamente, o âmbito sexual do casal (SILVA; FIGUEIREDO, 2005; SIQUEIRA; MELO; MORAIS, 2019). A respeito deste último elemento citado, evidencia-se que, sendo um tópico pouco trabalhado com estas mulheres, a vivência da sexualidade neste período, independentemente da via de parto, pode apresentar transformações significativas, dificuldades - sendo que as principais queixas giram em torno da dispareunia, da redução da lubrificação vaginal, do medo de uma nova gravidez e da diminuição da libido - e uma certa complexidade, levando em consideração as especificidades desta circunstância; deste modo, o retorno à atividade sexual é marcado por uma variabilidade individual e demanda não apenas uma adequação fisiológica, mas uma reorganização psíquica e relacional única para cada puérpera (JESUS; AZEVEDO, 2017; LIVI; SILVA, 2019; MARTINS; MEIRA; OLIVEIRA, 2021; NOGUEIRA, 2018; SALIM; GUALDA, 2010; DOS SANTOS; DOURADO, 2019; SILVA; FIGUEIREDO, 2005; SIQUEIRA; MELO; MORAIS, 2019; VETTORAZZI *et al.*, 2012).

Além destes aspectos e, fazendo jus à temática central da mídia escolhida para esta análise, observa-se a possibilidade de vivência de um luto perinatal, este que se define como um momento consequente à perda por aborto, natimorto, gravidez ectópica e óbito entre as últimas semanas de gestação ou nas primeiras semanas após o parto (IACONELLI, 2007; VIDAL, 2021). Esta experiência possui um caráter peculiar e traumático, uma vez que existem poucas evidências concretas de interação com o bebê e que pode ser ocasionada uma significativa desorganização psíquica; ademais, este tipo de enlutamento não costuma ser reconhecido e compreendido pelo entorno social, sendo que as condições mínimas para a sua elaboração são constantemente negligenciadas (IACONELLI, 2007; VIDAL, 2021). Neste sentido, destaca-se que “há algo do mais profundo desamparo nesta vivência. Não há como inscrever esta perda no psiquismo, pois ela é sistematicamente desautorizada pelo outro” (IACONELLI, 2007, p. 620).

É válido de ser acrescentado aqui também o fato de que, em muitos casos, as puérperas podem ser submetidas a diversas formas de violência conjugal, entre estas estão a violência física, sexual, psicológica, moral e patrimonial (CAMPOS *et al.*, 2019). Acima de tudo, este modo de violência deve ser reconhecido como fruto de uma sociedade que legitima a subordinação feminina ao domínio e ao poder masculino, tendo em vista que qualquer tentativa de rompimento para com este modelo é tratado como rebeldia e internalizada em um tom de culpabilização pela própria vítima (MOTERANI; CARVALHO, 2016).

Assim, com o objetivo de compreender melhor a estruturação desta realidade e visando os propósitos analíticos deste trabalho, será utilizado o conceito de misoginia, o qual se afasta daquilo que Manne (2018)

designa como uma concepção ingênua da Misoginia: uma fobia ou profunda aversão às mulheres em um geral; logo, a autora afirma que esta concepção de Misoginia dificulta o seu diagnóstico e torna-a uma questão de saúde psicológica, ao invés de explicitar a sistematização velada das relações de poder por trás das práticas misóginas. Portanto, deve ser enfatizado o caráter socialmente construído de todas as ideologias e ações misóginas, posto que elas constituem-se e são reforçadas cotidianamente como violência, ódio, opressão e dominação contra tudo aquilo que ameaça a soberania da cultura masculinizada (DE AGUIAR; PELÁ, 2020; MOTERANI; CARVALHO, 2016).

A partir disso, entende-se que “o que estas hostilidades devem ter em comum é a sua explicação sócio-estrutural: grosso modo, elas devem fazer parte do sistema que polícia, pune, domina e condena aquelas mulheres percebidas como inimigas ou ameaças ao patriarcado.”<sup>1</sup> (MANNE, 2018, p. 34, tradução livre). Outrossim, quando a coerção social sutil - essência funcional da misoginia - não opera com êxito, pode ser feito o uso de variados mecanismos, desde sinais sociais de desaprovação até a ameaça contra a vida destas mulheres a partir da força e da violência (MANNE, 2018). Ademais, acrescenta-se que toda mulher é potencialmente vulnerável ao exercício das punições misóginas e que os seus praticantes não precisam necessariamente odiar todas as mulheres (MANNE, 2018), “[...] podendo, em vez disso, visar seletivamente as mulheres - por exemplo, àquelas consideradas

---

<sup>1</sup> No original: “What these hostilities are required to have in common is their social-cum-structural explanation: roughly, they must be part of a system that polices, punishes, dominates, and condemns those women who are perceived as an enemy or threat to the patriarchy” (MANNE, 2018, p.34).

insubordinadas, negligentes ou fora de controle.”<sup>2</sup> (p. 50, tradução livre).

## Material Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	<i>Pieces of a Woman</i>
Nome Traduzido	Não há
Gênero	Drama
Ano	2021
Local de lançamento e Idioma original	Canadá; Inglês
Duração	2h06 min
Direção	Kornél Mundruczó

*Pieces of a Woman* é um filme que aborda o processo de luto e os desdobramentos decorrentes da perda da tão esperada filha recém-nascida do casal, formado por Martha e Sean. Desde o início, podem ser observados rituais sociais de celebração pela vinda do bebê, conflitos dentro da relação familiar da protagonista e a visão que o parceiro tem sobre a mesma - quando já no começo do longa comunica aos colegas de trabalho: “*Martha está bem, ela está sempre bem.*”. Assim, verifica-se que a ideia central do filme está associada às consequências individuais e relacionais de um parto domiciliar mal-sucedido, o qual envolve sentimentos de frustração de expectativa, dor, afeto, angústia, realização e desespero frente à morte iminente do bebê que havia acabado de vir ao mundo.

Além disso, é possível perceber, a princípio, que Sean, marido da protagonista, tem certos problemas com a ideia de ser desmasculinizado e que sente a necessidade de

---

<sup>2</sup> No original: “[...] it may instead target women selectively—for example, those who are perceived as insubordinate, negligent, or out of order”.

reafirmar o seu papel como homem dentro de seu relacionamento. Inicialmente, demonstra toda a sua preocupação e afetividade para com a parceira que vivencia o trabalho de parto, visando o seu bem-estar e a segurança daquela mulher que daria à luz a sua filha. No entanto, alguns empecilhos são colocados nesta circunstância e o casal precisa mudar o que havia sido planejado, inserindo uma outra parteira, diferente da que estavam esperando, na história. Após este momento, transcorre a cena trágica em que o bebê, passando pelo parto sob sofrimento fetal, morre por falta de oxigenação e suporte emergencial; conseqüentemente, a família recorre a um processo judicial contra a parteira, em busca de aquilo que estes consideravam como uma justiça pela perda.

Esta ocorrência culmina na exigência de um processo de enlutamento concomitante à experiência do período puerperal vivenciado por Martha, sendo que tudo o que restou a ela, em forma de reminiscência da presença da filha, foi o cheiro dela que lembrava o cheiro de uma maçã - esta que passou a fazer parte de diversas situações da vida da personagem. Dessa forma, a protagonista fica submetida a inúmeras intercorrências que afetam a sua vida como um todo: sua relação consigo mesma, em seu ambiente de trabalho, sua relação conjugal e com sua família. Ademais, apesar de não ter a filha consigo, as conseqüências fisiológicas e psíquicas da gestação e do parto realizado por ela são inevitáveis. Neste momento, todos querem decidir por ela como e o que deveria ser feito, invalidando as suas decisões, sua forma de experienciar o luto perinatal e impondo sobre Martha demandas e limitações que não pertenciam a ela.

Por fim, verifica-se uma modificação inequívoca na relação entre a personagem principal e seu cônjuge, a qual passa a apresentar um caráter conturbado, considerando a

ausência de diálogo, os distanciamentos, as traições, as mentiras e, principalmente, os atos violentos de Sean com relação a Martha. Este é um elemento crucial a ser observado durante a trama, uma vez que, a partir de um homem aparentemente parceiro e afetuoso, revela-se um indivíduo violento e impositivo, que, mesmo sabendo as condições difíceis vivenciadas por sua parceira naquele momento, não se exime de fazer uso de sua agressividade contra ela.

### **Análise Crítica**

Considerando a descrição realizada anteriormente e, sobretudo, as principais temáticas abordadas ao longo da introdução - Sexualidade Feminina no Puerpério, Luto Puerperal, Violência Conjugal no Puerpério e Misoginia -, foi selecionada uma cena do filme *Pieces of a Woman* para a análise crítica aqui realizada. Assim sendo, esta seção visa articular os conteúdos teóricos já introduzidos na parte inicial do texto às percepções da autora acerca deste recorte de cena; desse modo, busca-se contribuir com uma visão para além daquilo que é meramente observado e, portanto, favorecer a construção de uma análise que seja de fato crítica.

### ***A Misoginia na Violência Sexual Conjugal como Instrumento de Manutenção da Ordem Patriarcal***

A cena escolhida transcorre entre os dois personagens principais do longa-metragem, Martha e Sean. Neste cenário, após uma discussão, Sean aponta para a parceira a possibilidade de realizarem uma viagem de carro com o intuito de beneficiar a relação do casal; contudo, Martha transparece ao telespectador a sua indiferença acerca da fala do marido, isso porque ela revira os olhos, o responde

com poucas palavras e o imita com desdém. Em seguida, Sean começa a acariciar a perna da cónjuge, dizendo que sente sua falta e, abruptamente, puxa a mão de Martha, coloca-a sobre o seu genital e começa a beijá-la de forma violenta, dando a ordem para que a esposa o tocasse. Ela, então, evidenciando todo o seu desconforto nessa situação, pede para que o marido pare; no entanto, ele agarra a mulher de forma ainda mais agressiva e, machucando-a, continua a beijá-la contra a sua vontade e a tocá-la em sua região genital.

Ainda, mesmo com a esposa dando sinais claros de que não tinha vontade alguma de ter qualquer tipo de relação sexual naquele momento, Sean continua pedindo para que ela o toque, mantendo a sua mão sobre o seu genital e, logo após, a carrega até o quarto do casal. Martha a todo instante deixa evidente o seu desejo de interromper aquela situação e passa a sensação de estar fazendo algo como se fosse uma obrigação imputada a ela. Observa-se também que toda vez que ela tenta falar algo, pedir para que ele vá com calma, que tenha cuidado ou, novamente, que ele pare de agir daquela forma, o homem impede-a de falar com um beijo na boca; até que, em um dado momento, ela o interrompe e diz : *“Eu vou tirar se você me der um momento”*, se referindo à calça que estava utilizando. Imediatamente, Sean fica irritado com a interrupção da esposa e começa a se retirar do quarto. A seguir, Martha se culpa, pede desculpas como se assumisse a responsabilidade pela reação do esposo àquela situação; todavia, o marido dirige a ela um insulto e diz que não a quer mais.

Primeiramente, é essencial que um olhar cauteloso seja atribuído àquilo que, a princípio, aparenta ser uma ausência de desejo sexual e uma indiferença inicialmente apresentada pela personagem de Martha. Em concordância com a

exposição teórica inicial deste trabalho, reitera-se o caráter multifatorial que poderia estar influenciando a expressão da sexualidade da protagonista naquele momento, tendo em vista que a mesma vivenciava o período puerperal e, acima de tudo, um processo de enlutamento. Isto posto, destaca-se que é de grande valia para a mulher puérpera o reconhecimento da influência promovida pelos fatores orgânicos e fisiológicos no exercício da sexualidade durante o puerpério, contribuindo para o entendimento acerca da redução do bem-estar, do interesse e atividade sexual, da libido e do desenvolvimento de disfunções sexuais; conseqüentemente, verifica-se que é esperada uma necessidade de remanejamento do desejo sexual neste período (JESUS; AZEVEDO, 2017; MARTINS; MEIRA; OLIVEIRA, 2021; NOGUEIRA, 2018; SILVA; FIGUEIREDO, 2005; SIQUEIRA; MELO; MORAIS, 2019; VETTORAZZI *et al.*, 2012).

Apesar disso, é imprescindível que não ocorra uma biologização e uma simplificação deste fenômeno, atribuindo ao puerpério e suas reações fisiológicas a função determinante para a ausência do desejo sexual durante este período e, com isso, correndo-se o risco de responsabilizar exclusivamente a puérpera pela disposição de sua libido nesta circunstância, sem considerar todas as dimensões que ultrapassam o fenômeno puerperal.

Outrossim, constata-se que o exercício da sexualidade de mulheres cis e heterossexuais - tanto neste contexto, quanto em outras conjunturas - não se restringe à atividade sexual orientada pelo ato de penetração; dessarte, compreende-se que a ausência do desejo por manter relações sexuais no âmbito conjugal não deve acarretar no entendimento de que, em virtude de uma aparente redução de libido, esta mulher - neste caso, especificamente a personagem de Martha - não estaria ou não desejaria vivenciar a sua sexualidade e seus prazeres

durante a fase puerperal de outras maneiras. Isso porque, assim como exposto anteriormente, este fenômeno humano é muito mais amplo, complexo, singular para cada indivíduo e possibilita uma gama de modos de experienciar o prazer (JESUS; AZEVEDO, 2017; MARTINS; MEIRA; OLIVEIRA, 2021).

Deste modo, é necessário reforçar que a sexualidade feminina perpassa por diversas adaptações físicas e emocionais, sendo que estes fatores devem ser avaliados dentro da particularidade de cada vivência (MARTINS; MEIRA; OLIVEIRA, 2021; SALIM; GUALDA, 2010; SIQUEIRA; MELO; MORAIS, 2019). No caso de Martha, além de se encontrar no período puerperal e estar vivenciando um luto, outros aspectos também poderiam estar exercendo influência significativa em sua libido e, entre estes, está a configuração de sua relação conjugal.

Neste sentido, assim como na cena do filme retratada, verifica-se que é comum a ocorrência de alterações no desejo sexual direcionado ao parceiro pelas puérperas, considerando que estas demandam tempo, diálogo e compreensão por parte da parceria para poderem se reconectar novamente com seu corpo, seus sentimentos e com a relação conjugal (PARENTE; REGIS; COSTA, 2022; SIQUEIRA; MELO; MORAIS, 2019). No entanto, apesar de apresentarem estas necessidades, nota-se que, inversamente a uma postura compreensiva e respeitosa, algumas mulheres são submetidas a situações nas quais o desejo do cônjuge impõe-se sobre ela como uma cobrança e uma obrigação a ser atendida, tendo em vista que, na maioria dos casais, é o homem que toma uma maior iniciativa para o retorno à atividade sexual no puerpério - antes mesmo que este desejo seja recíproco -; por consequência, estas mulheres acabam sentindo-se responsáveis pelas questões sexuais do casal, configurando, assim, um estado

de passividade e de submissão ao desejo do outro (MARTINS; MEIRA; OLIVEIRA, 2021; SALIM; GUALDA, 2010; SILVA; FIGUEIREDO, 2005).

À vista disso, é fundamental que sejam apontados os casos nos quais este cenário - marcado fortemente por uma relação desigual de gênero - culmina em episódios de violência sexual, uma vez que, sendo encontrados relatos de puérperas que sofreram este tipo de violência na literatura, destacam-se as implicações nefastas destas ocorrências para a saúde e para a vida da mulher que se encontra no puerpério (CAMPOS *et al.*, 2019). Dessa forma, constata-se que, tal como explicitado pela cena de violência entre Sean e Martha, algumas mulheres relatam coerções e insistências recorrentes, uso de força física e a experiência de, sem o seu desejo ou consentimento, serem forçadas a terem relações sexuais com os seus parceiros, um fenômeno que é socialmente mantido e legitimado a partir da percepção arcaica de que mulheres são obrigadas a satisfazerem sexualmente os seus cônjuges e, sobretudo, pela noção masculina de posse sobre os corpos de suas parceiras (CAMPOS *et al.*, 2019). Neste viés, a Organização Mundial da Saúde (OMS) define que:

A violência sexual é definida como qualquer ato sexual, tentativa de conseguir um ato sexual, comentários ou insinuações indesejáveis relativos a sexo, atos visando ao tráfico ou dirigidos diretamente à sexualidade de uma pessoa, praticados por meio de coerção, por qualquer indivíduo, independentemente de seu relacionamento com a vítima, em qualquer situação, inclusive em casa e no trabalho. (2014, p. 76).

Em concordância com esta definição, é categórica a caracterização da cena do filme selecionada para esta análise como um episódio de violência sexual cometida por Sean

contra sua parceira íntima Martha, haja vista o uso de força empregado pelo homem a fim obter acesso ao corpo de sua parceira e, acima de tudo, visando adquirir prazer sexual.

Além disso, é importante salientar que, no âmbito doméstico de uma sociedade marcada pela ordem patriarcal, o emprego de resistências e qualquer tentativa de rompimento para com a imposição de uma hierarquia entre os gêneros tende a traduzir-se em violência (DE AGUIAR; PELÁ, 2020). De forma análoga, destaca-se a reação violenta de Sean quando Martha interrompe a tentativa do marido de despi-la, algo que, possivelmente, pode ter sido interpretado por ele como uma resistência às suas investidas.

A partir disso, sustenta-se que o conceito de Misoginia é crucial para a compreensão das estruturas e da lógica por trás de atos de violência como este descrito. Neste sentido, retomando a conceituação da Misoginia realizada de modo introdutório neste trabalho, entende-se que este fenômeno possui origem remota e manifesta-se de diversas maneiras, as quais tornaram-se cada vez mais refinadas e sutis (MOTERANI; CARVALHO, 2016). Assim sendo, reitera-se aqui uma definição de Misoginia baseada nas concepções da filósofa e feminista Kate Manne (2018). Logo, a Misoginia é compreendida como um sistema que opera a partir da lógica patriarcal e de seus indivíduos com o propósito fundamental de policiar e sujeitar as mulheres - de forma seletiva - à subordinação e à dominação masculina, sendo que, quando as ferramentas “suaves” de poder social são insuficientes, toma-se posse de mecanismos de hostilização (como os sinais discretos de desaprovação e a violência com risco de morte) contra aquelas que ameaçam a sua hegemonia (MANNE, 2018). Dessa maneira, busca-se assegurar a manutenção desta configuração pautada pela hierarquização dos gêneros e,

em razão disso, é essencial que a Misoginia seja vista como um fenômeno político (MANNE, 2018). Com isso, acrescenta-se que o homem precisa apenas ser dominante sobre alguma mulher, algo que ocorre frequentemente no âmbito das relações familiares ou íntimas (MANNE, 2018).

Ainda, é possível observar que às mulheres é designada não apenas uma série de trabalhos (emocional, social, doméstico, sexual e reprodutivo), como também é exigido que estas atividades sejam feitas com amor e com um entusiasmo genuíno, ou seja, a subordinação e a passividade feminina devem, tanto quanto possível, assumir um caráter de naturalidade e espontaneidade (MANNE, 2018). Para isso, o sistema do patriarcado faz uso de pressões sociais e de certos mecanismos - como a internalização feminina do que é socialmente esperado delas - a fim de manter a sua soberania de modo velado e sutil (MANNE, 2018). Portanto, enquanto estão desempenhando esses papéis sociais de forma obediente e, para além disso, expressando a sua condescendência, estas mulheres mantêm-se afastadas da posição de alvo das ações misóginas (MANNE, 2018). Todavia, dado o momento em que há a percepção de qualquer tipo de insubordinação, resistência e/ou negligência para com o desejo e as ordens masculinas à ela imputados, desencadeiam-se diferentes modos de reação hostil e agressiva para com estas mulheres (MANNE, 2018); isto posto, considera-se esta realidade como uma das facetas mais violentas para as mulheres dentro deste sistema, uma vez que “[...] as promessas quebradas e os acordos desfeitos foram ilicitamente feitos em seu nome pelo patriarcado.”<sup>3</sup> (MANNE, 2018, p. 54).

---

<sup>3</sup> No original: “[...] *the broken promises and undone deals were illicitly made on her behalf by the patriarchy*” (MANNE, 2018, p.54).

Tendo como pressuposto as ideias expostas, é possível pensar a cena do filme descrita a partir da lógica da Misoginia. Sendo assim, nota-se que, a princípio, Sean vale-se da violência para obter acesso ao corpo de sua parceira e a fim de atender às suas próprias demandas sexuais, uma dinâmica que é recorrentemente legitimada e justificada socialmente a partir de uma naturalização destes tipos de comportamentos - geralmente vinculados ao gênero do personagem. Nesse caminho, enquanto ele aproveita-se do uso da força contra alguém em estado de vulnerabilidade e desigualdade com relação a ele e, ao mesmo tempo, que se beneficiava e obtinha aquilo que desejava, Sean não recorre ao emprego de outros mecanismos de hostilidade para além da agressividade física contra a esposa.

Todavia, no momento em que fica evidente para ele - destaca-se aqui o “para ele”, tendo em vista que desde o início da cena já era possível notificar o desconforto de Martha - a ausência de desejo da parceira e, principalmente, quando ela quebra as expectativas do marido através da fala *“Eu vou tirar se você me der um momento”* - se afastando do modelo de uma mulher que “gentilmente” cede o seu corpo aos desejos masculinos -, Sean serve-se da Misoginia e de seus instrumentos. Primeiramente, muda de forma súbita a sua expressão e seu humor, retirando-se do quarto com uma evidente irritação e, em seguida, depois de Martha pedir desculpas e reafirmar que irá se despir, Sean diz que já não a quer mais. Nesse viés, entende-se que, de acordo com Manne (2018), Sean, como um legítimo beneficiário do gênero, teria se sentido um tanto quanto usurpado e negligenciado, uma vez que não obteve atendimento às suas demandas sem resistência. Consequentemente, constata-se que esta dinâmica gera sentimentos de culpa e de resignação em Martha, em uma situação na qual a própria vítima de violência não

reconhece o que foi infringido pelo agressor e, portanto, a ordem dos acontecimentos e o seu respectivo significado são invertidos, imputando à vítima a culpa pela agressão do outro. Por fim, destaca-se o caráter histórico e estrutural que caracteriza esta transposição da responsabilidade pela violência cometida ao indivíduo que foi submetido a mesma e a conseqüente internalização da culpa pela vítima (MOTERANI; CARVALHO, 2016).

### **Considerações Finais**

Tendo em conta as reflexões realizadas até o momento, é necessário ponderar a limitação da presente análise, uma vez que, apesar de estar baseado em uma temática fundamental, foi possível analisar somente uma cena do filme com profundidade e de modo criterioso. Contudo, verifica-se que a obra em questão expõe outras situações com conteúdos de grande relevância, estes que, assim como a cena sobre a qual discorre este texto, podem contribuir para uma compreensão da relação entre a violência conjugal, a Misoginia e a manutenção de uma sociedade pautada na hierarquia de gênero. Nesse sentido, entende-se que outros trabalhos poderiam elucidar ainda mais estas questões ao fazer uso do mesmo conteúdo midiático.

Além disso, salienta-se também a demanda pela produção de novos conhecimentos acerca do fenômeno do puerpério e, sobretudo, sobre seus efeitos psíquicos e na sexualidade da mulher que vivencia este período, tendo em vista a carência de trabalhos atuais que versam sobre esta temática sem ter a sexualidade feminina pautada por uma lógica falocêntrica. Dessa maneira, compreende-se ser crucial a ampliação deste campo de investigação a fim de promover o respeito e o reconhecimento de todas as inúmeras formas de ser vivenciada a sexualidade pelos sujeitos.

Outro ponto que deve aqui ser sublinhado é a identificação do conceito de Misoginia - desenvolvido por Kate Manne - como uma categoria analítica interessante no que diz respeito à explicitação da relação entre a violência infligida contra as mulheres e a tentativa de manutenção de uma ordem social falocêntrica e patriarcal. Em razão disso, admite-se que os estudos sociais de gênero podem ser beneficiados pelo uso desta conceituação teórica e, conseqüentemente, promover avanços no projeto de esclarecimento da realidade histórica e cultural da desigualdade entre os gêneros. Em suma, destaca-se que este conceito não deve ser utilizado de forma isolada, isto porque é fundamental que as investigações sociais estejam baseadas na interseccionalidade dos variados marcadores sociais - de classe, raça, sexualidade, etnia e entre outros - visando uma abordagem dos fenômenos humanos coerente com a complexidade de suas diferentes dimensões.

## Referências

CAMPOS, L. M. *et al.* A violência conjugal expressa durante a gestação e puerpério: o discurso de mulheres. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 23, p. 1-7, 2019.

DE AGUIAR, R. Q.; PELÁ, M. C. H. MISOGINIA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO: ORIGEM, FATORES E COTIDIANO. **Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais**, v.9, n.3, p.68-84, 2020.

DOS SANTOS, A. M.; DOURADO, M. S. AS INFLUÊNCIAS FÍSICAS E PSICOLÓGICAS DO PARTO NA SEXUALIDADE DA MULHER. **ANAIS ELETRÔNICO CIC**, v. 17, n. 1, 2019.

IACONELLI, V. Luto insólito, desmentido e trauma: clínica psicanalítica com mães de bebês. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 10, n. 4, p. 614-623, 2007.

JESUS, W. G.; DE OLIVEIRA AZEVEDO, V. M. G. Sexualidade no puerpério: a visão do casal. **Enfermagem Obstétrica**, v. 4, p. e58, 2017.

LIVI, V. S. C. Satisfação sexual da mulher no período puerperal. 2019.

MANNE, K. Down girl: The logic of misogyny. **Oxford University Press**, 2018.

MARTINS, D. B. de O.; MEIRA, K. S. A; OLIVEIRA, L. G. de O. Sexualidade Feminina na pós maternidade. 2021.

MOTERANI, G. M. B.; CARVALHO, F. M. de. Misoginia: violência contra a mulher numa visão histórica e psicanalítica. **Avesso do avesso**, v. 14, n. 14, p. 167-178, 2016.

NOGUEIRA, G. S. **Atividade sexual no puerpério**: a visão do parceiro. 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Relatório Mundial sobre a Prevenção da Violência 2014. São Paulo: **Núcleo de Estudos da Violência**; 2015.

PARENTE, A. C. C.; REGIS, K. S. C.; DA COSTA, D. L. Fatores relacionados as disfunções sexuais femininas durante o puerpério: uma revisão sistemática. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 2, 2022.

ROCHA, P. M. M. da; FUKS, B. B. Vivências traumáticas no ciclo gravídico-puerperal. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 22, p. 725-748, 2019.

SALIM, N. R.; GUALDA, D. M. R. Sexualidade no puerpério: a experiência de um grupo de mulheres. **Revista da Escola de Enfermagem da USP** [online], v. 44, n. 4, p. 888-895, 2010.

SILVA, A. I.; FIGUEIREDO, B. Sexualidade na gravidez e após o parto. **Revista Psiquiatria Clínica**, 25, (3), p. 253-264, 2005.

SIQUEIRA, L. K. R.; DE MELO, M. C. P.; DE MORAIS, R. J. L. Pós-parto e sexualidade: perspectivas e ajustes maternos. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v. 9, p. 1-18, 2019.

VETTORAZZI, J. *et al.* Sexualidade e puerpério: uma revisão da literatura. **Clinical & Biomedical Research**, [S.l.], v. 32, n. 4, jan. 2013. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/hcpa/article/view/32388>>. Acesso em: 01 mar. 2022.

VIDAL, M. Pedacos de uma mulher: uma compreensão psicanalítica sobre o luto perinatal. **Horizontes Psicanalíticos**, p. 6-20, 2021.

## Capítulo 9

# **THE BOLD TYPE: IMAGEM CORPORAL E SEXUALIDADE FEMININA APÓS MASTECTOMIA PROFILÁTICA**

Beatriz Fernandes Pipino  
Giulia Mariano Marçal Pereira

### **Introdução**

De acordo com o INCA (Instituto Nacional do Câncer), “câncer é um termo que abrange mais de 100 diferentes tipos de doenças malignas que têm em comum o crescimento desordenado de células” (INCA, 2021). Só em 2020, estima-se que ocorreram 19 milhões de novos casos e 10 milhões de mortes por câncer no mundo (SUNG, 2021).

O câncer pode ser esporádico (70 a 80% dos casos), familiar (15 a 20% dos casos) ou hereditário (5 a 10% dos casos). O tipo esporádico é o mais comum, e compreende alterações genéticas obtidas ao longo da vida, com grande influência dos fatores ambientais; o tipo familiar diz respeito à recorrência de câncer na família, com maior susceptibilidade à doença, mas sem um padrão de transmissão genética definido (WONS, 2017). E o tipo hereditário, o mais raro, envolve “síndromes genéticas bem definidas e com alta probabilidade de desenvolvimento de tumores em idades precoces” (WONS, 2017, p. 14). Principalmente nesse último tipo, recomenda-se a realização do aconselhamento genético, o qual tem por objetivo analisar o histórico genético a fim de indicar a probabilidade de ocorrência e recorrência da doença,

possibilitando a orientação para prevenção e tratamentos (WONS, 2017).

O câncer de mama feminino, em 2020, ultrapassou o câncer de pulmão como a câncer mais diagnosticado mundialmente (SUNG *et al.*, 2021). Apesar de também ocorrer em homens, é o tipo mais comum da doença entre as mulheres, representando 24,5% dos casos de câncer feminino no mundo, e o maior responsável por mortes pela neoplasia em mulheres (INCA, 2021). No Brasil, o aumento da doença nas últimas décadas levou o SUS (Sistema Único de Saúde) a classificar o câncer de mama como um problema de saúde pública (ALMEIDA; GUERRAS; FILGUEIRA, 2012).

A predisposição hereditária do câncer de mama envolve alterações em vários genes, mas os mais comuns, que abrangem quase 50% dos riscos familiares e somam 5% de todos os casos de câncer de mama, são os genes BRCA1 (breast cancer 1) e BRCA2 (breast cancer 2) (AVELAR *et al.*, 2019), os quais, quando portadores da mutação, aumentam também as chances de câncer de ovário e tuba uterina (AVELAR *et al.*, 2019). No caso de mutações genéticas em BRCA1 e BRCA2, o diagnóstico tende a ocorrer quando as mulheres são mais jovens, e há propensão a desenvolver formas mais agressivas da doença (AVELAR *et al.*, 2019). A constatação da mutação em um dos genes BRCA pode levar a três caminhos médicos: acompanhamento, quimioprevenção ou cirurgia preventiva; a mastectomia profilática bilateral, que envolve a retirada de ambas as mamas, reduz de 85% a 100% de chances do desenvolvimento da doença (AVELAR *et al.*, 2019). Apesar dessas estatísticas, a mastectomia profilática não é consenso entre os médicos, e Emboava (2015) aponta que não há garantias de 100% do afastamento do risco do câncer de mama.

Em 2013, a atriz Angelina Jolie chocou ao divulgar, em uma carta no *The New York Times*, que tinha passado por uma mastectomia profilática. Portadora da mutação no BRCA1, a atriz tinha 87% de chance de desenvolver câncer de mama, e 50% de chance de desenvolver câncer de ovário; sua mãe faleceu em decorrência do câncer de mama, e ela optou pelo tratamento preventivo (JOLIE, 2013). Sua carta ajudou a divulgar a existência dos testes genéticos e a medicina preditiva, além da própria mastectomia profilática, e pode ter contribuído para diminuir o estigma que cerca a doença (EMBOAVA, 2015). Entretanto, Emboava (2015) aponta outro lado da divulgação midiática, podendo ter contribuído para um sentimento de ansiedade em razão da possível mutabilidade dos genes BRCA ou superestimado o papel da genética, responsável por apenas 5 a 10 % dos casos, no desenvolvimento do câncer.

A mastectomia profilática, embora não seja um consenso, ganhou visibilidade. Porém, pouco se fala, inclusive em relação a tal procedimento como tratamento do câncer de mama, dos impactos da retirada das mamas na sexualidade e na imagem corporal da mulher (ALMEIDA; GUERRA; FILGUEIRAS, 2012; GAZOLA *et al.*, 2017).

A imagem corporal diz respeito à “representação mental que se tem do próprio corpo”, abrangendo “vivências afetivas, sociais e fisiológicas que influenciam a forma como o sujeito se percebe” (ALMEIDA; GUERRA; FILGUEIRAS, 2012, p. 1005). Sendo assim, a imagem corporal está vinculada à história de cada um, sendo específica do tipo de relação libidinal em que o sujeito foi inserido (DOLTO, 1984 *apud*. FRIGGI *et. al.*, 2018), desde os primeiros momentos de vida. A gradual erogeneização do corpo do bebê, a partir do toque do cuidador, fomenta a constituição do narcisismo, o qual vai delinear o corpo do infante enquanto algo unificado e separado do corpo da

mãe<sup>1</sup> (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001 *apud* FRIGGI *et al.*, 2018), permitindo assim a formação do Eu e de sua autoimagem. Não raro, quando o corpo já constituído e erogeneizado, que de forma ideal investe libidinalmente no Eu e no objeto, passa por um procedimento como a mastectomia, ocorre a desorganização da imagem corporal já estabelecida e, portanto, um abalo narcísico (FRIGGI *et al.*, 2018).

Para além disso, a mama possui significados sociais que a tornam símbolo de feminilidade, sensualidade, maternidade, maturidade, saúde, etc, de modo que a sua retirada impacta na autopercepção feminina (ALMEIDA; GUERRA; FILGUEIRAS, 2012). Influenciando as relações sociais, sexuais e com si própria, as alterações na imagem corporal podem ser até mais difíceis do que outros sintomas (MOREIRA; CANAVARRO, 2010 *apud* ALMEIDA; GUERRA; FILGUEIRAS, 2012). Embora estudos apontem que os impactos psíquicos negativos podem ser menores quando é feita a reconstrução da mama (ALMEIDA; GUERRA; FILGUEIRAS, 2012), ainda assim o ajuste à nova realidade é gradual e demanda uma redescoberta de si (GAZOLA *et al.*, 2017).

Na mesma perspectiva, levando em consideração os significados e o símbolo das mamas, a adaptação a um novo corpo influencia também a vivência sexual. Considerando a sexualidade como a vivência genital do desenvolvimento psicosssexual, as alterações estéticas e fisiológicas podem gerar desconforto na exposição do próprio corpo além de

---

<sup>1</sup> Nos momentos iniciais de sua vida, o bebê se relaciona de maneira fusional com os objetos, isto é, não se diferencia deles: não há eu, nem objeto, mas uma amálgama. A mãe é o objeto primário do bebê, porém não é tida como um ser a parte. O processo de reconhecer o outro como diferente de si e de construção do eu, envolve a passagem pelo narcisismo e pelo complexo de Édipo.

diminuição na libido (GAZOLA *et al.*, 2017). Estudos indicam que questões negativas relacionadas à sexualidade aparecem com mais frequência em mulheres mais jovens que foram submetidas à mastectomia (GAZOLA *et al.*, 2017).

A maioria dos artigos aborda os impactos na imagem corporal e na sexualidade em mulheres que receberam o diagnóstico do câncer de mama; entretanto, embora a presença da patologia adicione uma camada de complexidade na autopercepção, uma vez que envolve o adoecimento real e não sua possibilidade (como na predisposição genética), é possível postular que as consequências psíquicas da retirada das mamas – seja por prevenção, seja por tratamento – sejam semelhantes.

Isso porque o seio ocupa um lugar central no desenvolvimento psicosexual, principalmente no desenvolvimento do psiquismo feminino (VOLICH, 1995). O seio materno, com a amamentação, é considerado o primeiro objeto da pulsão sexual e, como tal, faz parte da experiência fundante de satisfação; “é a referência originária para todos os prazeres do sujeito” (VOLICH, 1995, p. 57). Nesse sentido, é “o pivô da vida psíquica” (VOLICH, 1995, p. 59). A perda do seio materno, ao final de cada mamada, constitui um “dano narcísico paradigmático” (VOLICH, 1995, p. 59), sentido como a perda de uma parte do próprio corpo<sup>2</sup>. Segundo Volich (1995, p. 57), “Freud considera a perda do seio materno como a vivência central que permite a identificação e o investimento do objeto”. Ocupando papel central na relação mãe-bebê, a forma como a mãe se relaciona com seu seio influencia as identificações femininas da criança; o seio constitui, então, um “ideal identificatório” (VOLICH, 1995, p. 61), de forma

---

<sup>2</sup> Uma vez que há, nos momentos iniciais da vida, a já mencionada relação fusional, a separação do objeto materno é sentida como a perda de uma parte do próprio corpo e, portanto, um dano narcísico.

que “toda ameaça à integridade dos seios é uma ameaça às referências identificatórias femininas” (VOLICH, 1995, p. 64) e, conseqüentemente, à própria identidade feminina.

Assim, segundo Volich (1995, p. 56):

as reações das mulheres à patologia real da mama, ao risco oncológico subjacente à existência de uma incidência familiar da mesma, ou ainda ao fantasma de tais eventos, são específicas e diferentes de qualquer outra ameaça à integridade corporal da mulher. Elas suscitam modificações marcantes nas dinâmicas psíquicas e relacionais femininas.

## Material Analisado

Tipo de Material	Série
Título Original	<i>The Bold Type</i>
Nome Traduzido	Poder Feminino
Gênero	Comédia dramática
Ano	2017
Local de lançamento e Idioma original	Estados Unidos da América, Inglês.
Duração	Aproximadamente 40 minutos (por ep.)
Direção	Jamie Travis; Marta Cunningham; Ellen S. Presman; Anne Renton; Geary McLeod; Erin Ehrlich

*The Bold Type* é uma série de comédia dramática estadunidense que foi ao ar entre 2017 e 2021, inspirada na vida da editora-chefe da nomeada revista feminina *Cosmopolitan*, Joanna Coles, e conta a história de três jovens adultas: a escritora Jane Sloan (Katie Stevens), a diretora de mídias sociais Kat Edison (Aisha Dee) e a estilista Sutton Brady (Meghann Fahy), funcionárias da *Scarlet Magazine*. A série é ambientada em Nova York e tem como cenário central a sede da revista em que as protagonistas trabalham,

mas não se limita a isso, uma vez que explora as histórias particulares das personagens fora do ambiente de trabalho, mostrando como a vida pessoal atravessa o mesmo e vice-versa. Além disso, a obra foi aclamada pela crítica pois consegue explorar de forma orgânica diversas pautas sociais atuais, como questões de gênero, sexualidade, saúde feminina, políticas públicas, ambientais, etc.

A história particular a ser analisada no presente capítulo é a de Jane Sloan e sua trajetória desde o momento em que descobriu possuir a mutação no gene BRCA1 à decisão de passar pela mastectomia profilática dupla e suas vivências após o procedimento.

No sexto episódio da primeira temporada, Jane foi encarregada de escrever um artigo em que ela entrevistaria uma médica que ganhou fama por sua postura “radical” de indicar que jovens a partir de 20 anos, com histórico familiar de câncer de mama e/ou ovário, façam o exame para detecção da mutação nos genes BRCA1 e BRCA2. Jane, a princípio, relutou em escrever a história, pois perdeu sua mãe, ainda muito jovem, em decorrência do câncer de mama causado por tal mutação. Jane revela o impacto que tal perda teve para ela, como se lembra apenas de sua mãe doente, abalada pelo tratamento quimioterápico e da dor de perdê-la aos cinco anos de idade.

Vencendo sua resistência, Jane não somente escreve o artigo reconhecendo a importância da posição da médica, como decide fazer tal exame e é neste momento em que descobre possuir a mutação do gene BRCA1. Embora a constatação da mutação tenha sido positiva em razão do planejamento da prevenção, também impôs à Jane a tomada de muitas decisões, como qual medida profilática adotar e qual o planejamento de sua fertilidade. Assim, no segundo episódio da terceira temporada, Jane toma sua primeira decisão e dá início ao processo de congelar os óvulos.

Mais adiante, no sétimo episódio da quarta temporada, a protagonista encontra um cisto em seu seio; ainda que os exames tenham apontado que o mesmo era benigno, todo o processo de descoberta e espera dos resultados contribuiu para que Jane tomasse a decisão de passar pela mastectomia profilática dupla. Deste momento até o final da quarta temporada, acompanhamos Jane no processo de recuperação – física e emocional – da cirurgia de retirada das mamas e colocação de próteses.

Apesar da recuperação física da escritora ter ocorrido dentro do período esperado e sem grandes complicações, a dor física sentida abala Jane emocionalmente por se ver tendo que passar por este processo. Quando ela volta a se inserir em locais que costumava frequentar – sede da revista, reuniões de trabalho e encontros sexuais – se sente ansiosa, observada e desconfortável com o próprio corpo. Jane, entre outros efeitos, tem dificuldades em vivenciar sua sexualidade, as quais estão atreladas à crise na autoimagem pela qual a protagonista está passando.

Mesmo recebendo o apoio de suas amigas Sutton e Kat, Jane sente-se incompreendida e sozinha nesse processo, uma vez que, por elas não terem passado por tal situação, não conseguem entender as angústias que a jovem sente. Sendo assim, a escritora busca um grupo de apoio de pessoas que passaram pelo mesmo procedimento, onde várias técnicas foram sugeridas para ajudar Jane a se familiarizar com seus novos seios. Assim, a protagonista passa por um longo processo de elaboração e reorganização de sua vida, o que enfim permitiu que ela restabelecesse uma boa relação com sua autoimagem e recuperasse sua confiança.

## **Análise Crítica**

### ***O seio e a relação de Jane com a mãe***

O primeiro contato que a série nos oferece sobre a relação de Jane com a mãe envolve sua resistência em realizar o teste genético. De acordo com Jardim (2003), pessoas às quais é recomendável realizar o aconselhamento genético, muito provavelmente, já experienciaram um trauma em suas vidas: o diagnóstico da doença em um membro da família é, na maioria das vezes, o que as leva ao teste. A resistência de Jane e as opiniões pré-concebidas sobre a médica podem indicar a revivência do trauma da perda da mãe, o qual parece nunca ter sido realmente elaborado por Jane. A possibilidade de ter que lidar com uma ameaça a seus próprios seios, em seus 25 anos, traz à tona sentimentos arcaicos da perda da mãe e o medo de ficar doente ou ainda, de morrer; ela mesma revela, na quarta temporada, que enxergava os 32 anos – idade que sua mãe tinha quando morreu – como seu prazo de validade: um exemplo da identificação de Jane com a mãe, que toma a perda da função materna como referência para sua própria morte.

Na identificação com a mãe, os seios desempenham um papel central. Como Volich (1995) indica, os seios representam um ideal identificatório feminino, e nesse processo, “a atitude da mãe com relação a esses órgãos [seios] determina os avatares das vivências psíquicas mais precoces, e conseqüentemente, suas identificações femininas” (VOLICH, 1995, p. 63). Podemos conjecturar que o desenvolvimento psicosssexual de Jane envolveu, como a maioria das pessoas, a perda simbólica do seio materno nos intervalos das amamentações, seguida pela perda simbólica do objeto materno ao longo do processo

narcísico e edipiano – perdas simbólicas que são fundamentais para o investimento no Eu e em outros objetos (VOLICH, 1995). A separação da mãe equivale, fantasmaticamente, à morte (VOLICH, 1995) e, no caso da personagem, essa equivalência ultrapassa a fantasia e se concretiza com a perda real da mãe, que falece quando Jane tem em torno de seus quatro anos; a morte não foi apenas prematura, como em decorrência do câncer de mama – um “ataque” aos seios maternos. Assim, a relação da mãe de Jane com seus próprios seios foi atravessada pela patologia – assim como a relação de Jane com a própria mãe, uma vez que a personagem revela, no oitavo episódio da segunda temporada, que possui pouquíssimas memórias da figura materna: lembra apenas da mãe doente e do cheiro do hospital.

Na idade em que Jane perdeu a mãe, provavelmente estava atravessando o Complexo de Édipo, de modo que o processo de triangulação não deveria estar finalizado. O falecimento da mãe em tal momento, quando ainda há aspectos da fusionalidade, pode ter gerado mais um dano narcísico, com níveis de desamparo maiores do que a perda materna em momentos mais maduros da vida.

Um desses momentos de desamparo envolve as decisões que Jane deve tomar após o resultado positivo para mutação no BRCA1. O risco para câncer de ovário implica que Jane decida um plano de fertilidade. Ela opta por congelar seus óvulos, mas antes enfrenta um conflito interno sobre desempenhar a maternidade; conversando com as amigas, reflete sobre como a ausência da mãe ao longo de sua vida torna difícil que ela se imagine como mãe – um desamparo identificatório. Ela se apoia no pai e no irmão para ouvir histórias sobre o maternar da mãe e é depois que reconstrói essa imagem materna que consegue tomar a decisão sobre o congelamento dos óvulos.

Entretanto, embora não seja abordado na série, podemos supor que, no futuro, Jane pode vir a enfrentar novos conflitos internos sobre o seu maternar. A realização da posterior mastectomia e reconstrução dos seios com próteses implica na impossibilidade de amamentar. Uma vez que o aleitamento contribui para estruturar a identidade da mulher enquanto mãe e mulher<sup>3</sup> (VOLICH, 1995), e Jane também possui questões identificatórias em razão da perda de sua própria mãe, é possível que ela enfrente novos desafios com sua identidade. Além disso, ainda na perspectiva de Volich (1995), a relação que Jane tem com seus próprios seios também poderá influenciar nas posteriores identificações de seus próprios filhos.

Quando Jane positiva para mutação de BRCA1, apresenta-se a ela uma ameaça à perda de seus próprios seios, a qual se concretiza com a mastectomia. Ou seja, seu desenvolvimento, que se iniciou com o dano narcísico em decorrência da perda simbólica do seio materno, envolve, anos depois, o dano narcísico em decorrência da perda concreta de seus próprios seios, os quais são um ideal identificatório feminino; um elo na relação com a mãe; um símbolo de feminilidade, maternidade, sensualidade e maturidade. Como ideal identificatório para construção da identidade feminina, os seios são também um referencial anatômico para a construção imaginária do corpo (VOLICH, 1995) e, conseqüentemente, da autoimagem.

---

<sup>3</sup> A relação mãe-bebê não deve ser reduzida ao aleitamento pelo seio, uma vez que a alimentação do bebê envolve muitos outros aspectos além desse. É necessário problematizar a questão e levar em consideração a realidade de mulheres trans, mulheres mastectomizadas e arranjos familiares em que não há possibilidade de amamentação.

## ***A sexualidade e a autoimagem de Jane após a mastectomia***

Na literatura psicanalítica, encontramos a vinculação da construção da autoimagem com a constituição do narcisismo no sujeito. A simbolização e a erogeneização do corpo são processos que se dão no início da vida, e dependem do investimento libidinal do outro para a constituição desejada do eu, o qual passará a investir em si mesmo (narcisismo) e nos objetos (relação objetal) (FREUD, 1914/1996c). É então nos primeiros anos de vida que, pela organização das pulsões – que até então transitam de forma desordenada pelo corpo – ocorrerá a gênese da autoimagem no psiquismo do sujeito. Para tanto, o seio, que para a menina é um ideal identificatório com a mãe (VOLICH, 1995) é elevado, principalmente na cultura ocidental, a uma posição erótica que passa representar para a mulher adulta um traço representativo de sua feminilidade, sensualidade e sexualidade.

Como aponta Volich (1995, p. 64), “toda ameaça ao seio é uma ameaça às referências identificatórias femininas”. Esta afirmativa permite a análise de alguns desdobramentos que se deram a partir da mastectomia bilateral profilática pela qual Jane escolhe passar: a revivência do trauma da perda da mãe (que não se mostrou elaborado), a perda de uma parte do corpo vista como uma referência à sua identidade feminina e, conseqüentemente, a desorganização narcísica.

Pode-se dizer que a morte da mãe quando Jane era nova consagrou um trauma psíquico para personagem, uma vez que se tratou de uma experiência desestruturante que não permitiu a representação e elaboração psíquica da perda (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001). Este trauma, que evidenciou a dificuldade de Jane de passar pelo processo

de luto<sup>4</sup>, permite que façamos uma analogia ao momento em que Jane “perde” seus próprios seios. Para Friggi e colaboradores (2018), quando ocorre a amputação de uma parte do corpo, os sujeitos devem viver o luto de forma a elaborar perda deste membro em prol de conseguir reorganizar a imagem que tem do próprio corpo, o que “possibilitará os investimentos dos novos limites corporais” (FRIGGI et al., 2018, p. 7).

Inserida em uma cultura que dita padrões e expectativas sobre o corpo e o comportamento feminino, Jane, embora seja feminista declarada, dona de opiniões fortes e lute pela igualdade de gênero, não sai ilesa dessas determinações culturais. Notamos, como visto no episódio anterior à sua mastectomia – quando saiu com uma roupa que coloca seus seios em destaque “para se despedir deles” – que Jane, assim como a maioria das pessoas, expressa sua personalidade e, conseqüentemente, sua sexualidade de diversas maneiras, inclusive na forma de se vestir e que isso faz parte da formação de sua identidade e compreensão da autoimagem. No décimo primeiro episódio da quarta temporada, Jane conclui sua recuperação física e, quando está prestes a retornar para a sede da revista *Scarlet* depois de meses de afastamento, a escritora não se sente confiante em relação ao seu próprio corpo. Relata para suas amigas: “*Eles [seios] não se parecem comigo. Sinto falta dos antigos*”.

Ao longo de todo o episódio, eventos levam a escritora a se deparar com situações que evidenciam a crise na autoimagem e o abalo na autoconfiança pelo qual ela está passando. Somos levados a pensar que a escritora não

---

<sup>4</sup> Em que a perda de um objeto – imaginário ou real – faz com que os investimentos libidinais, que eram direcionados a tal objeto, recaiam sobre o Eu até que esta perda seja, de forma ideal, elaborada e reinvestida (FREUD, 1917/1996b).

havia cogitado a possibilidade de que, junto com as dificuldades físicas (já superadas) desencadeadas pela cirurgia de remoção e reconstrução das mamas, existe o impacto psicológico de tais procedimentos. Nesse sentido, Jane, que no primeiro momento encara apenas a perda real, parece negar a elaboração da perda simbólica dos seios e viver o processo do luto.

Também devemos encarar a “amputação como evento que fragiliza narcisicamente o sujeito” (FRIGGI *et al.*, 2018, p. 5). Isso significa que Jane, ao perder a imagem que havia construído de si mesma ao longo de sua vida, e por sua inabilidade de viver o luto desta imagem no primeiro momento, tem seu narcisismo fragilizado, modificando a dinâmica psíquica da jovem e alterando, também, os investimentos libidinais em outros objetos. A exemplo disso, vemos a dificuldade de Jane em cumprir com as tarefas do trabalho e sua falta de desejo sexual evidenciado quando ela relata não se masturbar desde a cirurgia. No decorrer dos episódios, assistimos Jane tentar focar toda sua energia (investimento libidinal) em seu trabalho, o que nos leva a perceber que, por hora, ela entrara em processo de negação quanto à necessidade de reorganizar sua autoimagem.

Entretanto, no décimo terceiro episódio da quarta temporada, Jane, ao conseguir se masturbar, declara que se sente pronta para voltar a se relacionar sexualmente, e aceita um encontro duplo proposto por sua amiga Kat. Nesse momento, é possível pensar que houve o redirecionamento dos investimentos libidinais da escritora, que seu narcisismo fora fortalecido e que suas relações objetais estariam reorganizadas. Jane, então, durante este encontro sente-se confiante ao notar que seu desejo “voltou ao normal”, mas, quando está prestes a iniciar a relação sexual, seu parceiro toca em seus seios e a

protagonista se retrai imediatamente. Isso expõe seu despreparo para lidar com a situação. Como Freud (1996a) aponta, esta fragilização e despreparo do Ego é um reflexo da desestruturação psíquica que o trauma carrega, uma vez que Jane não conseguiu efetivamente simbolizar a alteração em seu corpo.

Em conversa com Kat, a protagonista relata sua experiência: *“Era sobre isso aqui [os seios]. Não estou confortável com eles. Quero tanto estar. Mas não estou e só... quando Kevin tentou me tocar lá, eu... eu surtei. [...] Acho que preciso de ajuda”*.

Notamos então que a jovem escritora toma consciência de como a cirurgia foi muito além de uma intervenção em seu corpo físico e que, a partir desse momento, precisa investir em tentar se restabelecer psicologicamente. Para isso, Kat oferece ajuda, porém Jane coloca: *“Você não pode ajudar. Não com isso. Acho que preciso de pessoas que passaram pela minha situação”*.

No décimo quarto episódio, Jane busca por um grupo de mulheres que já passaram pelo mesmo procedimento que ela e relata as dificuldades que vem sentindo em relação aos seus novos seios. Neste grupo é sugerido que a autora passe a “namorar seus seios”, a fim de reconhecer seu novo corpo e se familiarizar com ele. A jovem, então, participa de uma aula de escultura em que faz um molde de seus seios em gesso, o qual tem por objetivo ajudá-la “a se sentir uma” com eles; também prepara uma noite de encontro em que Jane fica em frente ao computador e conversa com as mamas (Figura 1), como se estivesse realmente em um momento de se apresentar e conhecer alguém novo. Apesar da disposição para experimentar as dinâmicas que o grupo propõe, a jovem não vê mudanças na forma como se sente em relação ao seu corpo, somando ainda maiores frustrações e aumentando sua angústia.

**Figura 1.** Jane é flagrada por Kat no “encontro” com seus próprios seios



Fonte: Freeform, 2020.

Neste mesmo episódio, Jane recebe a visita de seu pai, que aponta:

*Eu entendo [que deve ser muito mais difícil que parece], mas essa parte do seu corpo não é a inimiga, é a parte que salvou a sua vida, não é uma questão de se virar, é aproveitar a vida que tem [...] você tem uma segunda chance de vida... A sua mãe não teve isso.*

A conversa com seu pai pareceu dar novas perspectivas para Jane, possibilitando que ela melhor representasse psicicamente a perda (dos seios) e então começasse a reconstruir a percepção de si. Foi assim que a escritora compreendeu, também, que não podia planejar o processo de reconhecimento do próprio corpo e reconstrução da autoimagem, mas que o fato de ter passado pela mastectomia profilática deu a ela tempo de vida suficiente para isso.

Para Friggi e colaboradores (2018, p. 8) “não basta que a retirada de um membro anatômico proporcione uma melhora no estado de saúde do sujeito se ele não se reconhecer sob

essa nova condição corporal e não conseguir integrá-la psiquicamente”. Sendo assim, foi necessário para Jane resignificar o momento que ela estava passando desde a decisão de fazer a mastectomia bilateral profilática: a protagonista, para conseguir traçar novos limites corporais, precisou representar psiquicamente a cirurgia como uma nova chance de vida, algo que possibilitaria a ela realizar aspectos de sua vida que, desde o diagnóstico da mutação, estavam em suspenso.

Reinvestir libidinalmente em si é parte essencial do processo de luto e premissa para reconstrução do narcisismo, processos que permitiram, então, que Jane fortalecesse seu Ego e reorganizasse sua autoimagem e, conseqüentemente, sua sexualidade.

### **Considerações Finais**

O presente capítulo analisou os aspectos psicológicos que envolvem a retirada do seio na mastectomia profilática da personagem Jane, da série *The Bold Type*, à luz da teoria psicanalítica. É importante ressaltar que a escolha da personagem pelo procedimento é subjetiva e complexa, como a própria série demonstra; a análise não pretendeu fazer juízo de valor, mas sim ressaltar as conseqüências psicológicas do procedimento médico, as quais são, muitas vezes, subestimadas ou ignoradas pela maioria dos profissionais da saúde.

A série, que é classificada como uma comédia dramática, traz em seu repertório uma forma orgânica de representar, através da vivência subjetiva de seus personagens, pautas sociais muito atuais, de forma a ampliar e facilitar a reflexão do espectador diante de diversos assuntos que nem sempre são debatidos cotidianamente.

O câncer ainda é um tabu, assim como falar de sexualidade e imagem corporal em meio ao tratamento. No caso do câncer hereditário, este é pouco discutido socialmente, talvez por desconhecimento, pelo tabu ou pela sua baixa incidência quando comparado aos outros tipos de câncer. O fato é que ele existe e, quanto antes as predisposições genéticas são descobertas, maior se torna a chance de sucesso quanto ao planejamento de um tratamento profilático, o qual também é pouco discutido (embora tenha ganhado destaque na mídia com a conversa levantada por Angelina Jolie, o assunto foi esquecido).

Reconhecemos que a série aborda o assunto em sua complexidade e dá visibilidade a essa pauta, porém também apresenta limitações uma vez que Jane é uma mulher norte-americana, cis, branca, hétero e de classe média – e, portanto, possui privilégios sociais. É importante salientar que, por ser um conteúdo fictício, a recuperação de Jane na série pode não necessariamente corresponder à realidade de pessoas na mesma posição; da mesma forma, a análise aqui realizada é restrita ao material da série, e não é passível de ser generalizada.

## Referências

ALMEIDA, T. R. de; GUERRA, M. R.; FILGUEIRAS, M. S. T. Repercussões do câncer de mama na imagem corporal da mulher: uma revisão sistemática. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 1003-1029, 2012. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=400838257009>>. Acesso em: 16 fev. 2022.

AVELAR, C. C.; ABI-ACKEL, A. M.; NUNES, L. C. G.; AVELAR, J. T. Mastectomia profilática bilateral em mulheres com mutação de BRCA. **e-Scientia**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p.

42-46, 2019. Disponível em: <<https://revistas.unibh.br/dcbas/article/view/2979>>. Acesso em: 16 fev. 2022.

EMBOAVA, M. A escolha de Jolie e a representação midiática do câncer de mama. **Estudos em jornalismo e mídia**, v. 12, n. 2, p. 303-313, jul-dez. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2015v12n2p303>>. Acesso em: 16 fev. 2022.

FREEFORM. **The Bold Type | Season 4, Episode 14 Trailer | Jane Dates Her Boobs**. 1 vídeo (40s). 26 jun. 2020. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=kojkCCZJO\\_8](https://www.youtube.com/watch?v=kojkCCZJO_8)>. Acesso em: 07 mar. 2022.

FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: FREUD, S. **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

FREUD, S. Luto e melancolia. In: FREUD, S. **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: FREUD, S. **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996c.

FRIGGI, P. F.; QUINTANA, M. A.; REIS, C. G. da C. dos; FARIAS, C. P. A reconstrução dos contornos do eu: um olhar psicanalítico sobre a amputação. **Psicologia Pesquisa**, Juiz de Fora v. 12, n.1, p. 1-10, jan-dez. 2018. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1982-12472018000100008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472018000100008)>. Acesso em: 01 mar. 2022.

GAZOLA, C.; BREDOW, D.; PIVETTA, M. F.; BRAZ, M. M. Percepção de mulheres jovens sobre a sexualidade e a imagem corporal pós mastectomia. **Revista Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 28, n. 1, p. 93-99, jan-abr. 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/120708>>. Acesso em: 16 fev. 2022.

INCA – Instituto Nacional do Câncer. **Controle do câncer de mama: conceito e magnitude**. 19 out. 2021. Disponível em:

<<https://www.inca.gov.br/controle-do-cancer-de-mama/conceito-e-magnitude>>. Acesso em: 16 fev. 2022.

JARDIM, L. L. O risco familiar de câncer de mama: a psicanálise diante da pesquisa genética. **Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental**, v.6, n.4, p. 68-79, 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rlpf/a/yjLTgvPCpw7W3S8YgtVNr6m/?lang=pt>>. Acesso em: 17 fev. 2022.

JOLIE, A. My medical choice. **The New York Times**, Los Angeles, 14 maio 2013. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2013/05/14/opinion/my-medical-choice.html>. Acesso em: 21 fev. 2022.

LAPLANCHE J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes. 2001

SUNG, H.; FERLAY, J.; SIEGEL, R. L.; LAVERSANNE, M.; SOERJOMATARAM, I.; JEMAL, A.; BRAY, F. Global Cancer Statistics 2020: GLOBOCAN Estimates of Incidence and Mortality Worldwide for 36 Cancers in 185 Countries. **CA a cancer journal for clinicians**, v. 71, n. 3, p. 209-249, maio-jun. 2021. Disponível em: <<https://acsjournals.onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.3322/caac.21660>>. Acesso em: 21 fev. 2022.

VOLICH, R. M. O eclipse do seio na teoria freudiana: a recusa do feminino. **Percurso**, São Paulo, v. 14, p. 55-64, 1995. Disponível em: <[http://revistapercurso.uol.com.br/pdfs/p14\\_texto07.pdf](http://revistapercurso.uol.com.br/pdfs/p14_texto07.pdf)>. Acesso em: 18 fev. 2022.

WONS, L. **Aconselhamento genético em câncer**: revisão de casos atendidos em uma única instituição. Monografia (Bacharelado em Ciências Biológicas) – Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2017. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/66010>>. Acesso em: 16 fev. 2022.

## **SOBRE OS (AS) AUTORES (AS)**

**Alessandra Lopes da Silva.** Graduanda do curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Estagiária em Clínica Psicanalítica Infantil, Necessidades Educacionais Especiais e Saúde Mental e Comunidade. Áreas de atuação principais: Clínica Infantil. Educação Inclusiva. Saúde Mental e Psicologia Social.

E-mail: [alessandra.lopes@unesp.br](mailto:alessandra.lopes@unesp.br)

**Amanda Marques Ramalho.** Graduanda do curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Integrante do NEPEM (Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicologia Social, Educação e Saúde: contribuições do marxismo). Estagiária em Educação e Desenvolvimento Humano, Psicologia Social e Comunitária e Clínica Comportamental. Bolsista de iniciação científica pelo CNPq. Áreas de atuação principais: desenvolvimento humano, educação escolar infantil, psicologia social.

E-mail: [amanda.ramalho@unesp.br](mailto:amanda.ramalho@unesp.br)

**Bárbara Borges Aguida Geraldês.** Graduanda do curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Participante do Grupo de Estudo e Pesquisa "Sexualidade, Educação e Cultura" (GPESEC) e do Grupo de Pesquisa "Transgressões - Gênero, Sexualidade, Corpos e Mídias Contemporâneas". Estagiária em "Saúde Mental, Grupos e Instituições" e "Processos de Intervenção: Educação sexual". Bolsista de Iniciação Científica pela CNPq. Áreas de atuação principais: estudos de gênero, estudos feministas e maternidade.

E-mail: [b.geraldês@unesp.br](mailto:b.geraldês@unesp.br)

**Beatriz Fernandes Pipino.** Graduanda do curso de Psicologia da UNESP Bauru. Participante do grupo de pesquisa Gênero, Psicanálise e Sexualidade (GPS). Estagiária em Psicologia escolar e inclusão educacional. Bolsista de iniciação científica PIBIC-RT. Áreas de atuação: psicanálise, estudos de gênero e sexualidade, inclusão educacional.

E-mail: beatriz.pipino@unesp.br

**Fábio Ramos Teixeira.** Graduando em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP, Campus de Bauru. Membro do grupo de pesquisa do CNPq "Psicanálise: Clínica, Teoria e Cultura". Bolsista de Iniciação Científica pela FAPESP com o projeto de pesquisa "Psicanálise e cinema no contexto da formação universitária". Estagiário em Clínica Psicanalítica de Adolescentes, Psicologia Social e Psicologia da Educação.

E-mail: fabio.r.teixeira@unesp.br

**Giovanna Galasso Pannunzio.** Graduanda do curso de Psicologia da UNESP Bauru. Estagiária em Psicologia Social, Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano e Orientação Profissional para o Trabalho. Bolsista de Iniciação Científica pela FAPESP. Áreas de atuação principais: psicologia social, psicologia comunitária, saúde pública, atenção psicossocial.

E-mail: giovanna.pannunzio@unesp.br

**Giulia Mariano Marçal Pereira.** Graduanda do curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Estagiária Psicologia Social: Saúde Mental, Grupos e Instituições , acolhimento por psicoterapia breve no NTAPS e Psicologia e Educação: Processos de Intervenção - Inclusão Educacional. Áreas de

atuação principais: inclusão escolar e acompanhamento terapêutico.

E-mail: giulia.marcal@unesp.br

**Giulia Pedrosa Caniçais.** Graduanda do curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Estagiária nas áreas educacional, em Educação Sexual, e social, em Saúde Mental, Grupos e Instituições. Participou do Grupo de Estudo e Pesquisa "Sexualidade, Educação e Cultura" (GPESEC). Foi extensionista dos projetos "Educação Infantil e Formação Humana: A mediação da literatura infantil" e "Atenção Psicossocial nas Unidades de Saúde da Família". Áreas de atuação principais: relações de gênero, violências e relacionamentos abusivos, desenvolvimento psicossocial na adolescência, psicologia e educação, psicologia social comunitária.

E-mail: giulia.pedroso@unesp.br

**Ingrid Barros de Lau.** Graduanda do curso de Psicologia da UNESP Bauru. Participante do Grupo de Estudo e Pesquisa "Sexualidade, Educação e Cultura" (GPESEC). Estagiária em Educação Sexual e Psicologia Social e Comunitária.

Email: ingrid.lau@unesp.br

**Leda Leite Ferreira.** Graduanda do curso de Psicologia da UNESP Bauru. Integrante do TECER (Coletivo de Estudos e Pesquisas sobre Psicologia Escolar e Atividade Pedagógica). Estagiária em Psicologia Escolar, Clínica Comportamental Infantil e Psicologia Social e Comunitária. Bolsista de iniciação científica pela FAPESP. Áreas de atuação principais: educação escolar, psicologia social, atividade pedagógica.

E-mail: leda.ferreira@unesp.br

**Letícia Cardoso de Oliveira.** Graduanda em Psicologia na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de Bauru. Estagiária em Clínica Psicanalítica de Crianças; Processos de Intervenção - Necessidades Educacionais Especiais; e Orientação Profissional. Servidora pública municipal de Bauru-SP.  
E-mail: leticia.cardoso@unesp.br

**Marcos Paulo Martins Ferreira.** Graduando do curso de Psicologia na Universidade Estadual "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP (*campus* Bauru).  
E-mail: mp.ferreira@unesp.br

**Mariana Furtado Manzano.** Graduanda do curso de Psicologia na Universidade Estadual "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP. Estagiária em Psicologia Clínica Infantil - Abordagem Comportamental, Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano, e Psicologia Organizacional e do Trabalho.  
E-mail: mariana.manzaro@unesp.br

**Marina Nascimento de Sousa.** Graduanda do curso de Psicologia da UNESP Bauru. Integrante do NEPPEN (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia Social, Educação e Saúde: contribuições do marxismo). Bolsista de iniciação científica pelo CNPq e estagiária em Clínica Comportamental, Psicologia social e comunitária e Psicologia Escolar. Áreas de atuação: psicologia escolar, com foco no desenvolvimento infantil, e psicologia social.  
E-mail: mn.sousa@unesp.br

**Mayra Fernanda Mendes Braga.** Graduanda do curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Estagiária em Clínica Comportamental e em Psicologia Social e Comunitária. Participante do grupo de estudo e pesquisa Transgressões:

Gêneros, Sexualidades, Corpo e Mídia. Gestora Pedagógica e professora no projeto de extensão Cursinho Ferradura. Área de atuação principais: psicologia clínica, gênero e violência, educação.

E-mail: mayra.braga@unesp.br

**Natália Caroline Corrêa.** Graduanda do curso de Psicologia da UNESP Bauru. Estagiária em Psicoterapia e Psicanálise com Crianças, em Psicologia da Educação, e em Psicologia Organizacional e do Trabalho.

E-mail: n.correa@unesp.br

**Sabrine de Anne Santos Dias.** Graduanda do curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Voluntária no Projeto de Extensão "Quando a maré sobe, todos os barcos se elevam" com foco em avaliação psicológica e enriquecimento curricular para pessoas com comportamento de superdotação. Diretora de Gestão de Pessoas no projeto Canarinho Aerodesign. Áreas de atuação principais: avaliação psicológica, psicologia organizacional e do trabalho, análise do comportamento aplicada em organizações.

E-mail: sabrine.anne@unesp.br

**Stefany Montagner Bonifácio.** Graduanda do curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Estagiária em Terapia Comportamental e Processos de Intervenção - Necessidades Educacionais Especiais. Bolsista na Frente de Prevenção e Promoção em Saúde Mental - NTAPS (Núcleo Técnico de Atenção Psicossocial) da Unesp. Áreas de atuação principais: Prevenção e Promoção em Saúde Mental. Oficinas de Auxílio Psicopedagógico. Processos Educativos. Terapia Comportamental.

E-mail: stefany.montagner@unesp.br

**Vanessa de Oliveira Neves.** Graduanda em Psicologia na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus Bauru. Atuou como voluntária no projeto Centro de Voluntariado Universitário (CVU). Membro estudante do Grupo de Estudo e Pesquisa "Sexualidade, Educação e Cultura" (GPESEC). Coordenadora e integrante do Grupo de Estudos Psicanalíticos: Subjetividades Contemporâneas (GEPISICA). Bolsista de Iniciação Científica pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), orientada pela prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Claudia Bortolozzi e executando o projeto intitulado "Contracepção em Casais Heterossexuais Universitários: Concepções e Responsabilidades".  
E-mail: [vanessa.o.neves@unesp.br](mailto:vanessa.o.neves@unesp.br)

**Victória Nuri Habedank Vallespin.** Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus Bauru. Participante do Grupo de Estudos Psicanalíticos sobre as Subjetividades Contemporâneas (GEPISIC). Integrante do Projeto de Extensão "Ateliês de Contação de Histórias – Psicanálise e Arte como Ação Clínica, Social e Política na Atenção à Infância". Estagiária em Clínica Psicanalítica e Psicologia Social.  
E-mail: [victoria.habedank@unesp.br](mailto:victoria.habedank@unesp.br)

## **SOBRE AS (O) ORGANIZADORAS (OR)**

**Ana Cláudia Bortolozzi.** Psicóloga. Docente no Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP. Livre docente em Educação Sexual, Inclusão e Desenvolvimento Humano. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sexualidade, Educação e Cultura (GPESEC) e do Laboratório de Ensino e Sexualidade Humana (LASEX). Áreas de atuação principais: Psicologia do Desenvolvimento Humano. Educação Sexual. Sexualidade e Deficiências.  
E-mail: claudia.bortolozzi@unesp.br

**Brenda Sayuri Tanaka.** Psicóloga. Bolsista Capes de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sexualidade, Educação e Cultural (GPESEC). Estagiou nas áreas de Clínica Psicanalítica, Educação Sexual e Orientação Profissional. Áreas de atuação principais: Desenvolvimento psicossocial na adolescência, educação sexual e mídias, violência e saúde sexual.  
E-mail: brenda.s.tanaka@unesp.br

**Débora de Aro Navega.** Enfermeira. Doutoranda no Programa de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/FC). Bolsista Capes. Mestre em Educação Sexual (UNESP/FCLAr). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sexualidade, Educação e Cultura

(GPESEC). Áreas de atuação principais: Educação Sexual, Inclusão, Prevenção de IST, Educação em Saúde.

E-mail: debora.navega@unesp.br

**George Miguel Thisoteine.** Psicólogo. Mestrando em Educação Sexual, UNESP-Araraquara. Graduando em Letras pela USP. Membro do grupo de Estudos e Pesquisa "Sexualidade Educação e Cultura" (GPESEC). Docente no curso de psicologia da Faculdade Campos Salles (São Paulo-SP). Atuação principal: Clínica Psicanalítica, Análise do Discurso e Surrealismo.

E-mail: georgemtcmf@gmail.com

**Leilane Raquel Spadotto de Carvalho.** Psicóloga. Bolsista Capes de doutorado em Educação Escolar na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP/FCLAr, campus Araraquara). Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP/FC, campus Bauru). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sexualidade, Educação e Cultura (GPESEC). Áreas de atuação principais: Sexualidade, Educação Sexual, Inclusão e diversidade.

E-mail: leilane.spadotto@unesp.br

## SOBRE O GEPESEC

O Grupo de Estudos e Pesquisa em Sexualidade, Educação e Cultura (GEPESEC) foi fundado no ano de 2006 pela Professora Assoc. Ana Cláudia Bortolozzi, junto à Faculdade de Ciências da UNESP *campus* Bauru. Realiza atividades de ensino, pesquisa e extensão em Sexualidade e Educação Sexual, das quais participam discentes do curso de Graduação em Psicologia e dos Programas de Pós-graduação em “Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem” (UNESP Bauru) e em “Educação Escolar” (UNESP Araraquara), entre outros/as alunos/as e pesquisadores/as associados/as de outras áreas do conhecimento. O grupo reúne uma extensa produção coletiva, publicada na “Coleção Sexualidade e Mídias”<sup>1</sup>, na qual analisa diversos aspectos da Sexualidade e da Educação Sexual presentes em filmes e outras mídias. Além disso, apresenta relevante protagonismo na produção de saberes e práticas em Sexualidade e Educação Sexual<sup>2</sup>, bem como, na difusão destes por meio de eventos e de publicações como esta.

Os encontros de estudo e pesquisa do GEPESEC são realizados no Laboratório de Ensino e Pesquisa em educação Sexual (LASEX), inaugurado em 2012 no *campus* da UNESP Bauru, possibilitando a reunião de orientandos/as e demais interessados/as no estudo e pesquisa de áreas da sexualidade e correlatas.

---

<sup>1</sup> Publicados pela Pedro & João Editores (São Carlos-SP).

<sup>2</sup> Publicados pela Padu Aragon Editor (Araraquara-SP).

Para acompanhar o grupo e ter mais informações sobre reuniões de estudo e publicações, sigam nossas redes sociais ou entre em contato conosco:



@gepesecunesp

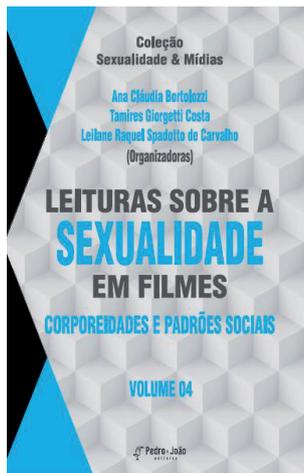
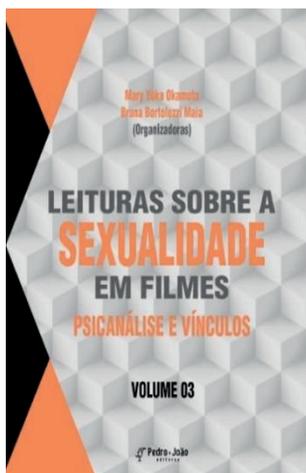
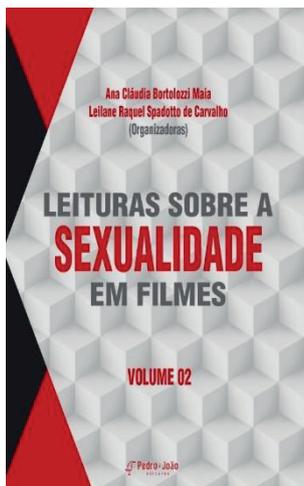
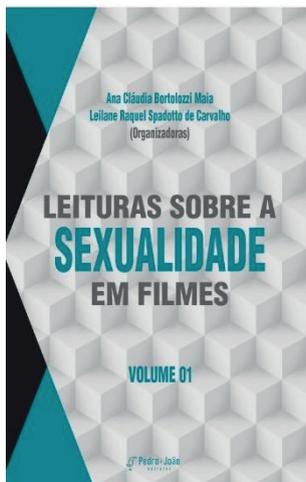


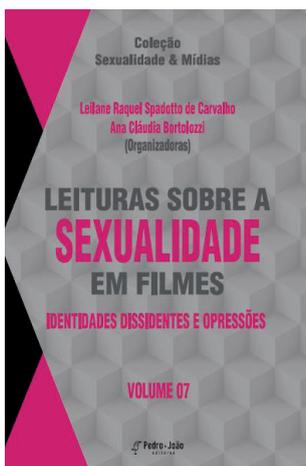
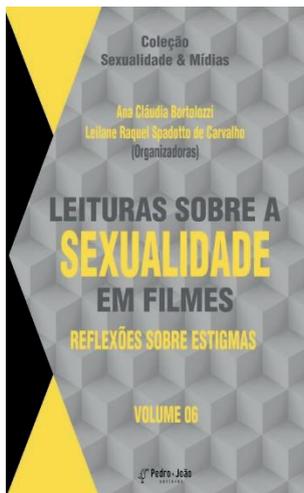
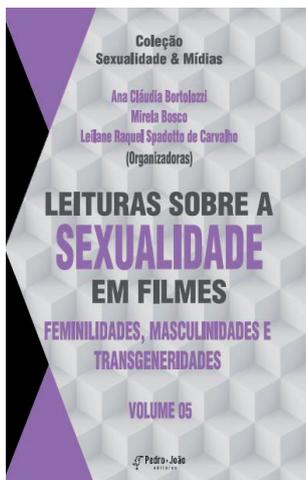
<https://www.facebook.com/gepesec>

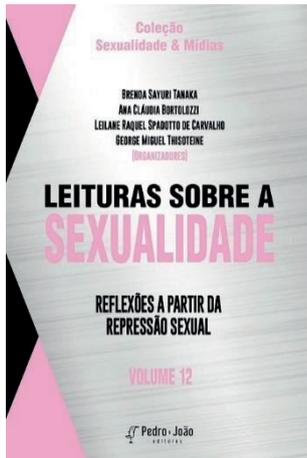
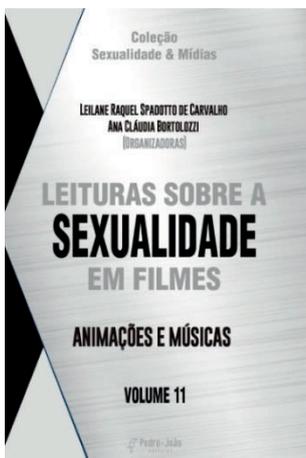
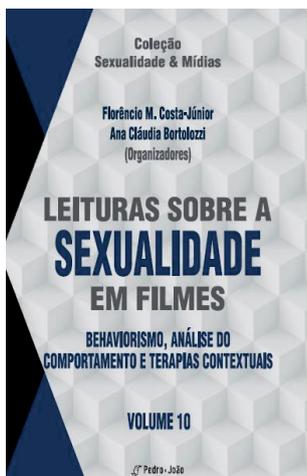
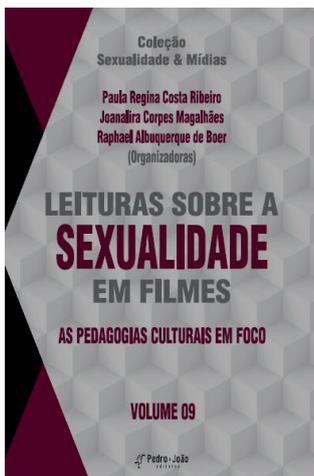


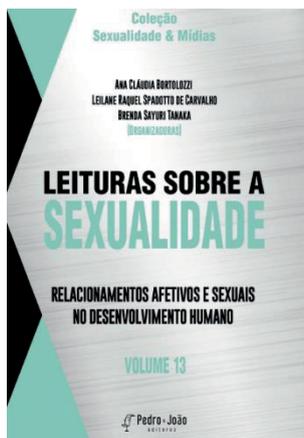
[pesquisagepesec@gmail.com](mailto:pesquisagepesec@gmail.com)

## OUTROS VOLUMES DA COLEÇÃO SEXUALIDADE & MÍDIAS









Neste Volume 14 da Coleção Sexualidade & Mídias o que os capítulos têm em comum são as discussões sobre as feminilidades, assim como as repressões e resistências que acompanham o tema, tratando de questões específicas como maternidade, puerpério, autoimagem de mulheres mastectomizadas, transfobia, assédio sexual no trabalho, violência doméstica, dentre outros.

